

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local

Universidade Sénior de Oliveira do Bairro:

Contributos para a qualidade de vida e para o
desenvolvimento local

Márcio José Sol Pereira Oliveira

Coimbra, 2014.

Márcio José Sol Pereira Oliveira

Universidade Sénior de Oliveira do Bairro:
Contributos para a qualidade de vida e para o
desenvolvimento local

Dissertação de Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local,
apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de
Coimbra para obtenção do grau de Mestre.

Constituição do júri:

Presidente: Professora Doutora Fátima Neves

Arguente: Professora Doutora Lucília Salgado

Orientador: Professor Doutor Nuno Carvalho

Data da realização das provas públicas: 22 de julho de 2014.

Classificação obtida: Excelente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Doutor Nuno Carvalho por toda a disponibilidade de tempo e atenção que dedicou a este trabalho, por acreditar neste estudo e em mim e por ter aceitado ser o meu orientador. A filosofia que segue de máxima liberdade, máxima responsabilidade e que fez recair sobre mim e sobre este estudo é também aquela onde me sinto mais à vontade para trabalhar e terá sido esta uma das chaves do sucesso do presente trabalho. Acima das diferenças de ideologia política, religiosa e futebolística (que as temos, e já haveria aqui matéria para inviabilizar muitas boas vontades), sobrepôs-se o carácter do ser humano, construiu-se uma relação, que no final perdurará, no mínimo, incorporada numa forte amizade. Professor, por tudo, muito obrigado.

Agradeço aos colaboradores da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro, nomeadamente àqueles que trabalham com maior proximidade com este projeto. À Jeaninne, ao João, e à Cláudia, a todos os professores, assim como a todos os estagiários que já passaram pela UNISOB, como mais recentemente, a Joana, a todos agradeço reconhecendo que sem a sua ação, a UNISOB não seria o que é hoje. Uma palavra de incentivo para continuarem o excelente trabalho que tem colocado a UNISOB como um projeto socioeducativo de referência na região.

Agradeço aos meus colegas de executivo da Junta de Freguesia, Jorge Pereira, Maria da Luz, Manuel Silva e Maria João e Hélder Neves, que comigo têm partilhado, desde o primeiro dia, das dúvidas, incertezas, angústias e felicidades, em torno deste projeto, e que não teria sido possível sem o seu acordo, aval e confiança. Companheiros, podemos dizer com orgulho que estamos a deixar a nossa marca, na nossa Freguesia.

Agradeço aos alunos e entrevistados que colaboraram com este estudo, pois a sua participação tornou-se decisiva para o prosseguimento deste trabalho. Como bem sabem, a UNISOB é de todos nós e todos, à medida de cada um, devemos colaborar

para que este projeto cresça. Foi o que fizeram, é o que continuam a fazer e um bem-haja por isso.

Agradeço a todas as entidades que colaboraram com a cedência de informação para este estudo, nomeadamente à Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente, Sr. Mário João Oliveira e à RUTIS, na pessoa do seu Presidente da Direção, Dr. Luís Jacob.

Agradeço à minha família, aos que estão na terra e aos que estão no céu, e que com a sua ação contribuíram para moldar e formar a pessoa que sou hoje. A todos eles quero dizer que podem encontrar na essência deste estudo mais um prolongamento do meu ser... mais um prolongamento de vós mesmos.

À minha esposa Tânia, pelo seu amor incondicional que tenho sentido nesta década que já passou, de namoro e vida conjunta.

Por último, aos meus filhos António e Maria, verdadeiras forças motrizes da minha vida, pela nova dimensão que trouxeram ao meu ser humano. A eles deixo estas palavras que espero, sejam por eles lidas, quando já forem crescidos: se andam a vaguear pelo escritório, sem saber bem o que fazer e por acaso encontraram agora este trabalho feito pelo vosso pai, deixem-se mas é de tretas e ponham-se a estudar.

Muito obrigado a todos.

UNIVERSIDADE SÉNIOR DE OLIVEIRA DO BAIRRO:

CONTRIBUTOS PARA A QUALIDADE DE VIDA E PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

RESUMO

O presente estudo intitulado “Universidade Sênior de Oliveira do Bairro: Contributos para a qualidade de vida e para o desenvolvimento local” tem como objetivos analisar a importância da Universidade Sênior de Oliveira do Bairro para os seus alunos e na promoção do desenvolvimento local.

Para o efeito, faz-se uma revisão da literatura abordando temáticas como o envelhecimento e a velhice, o desenvolvimento local e as universidades seniores.

A presente investigação, enquadrada no âmbito de um estudo de caso, com investigação qualitativa e quantitativa, está consubstanciada nos seguintes instrumentos metodológicos: análise bibliográfica e documental, observação direta, inquérito por questionário e inquérito por entrevista.

Os resultados obtidos permitem evidenciar que a Universidade Sênior de Oliveira do Bairro pode ser encarada como um projeto que interfere de forma muito positiva na melhoria da qualidade de vida dos seus alunos, que promove o envelhecimento ativo e que, sendo uma entidade aberta à comunidade, contribui para a promoção do desenvolvimento local de Oliveira do Bairro.

Palavras-Chave: Qualidade de Vida; Desenvolvimento Local; Envelhecimento; Envelhecimento Ativo, Universidades Seniores.

SUMMARY

The present study titled "The Oliveira do Bairro Senior University: Contributions to the quality of life and to local development" aims to analyse the importance of Oliveira do Bairro Senior University for their students and to promote the local development.

For this purpose, we present a literature review addressing subjects such as aging and old-age, local development and senior universities.

The current investigation, addressed within a case study, with qualitative and quantitative approach, is embodied in the following methodological instruments: bibliographic and documentary analysis, direct observation, questionnaire survey and interview survey.

The results show that Oliveira do Bairro Senior University should be seen as a project that influences positively the students quality of life, promotes the active aging and, being open to the community, contributes to promote Oliveira do Bairro local development.

Keywords: Quality of life; Local Development, Aging; Active Aging; Senior Universities.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – Enquadramento Teórico	7
1. Envelhecimento e velhice	9
1.1. <i>O envelhecimento e a realidade demográfica</i>	9
1.2. <i>Construção social da velhice</i>	12
1.2.1. <i>Velhice e representações sociais</i>	13
1.2.2. <i>O idadismo</i>	14
1.2.3. <i>Desconstrução de estereótipos</i>	16
1.3. <i>Promoção do envelhecimento ativo e qualidade de vida</i>	19
2. Do conceito de Desenvolvimento ao Desenvolvimento Local Sustentável	24
2.1. <i>O conceito de desenvolvimento</i>	24
2.2. <i>Desenvolvimento local, comunitário e sustentável</i>	28
3. Aprendizagem ao longo da vida	33
4. A emergência das Universidades da Terceira Idade	35
4.1. <i>A origem das Universidades da Terceira Idade</i>	35
4.2. <i>Objetivos das Universidades da Terceira Idade</i>	36
4.3. <i>A emergência das Universidades da Terceira Idade em Portugal</i>	38
4.4. <i>Caracterização das Universidades da Terceira Idade em Portugal</i>	39
CAPÍTULO 2 – Contexto da Investigação	43
1. Caracterização do Concelho de Oliveira do Bairro	45
1.1. <i>Caracterização geográfica</i>	45
1.2. <i>População residente e densidade populacional</i>	46
1.3. <i>Estrutura etária da população</i>	47
1.4. <i>Índice de envelhecimento e sua evolução</i>	48
1.5. <i>População por sector de atividade</i>	49
1.6. <i>População face ao Emprego</i>	50
1.7. <i>Taxa de analfabetismo</i>	50
2. Caracterização da Freguesia de Oliveira do Bairro	51
3. Caracterização da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro	53

CAPÍTULO 3 – Objetivos e Metodologia	55
1. Problemática e Objetivos do Estudo	57
2. Questão de partida e questões orientadoras	57
2.1. <i>Questão de partida</i>	57
2.2. <i>Questões orientadoras</i>	58
3. Contextualização do estudo	58
4. Universo de Estudo	59
5. Métodos, Técnicas e Instrumentos de Recolha e Tratamento de Dados	60
5.1. <i>Estudo de Caso</i>	60
5.2. <i>Técnicas e Instrumentos de Recolha e Tratamento de Dados</i>	61
5.2.1. <i>Pesquisa e análise bibliográfica e documental</i>	61
5.2.2. <i>Observação Direta</i>	62
5.2.3. <i>Inquérito por questionário</i>	62
5.2.4. <i>Inquérito por entrevista</i>	64
CAPÍTULO 4. Apresentação e Discussão dos resultados obtidos	69
1. Inquérito por questionário	71
1.1. <i>Caracterização dos inquiridos</i>	72
1.1.1. <i>Sexo</i>	72
1.1.2. <i>Idade</i>	72
1.1.3. <i>Habilitações literárias</i>	73
1.1.4. <i>Naturalidade</i>	73
1.1.5. <i>Estado civil</i>	74
1.1.6. <i>Situação profissional e atividade profissional</i>	75
1.2. <i>Conhecimento da UNISOB</i>	76
1.2.1. <i>Forma de tomada de conhecimento da UNISOB</i>	77
1.2.2. <i>Motivações</i>	78
1.2.3. <i>Disciplinas e Atividades Extracurriculares</i>	79
1.2.4. <i>Funcionamento</i>	82
1.3. <i>Contributos da UNISOB para os alunos</i>	85
1.3.1. <i>Benefícios</i>	85
1.4. <i>Contributo da UNISOB para a comunidade</i>	88
1.4.1. <i>A UNISOB como espaço aberto à comunidade</i>	88

1.4.2. <i>Contributo para o desenvolvimento comunitário</i>	90
2. Inquérito por entrevista..	93
2.1. <i>Categoria – Conhecimento sobre as Universidades Seniores</i>	94
2.1.1. <i>Subcategoria - Papel de uma Universidade Sénior</i>	95
2.1.2. <i>Subcategoria - Características dos destinatários das Universidades Seniores</i>	96
2.2. <i>Categoria - Conhecimento sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro</i>	96
2.2.1. <i>Subcategoria - Forma da tomada de conhecimento sobre a UNISOB</i>	97
2.2.2. <i>Subcategoria - Conhecimento das atividades e oferta letiva da UNISOB e sua pertinência..</i>	97
2.3. <i>Categoria - Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade</i>	97
2.3.1. <i>Subcategoria - Importância para os alunos..</i>	98
2.3.2. <i>Subcategoria - Importância para a comunidade</i>	98
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Evolução do número de alunos, por sexo e %, 2002-2011.....	40
Quadro 2. Denominação ao longo dos anos, em %, 2002-2012.....	40
Quadro 3. Pertença.....	41
Quadro 4. Vínculo dos professores, em %.....	41
Quadro 5. Relação Universidades/Professores, em %.....	41
Quadro 6. UTIS com grupos de música e teatro.....	42
Quadro 7. Número de disciplinas por Universidade, em %.....	42
Quadro 8. Mensalidades, em % de alunos.....	42
Quadro 9. Tipo de Instalações, em %.....	42
Quadro 10. População Residente (Nº) por freguesia.....	48
Quadro 11. Motivos que fundamentaram a inscrição na UNISOB.....	79
Quadro 12. Disciplinas que despertaram mais interesse aos alunos da UNISOB.....	80
Quadro 13. Atividades extracurriculares que despertaram maior interesse aos alunos da UNISOB.....	81
Quadro 14. Grau de satisfação dos inquiridos (%).....	83
Quadro 15. Importância da UNISOB para a vida pessoal e social (%).....	86
Quadro 16. Áreas do desenvolvimento comunitário para as quais a UNISOB contribui.....	91
Quadro 17. Categorias e Subcategorias.....	94

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Inquiridos por grupo etário.....	72
Gráfico 2. Inquiridos quanto ao sexo.....	72
Gráfico 3. Inquiridos quanto às habilitações literárias.....	73
Gráfico 4. Inquiridos quanto à naturalidade.....	74
Gráfico 5. Inquiridos quanto ao estado civil.....	74
Gráfico 6. Inquiridos quanto à situação profissional.....	75
Gráfico 7. Inquiridos quanto à atividade profissional.....	76
Gráfico 8. O modo como os inquiridos tomaram conhecimento do projeto.....	78
Gráfico 9. Motivos que fundamentaram a inscrição na UNISOB.....	79
Gráfico 10. Disciplinas que despertaram mais interesse aos alunos da UNISOB.....	80
Gráfico 11. Atividades extra curriculares que despertaram maior interesse aos alunos da UNISOB.....	82
Gráfico 12. Benefícios para vida pessoal e/ou social associados UNISOB (%).....	85
Gráfico 13. A UNISOB é um espaço aberto à comunidade?.....	88
Gráfico 14. Contributo da UNISOB para o desenvolvimento comunitário.....	91
Gráfico 15. Áreas do desenvolvimento comunitário para as quais a UNISOB contribui.....	92

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Inquérito por questionário.....	122
Anexo 2. Inquérito por entrevista.....	128
Anexo 3. Respostas aos inquéritos por entrevista.....	130
Anexo 4. Matriz de análise de conteúdo.....	138

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um fenómeno universal ao qual nenhum indivíduo consegue escapar (Eurostat, 2012). O envelhecimento pode ser encarado, e é normalmente encarado de forma negativa, por estar associado a fenómenos de doença, isolamento, pobreza e exclusão. No entanto, pode (e deve) também ser visto como uma das grandes conquistas da humanidade, na medida em que representa o aumento da esperança média de vida da população, associado à melhoria das condições de vida e a um maior acesso a cuidados de saúde. O envelhecimento deve também ser encarado como um desafio para a sociedade e para os indivíduos, impondo-se que “o processo de envelhecimento seja otimizado” e se adotem estratégias de envelhecimento ativo (António, 2011, p. 7). A expressão envelhecimento ativo, que no final do século XX substituiu a expressão envelhecimento saudável, surge da alteração proposta pela Organização Mundial de Saúde, em 2002, com o objetivo de tornar os idosos um grupo com melhor qualidade de vida, garantindo-lhes um maior nível de bem-estar quer físico, quer social e também mental ao longo de toda a vida.

A promoção do envelhecimento ativo integra políticas como a

aprendizagem ao longo da vida, o prolongamento da vida ativa, o adiamento da idade de reforma e a introdução de um sistema de reforma mais gradual, bem como a continuidade de uma vida ativa após a reforma e o desenvolvimento de atividades que permitam otimizar as capacidades individuais e manter o bom estado de saúde de cada pessoa... (Comissão das Comunidades Europeias citada por Peralta, 2011, p.18).

A Comissão Europeia reconhece assim a necessidade de se criarem ambientes propícios ao estímulo da aprendizagem pela população sénior. Também Fonseca (2007) considera que a promoção da qualidade de vida deste grupo da população passa pelo envolvimento em iniciativas de participação social, como as universidades seniores.

As universidades seniores, também designadas de universidades de/para a terceira idade, surgiram em França em 1973, tendo este conceito sido trazido para Portugal por Herberto Miranda, para a cidade de Lisboa, em 1978.

Vários são os estudos que alertam para a influência das universidades seniores na promoção da qualidade de vida do idoso. Salientamos a abordagem de Marconcin, Real, Dias e Fonseca (2010), que defende que a participação dos idosos nas universidades seniores proporciona-lhes “crescimento pessoal, desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, físicas, sociais e psicológicas, sentimentos de realização

e valorização dos seus trabalhos e esforços, qualidade de vida e bem-estar” (p. 18). Também Ferreira (2006) considera que as universidades de terceira idade garantem à população idosa a possibilidade de aprender ou ensinar, ao mesmo tempo que promovem o convívio intergeracional.

Segundo Veloso (2002) referido por Jacob (2011), as universidades de terceira idade têm o propósito de, entre outros objetivos, promover a valorização e integração do idoso, garantir o contacto desta população com a realidade e a dinâmica social, evitar o isolamento e a marginalização e promover a ocupação de tempos livres. Geis (2003) refere as atividades de ocupação de tempo livre devem ter em atenção a população alvo, nomeadamente as suas necessidades, interesses e limitações. Ferreira (2006) apresenta, além da ocupação de tempos livres dos idosos com atividades educativas e culturais, outras vantagens associadas às universidades de terceira idade:

fomentar a formação ao longo da vida, promover a intergeracionalidade, maximizar o capital intelectual da população idosa, integração na sociedade, desenvolver atividades desportivas e recreativas, reforçar laços de amizade, adquirir conhecimentos, transmitir conhecimentos, sentir-se útil, não se sentir só e reforçar a confiança em si mesmo. Ferreira (2006, p. 9)

De acordo com Magalhães, Fernandes, Antão e Anes (2010), as universidades de terceira idade poderão constituir um importante auxílio na desconstrução dos estereótipos e dos preconceitos associados à velhice, estimulando a melhoria do bem-estar do idoso e reduzindo as perceções negativas que a sociedade tem sobre a velhice. Promovendo uma participação ativa e adaptada dos idosos permitirá melhorar a perceção que estes cidadãos têm da sua vida, o que lhes possibilita “dar vida aos anos e não apenas anos à vida.”

De acordo com Carmo (1999), o desenvolvimento corresponde a um processo dinâmico, complexo e inacabado. Parafraseando Cristóvão (1999, p. 1), “o desenvolvimento implica [...] alcançar oportunidade económica (para todos), (uma) sociedade civil (ativa) e (ampla) liberdade política” (Dahrendorf, 1995), ou “uma sociedade justa, sustentável e inclusiva” (Korten, 1990). Pegando no contributo de Araújo (2006), desenvolvimento implica a transformação dos indivíduos nas várias dimensões da sua vida: emocional, afetiva, pessoal e social.

Entre os vários conceitos de desenvolvimento, encontramos o conceito de desenvolvimento local, baseado nas pessoas e nas comunidades locais. De acordo com Amaro (2003), desenvolvimento local traduz-se no

processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo aquela o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspetiva integrada dos problemas e das respostas. Amaro (2003, p. 26)

Este conceito integra, por um lado, o paradigma territorialista (mais virado para a vertente académica) e, por outro, as experiências do terreno (mais indutivas).

Inerente ao processo de desenvolvimento está o nível educacional da população. Caleiro (2011) identifica uma correlação entre os níveis de educação e o desenvolvimento de um determinado país ou território, na medida em que “o investimento em educação pode permitir alcançar um maior nível de desenvolvimento mas também este, por sua vez, pode gerar acréscimos no nível educacional da população, em geral” (Caleiro, 2011, p. 1). Podemos então afirmar que educação está implicada no processo de desenvolvimento (Caride, Pereira & Vargas, 2007).

A aposta na educação para o desenvolvimento proporciona a participação dos cidadãos na definição de políticas que promovam a igualdade à escala global e local, na medida em que incute o espírito crítico aos cidadãos face ao ambiente que os rodeia, fá-los refletir e coresponsabiliza-os (Peralta, 2011).

Existem inúmeros estudos sobre o efeito das universidades seniores na qualidade de vida dos cidadãos e na promoção do envelhecimento ativo. Escassos são os trabalhos que analisam o impacto destas instituições na comunidade e no seu desenvolvimento. O trabalho proposto visa analisar a importância da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro para os seus alunos e analisar a importância da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro na promoção do desenvolvimento local;

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, composto por três partes, apresenta-se uma revisão da literatura onde são abordados os conceitos inerentes à problemática em estudo.

Na primeira parte, reportando à temática sobre o envelhecimento, são abordadas as mudanças que ocorrem com a idade, o envelhecimento na ótica da demografia, a

visão negativa do envelhecimento, o envelhecimento ativo e a importância das universidades de terceira idade na promoção do envelhecimento ativo.

Na segunda parte, relativa ao desenvolvimento local, é abordada a questão do conceito de desenvolvimento, paradigma funcionalista e territorialista, e um pouco do caminho percorrido para se chegar ao desenvolvimento local, comunitário e sustentável, conforme hoje é concebido.

Na terceira parte, relativa às universidades seniores, abordam-se as origens das universidades de terceira idade, os seus objetivos, o surgimento desta tipologia de projetos em Portugal e faz-se a caracterização atual das universidades seniores em Portugal, relativamente aos indicadores para os quais existem dados.

No segundo capítulo é apresentado o contexto da investigação, onde é feita a caracterização do Concelho de Oliveira do Bairro, Freguesia de Oliveira do Bairro e a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro.

O terceiro capítulo é dedicado à problemática e objetivos do estudo, à contextualização do estudo, ao universo de estudo e à análise aos métodos, técnicas e instrumentos de recolha e tratamento de dados.

No quarto capítulo são apresentados e discutidos os resultados da investigação que se consideram mais pertinentes e relevantes ao presente estudo.

Por fim, apresentam-se as conclusões do estudo e recomendações finais decorrentes da discussão realizada ao longo deste estudo.

CAPÍTULO 1.
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo pretende-se explicar o que se entende por Envelhecimento e Velhice, onde são abordadas as mudanças que ocorrem na pessoa com o avançar da idade, o envelhecimento na ótica da demografia, assim como a visão negativa sobre o envelhecimento, o envelhecimento ativo e a ligação deste com a importância crescente das universidades seniores.

É abordada a temática do desenvolvimento local, nomeadamente a evolução do conceito de desenvolvimento até ao desenvolvimento local sustentável, passando pela caracterização de desenvolvimento local, comunitário e sustentável.

Por último é abordada a temática da emergência das universidades de terceira idade (UTIS), desde a sua origem aos seus objetivos, seguindo-se uma caracterização da realidade deste fenómeno em Portugal, terminando este capítulo com uma caracterização atual das UTIS.

1. Envelhecimento e velhice

1.1. O envelhecimento e a realidade demográfica

O envelhecimento demográfico apresenta-se como um processo irreversível ao longo dos próximos anos e terá particular incidência nos países industrializados.

As sociedades ocidentais passaram nas últimas décadas, de regimes demográficos com elevadas taxas de natalidade e mortalidade, com uma população jovem e com baixa esperança média de vida, para um regime onde a população idosa têm um peso cada vez maior, com menor taxa de natalidade e aumento da esperança média de vida.

O envelhecimento demográfico tem vindo a intensificar-se, não só em Portugal mas também no resto do mundo. De acordo com Oliveira (2008a), em 1950 deveriam existir aproximadamente 200 milhões de seres humanos com mais de 60 anos e no ano 2000, estes já seriam quase 600 milhões, prevendo este autor que no ano de 2010 se atingiria o número de 1000 milhões.

A respeito do aumento da esperança média de vida, Lima (2004) refere que a mesma aumentou entre 1920 e o ano 2000, para os homens, de 35,8 para 72,7 anos e para as mulheres, de 40 para 79,7 anos, mais do que duplicando no caso dos homens e quase que duplicando no caso das mulheres, num espaço temporal de apenas 80 anos. Ao

tal desenvolvimento não serão alheios os progressos científicos em áreas como a medicina, nos cuidados de higiene e nutrição, a urbanização, as condições de trabalho, entre outras.

De acordo com Nazareth (2009), o envelhecimento demográfico não têm apenas em consideração o aumento do número de idosos, pois para a demografia são tidos em conta dois tipos de envelhecimento: “o envelhecimento de base”, onde na pirâmide das idades, o número de jovens começa a diminuir e o “envelhecimento no topo”, onde o inverso acontece, aumentando o número de pessoas com idade avançada, levando a uma inversão da pirâmide das faixas etárias.

De acordo com o mesmo autor, estes dois tipos de envelhecimento estão relacionados e têm ocorrido simultaneamente, assistindo-se a um duplo envelhecimento da sociedade. Mesmo em países em vias de desenvolvimento, como o caso do Brasil, ou nos mais populosos do mundo, como a China e a Índia, se pode assistir a este fenómeno de envelhecimento da população (Oliveira, 2008a, p. 18). Na Europa, e segundo dados do Eurostat (2009), a proporção de pessoas no grupo etário dos 50-64 anos aumentou de 16,8% em 1988, para 18,6% em 2008; no escalão de 65-79 anos, os valores passaram de 11,8% em 1998 para 12,7% em 2008 e no grupo de pessoas com mais de 80 anos, em 1998 havia 3,4% de pessoas e em 2008 passou a haver 4,3%.

Neste sentido, todas as previsões deste organismo indicam que a população continuará a envelhecer na Europa, de forma generalizada, sendo que a média de idades, que em 2008 era de 40,4 anos, deva passar em 2060 para 47,9 anos e que o número total de pessoas com 65 anos ou mais deverá passar de 84,6 milhões em 2008 para 151,1 milhões em 2060, o que corresponde a um aumento na percentagem da população de 17,1% para 30%. O número de pessoas com 80 anos ou mais será o que mais deve aumentar, pois é espectável que triplique entre 2008 e 2060, passando de 21,8 milhões de pessoas para 61,4 milhões de pessoas.

De forma a reforçar a necessidade de serem equacionadas novas formas de organização social, tendo por base o rumo a que nos têm conduzido as alterações da estrutura etária da nossa população nas últimas décadas, pode-se ainda referir mais um dado do Eurostat (2009): em 2008, na Europa a vinte e sete países, por cada pessoa com 65 anos ou mais, existiam quatro pessoas em idade ativa (15 a 64 anos de

idade). Em 2060, o rácio será de um para dois, por cada pessoa com 65 anos ou mais haverá duas pessoas em idade ativa, o que levanta imensas questões, nomeadamente sobre a subsistência dos Estados Sociais onde assentam princípios como a solidariedade intergeracional.

Em Portugal, e de acordo com o Instituto Nacional de Estatística, os valores absolutos e as percentagens encontram-se alinhadas com os valores apresentados anteriormente e válidos para o cenário Europeu. Mantem-se a tendência para o duplo envelhecimento da população residente em Portugal, para a descida da natalidade, para o aumento da longevidade e assim, para a contínua inversão da pirâmide demográfica da estrutura etária da população.

No seguimento das alterações demográficas referidas, Nazareth (2009, p. 15) entende que se têm vindo a desenvolver o conceito de que o envelhecimento demográfico “(...) é uma espécie de nova calamidade que apareceu de um momento para o outro”, contudo, este fenómeno já se iniciou por volta dos anos sessenta do século XX, inicialmente a um ritmo mais lento e nas últimas décadas a um ritmo mais acentuado. O envelhecimento é assim um desafio cada vez maior para as sociedades, países ou comunidades espalhadas pelo mundo inteiro, exige novas respostas para as questões que coloca e exige um novo olhar para a problemática associada ao idoso. A demografia ajuda a interpretar a realidade mas para se compreender a problemática associada ao envelhecimento e todas as suas cambiantes, é necessário socorrermos de um vasto leque de ciências e áreas do conhecimento. Nazareth (2009, p. 174) questiona: “o que significa, na realidade, ser velho em pleno século XXI? Ter mais de 65 anos?” A reflexão continua, com o autor a enfatizar a necessidade de se desconstruir mitos como o conceito de terceira idade, de combater a visão negativa que prevalece sobre o envelhecimento e por alternativa, acentuar as enormes potencialidades das pessoas mais velhas.

Conforme se percebe pelos estudos demográficos, o envelhecimento demográfico surge pela combinação de dois fatores como a redução da mortalidade e a redução da fecundidade. O declínio da mortalidade, que se verificou a partir dos finais do século XIX começou por promover um rejuvenescimento da população, favorecendo a natalidade, contudo, com a decida da taxa de fecundidade que se seguiu algumas décadas mais tarde veio a resultar numa redução do número de jovens e num

aumento da esperança média de vida. Esta realidade associada a muitos outros fatores sociais, haveria de trazer um aumento das pessoas idosas.

Estas tendências têm sido associadas a conotações negativas sobre o evoluir da nossa sociedade, pois estes factos facilmente desencadeiam mais encargos com idosos, com custos que se refletirão em gerações futuras, a possível falência dos sistemas de reforma e projetam uma imagem futura de conservadorismo, falta de vitalidade ou de dinamismo.

1.2. Construção social da velhice

O aumento da esperança média de vida que têm vindo a aumentar choca com o conceito de que à velhice se chega quando se atinge os 65 anos de idade (valor relativamente imutável ao longo do tempo), pois com 80 anos, um idoso têm hoje muito mais saúde e condições para contrariar a doença do que um outro idoso da mesma idade a algumas décadas atrás.

Esta noção de envelhecimento demográfico, ao ser construída sobre uma categoria de idade que é fixa, contribui para mascarar a evolução real da idade, em termos da qualidade dos anos vividos e conquistados à morte. (Fernandes, 1997, p. 8).

A infância, a adolescência, o casamento, o nascimento dos filhos, a idade ativa e a velhice têm sofrido alterações de calendário por força deste aumento da esperança média de vida ao que também as produções científicas e os pensamentos demográficos se têm de ajustar. Ao se implementarem políticas sociais, tomando como referência as categorias de idades historicamente estáveis, está-se a contribuir para uma segregação social, exatamente o contrário do que se pretende quando se implementa uma medida deste tipo.

Esta manutenção mais ou menos estanque do limiar da idade para se atingir a reforma, agrava a incapacidade financeira dos sistemas da segurança social e o envelhecimento social, acentuado pelo desenvolvimento tecnológico, conduz a cenários como o de um trabalhador poder vir a ser despedido por ser demasiado velho para trabalhar mas demasiado novo para atingir a reforma. “É-se jovem biologicamente até cada vez mais tarde e velho, socialmente, cada vez mais cedo” (Gaullier, 1988 referido em Fernandes, 1997, p. 9).

1.2.1. Velhice e representações sociais

A imagem social e cultural da velhice tem sido construída, de forma diferenciada ao longo de diversas épocas históricas e de acordo com diferentes contextos sociais.

De acordo com Dias (2004), a Grécia Antiga valorizava pouco a velhice, que era encarada como sendo triste e ridícula. A época Romana conheceu dois períodos distintos, um favorável que era alimentado por uma ideologia do *Pater Familias* e outro desfavorável, do tempo Imperial, que a rejeitava. Na Renascença e até ao final do século XVII é promovido o verdadeiro culto da juventude. O século XVIII vem reabilitar a velhice e os idosos, passando a reconhecê-los como pessoas completas, um esforço que durou até à época das Luzes. A partir do século XIX surgem novas instituições como os asilos ou os hospitais, que têm em vista a reincorporação dos idosos na sociedade. Para Paúl (1997), o isolamento dos idosos passou a ser institucionalizado e a velhice passou a ser encarada como uma doença social.

O início do século XX assinala um renascimento da imagem altamente desvalorizada da velhice, a qual passou a estar diretamente associada à sua improdutividade. Os discursos negativistas sobre a velhice perduram até aos anos 80. Na sequência das transformações que ocorreram nas sociedades industrializadas, passa a ser necessário a mobilização de recursos e esforços no sentido de combater as ideias negativas associadas a este estado, como a pobreza, a solidão, a doença, entre outros. Uma das consequências práticas de grande visibilidade resultante desta conjuntura, de interesses e de áreas de estudo, foi o surgimento da Gerontologia.

Associadas a este senso comum estão algumas transformações estruturais da sociedade, como são exemplos o trabalho assalariado ou a implementação de reformas por velhice. Historicamente o problema social da velhice encontra-se associado à miséria humana, material e espiritual, a perdas de capacidades intelectuais ou fisiológicas e à falta de suporte ou auxílio familiar, que afastavam a pessoa do mundo do trabalho e a jogavam para uma situação de pobreza extrema. É neste cenário, por imposição dos movimentos sindicais e na defesa de alguns interesses por parte do patronato em compensar os seus bons trabalhadores, que surgem as primeiras reformas, portanto, em contexto industrial de mão-de-obra intensiva.

O alargamento desta prática a outros grupos sociais dá-se mais tardiamente e fica-se a dever “...à passagem de um modo de sucessão segundo o qual as relações entre as gerações eram directamente controladas pelos pais a um modo onde o acesso às posições e bens se faz cada vez mais pela mediação dos diplomas e de concursos” (Lenoir, 1989, p. 80).

Na segunda metade do século XX o capital dominante na determinação da posição social passou a ser o capital escolar, um bem que passa a não ser transmissível como seria uma herança (terreno ou dinheiro), que perde assim importância bem como a possibilidade dos pais em herdar ou deserdar um filho. A família perde assim protagonismo no papel de transmissor de garantias futuras às novas gerações. A par com estas mudanças sociais também os filhos vão ficando sem a responsabilidade *sagrada* de cuidar dos pais e essa responsabilidade vai gradualmente sendo transferida para o Estado e para os seus mecanismos gradualmente instituídos de resposta a estas problemáticas.

O que havia sido anteriormente um problema individual e privado, dá agora lugar a um problema cuja resposta está nos mecanismos que a sociedade encontra. E é no assumir deste papel, que o Estado contribui fortemente para a institucionalização do problema e para o surgimento da representação social do que é ser velho hoje em dia. Neste contexto surge então a condição de reformado, que representa o afastamento do circuito de produção em que o indivíduo estava envolvido, que marca o momento mais importante da reestruturação dos papéis do indivíduo na sociedade. Ao deixar o trabalho, a família passa adquirir outra centralidade na sua vida.

1.2.2. O idadismo

Certo é o facto de que o idoso tem cada vez mais uma imagem negativa e tal deve-se em grande medida ao envelhecimento demográfico acentuado a que temos assistido nas últimas décadas. Tem ocorrido uma perda de prestígio por parte do idoso, quando comparado com o que ocorria em algumas sociedades tradicionais. No passado, o idoso era visto como um transmissor de conhecimentos e tradições fundamentais, em torno dos quais se organizava e estruturava a sociedade.

De acordo com Nazareth (2009, p. 14), esta realidade foi abalada pelo desenvolvimento tecnológico e pelas profundas alterações nos modelos de família, o

que levou a que o recurso a experiência pessoal e a salvaguarda das tradições passassem a ser considerados como soluções do passado.

De acordo com Haveren (1999) referido em Viegas & Gomes, (2007), a partir dos finais do século XIX, o envelhecimento passou a ser encarado como um período de declínio. O vigor mental e o potencial criativo passam a estar associados ao estado de juventude e o declínio mental passa a estar associado ao estado de velhice.

A este respeito importa citar Nazareth (2009):

O envelhecimento demográfico em si nada significa. Já o dissemos: não existe nenhuma doença chamada “velhice”, mas existe um “problema de velhice”, que foi criado pela forma como se organizou a vida política, económica e social. É verdade que, muitas vezes, o envelhecimento faz medo porque representa o receio que cada um tem diante do seu próprio envelhecimento e também porque na nossa civilização a velhice, não têm conteúdo, valores e objectivos. (Nazareth, 2009, p. 182)

O conceito que designa precisamente esta atitude negativa relativamente ao idoso e a sua consequente discriminação, foi apresentado por Butler na 1ª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Viena, no ano de 1982, e dá pelo nome de idadismo (*ageism*, no original).

Em termos gerais, para Marques (2011), o termo idadismo refere-se a atitudes e práticas negativas, levadas a efeito de uma forma generalizada e baseadas somente na característica idade.

De acordo com Marques (2011), as atitudes idadistas podem ser agrupadas em três dimensões. Em primeiro lugar, a um sistema de crenças ou de estereótipos que a comunidade possa ter relativamente um grupo de pessoas idosas e que faz com que a comunidade perceba todas as pessoas de uma certa idade como pertencente a um grupo homogéneo que se caracteriza por determinados traços negativos como a incapacidade ou a doença. Em segundo lugar, as atitudes idadistas podem manifestar-se através de preconceitos ou sentimentos que se possa ter em relação e pessoas deste grupo etário e que se refletem na prática através de desdém, piedade ou paternalismo para com o idoso. Em terceiro lugar estas atitudes podem ainda incluir uma dimensão mais comportamental, onde se incluem atitudes de efetiva discriminação, abusos e maus tratos para com os indivíduos deste grupo etário.

Ainda de acordo com a mesma autora, as atitudes idadistas podem partir dos indivíduos mas também das instituições com quem o idoso se relaciona ou pode vir a relacionar.

Mas, para além das formas mais vincadas e visíveis na sociedade sobre a existência e prática de atitudes idadistas, existem ainda um conjunto de formas subtis de que passam normalmente despercebidas da opinião pública. De acordo com Marques, (2011), os comportamentos de ajuda excessiva e de sobreprotecção das pessoas mais velhas, ainda que bem intencionados, podem revelar-se idadistas e prejudiciais porque tendem a promover a incapacidade e a dependência. Por outro lado, dificuldades no acesso a determinados serviços, pode ser prejudicial com consequências, por exemplo, a nível da saúde da pessoa idosa.

A gravidade desta problemática na sociedade portuguesa encontra eco nos resultados do Eurobarómetro Especial de 2009 relativo à *Discrimination in EU in 2009*, onde se percebe que 53% dos Portugueses entendem a discriminação pelo factor idade como muito frequente na nossa sociedade e onde 57% das pessoas refere mesmo que o fenómeno é mais frequente do que cinco anos antes.

Também no *European Social Survey* de 2009, o módulo Idadismo, apresenta como resultados que 17% dos portugueses entendem a discriminação pela idade como a principal forma de discriminação, valores superiores à discriminação percecionada pelo sexo (13%) ou mesmo pela etnia (11%).

1.2.3. Desconstrução de estereótipos

De acordo com Castro (1999), estereótipo é uma imagem mental muito simplificada de alguma categoria de pessoas, instituições ou acontecimentos que é partilhada nas suas características essenciais por um grande número de pessoas. Trata-se de uma opinião generalizada acerca de grupo de pessoas ou de objetos, que podem assumir um carácter negativo ou positivo. O que distingue o estereótipo negativo de positivo é exatamente o realce que se dá às características do/dos visados, fazendo sobressair um aspeto desvalorizado (por exemplo, todos os idosos são antipáticos) ou um aspeto valorizado (por exemplo, todos os idosos são simpáticos).

Através de um estudo realizado na *Université de Montreal*, por Champagne e Frennet, foi possível identificar catorze estereótipos respeitantes aos idosos, entre os quais: “os idosos não são sociáveis e não gostam de se reunir”, “os idosos divertem-se e gostam de rir”, “os idosos temem o futuro”, “os idosos gostam de jogar às cartas e outros jogos”, “os idosos gostam de conversar e contar as suas recordações”, “os idosos gostam do apoio dos filhos”, “os idosos são pessoas doentes que tomam muita medicação”, “os idosos fazem raciocínios senis”, “os idosos não se preocupam com a sua aparência”, “os idosos são muito religiosos e praticantes”, “os idosos são muito sensíveis e inseguros”, “os idosos não se interessam pela sexualidade”, “os idosos são frágeis para fazer exercício físico” e “os idosos são na grande maioria pobres”. Desta forma, pode-se constatar que são os traços de personalidade e os fatores socioeconómicos que dão origem a estereótipos e não as características específicas do envelhecimento. Ao formarem-se estes estereótipos há um exagero na simplificação e negligenciam-se as características individuais dos membros de cada grupo de idosos, como se pode constatar no seguinte exemplo: “todos os idosos são solitários.”. Perante este estereótipo, o normal é que os idosos sejam todos solitários, não se leva em linha de conta que alguns possam não o ser, e em boa verdade, se algum idoso se apresenta como mais ativo, é entendido como uma exceção que confirma a regra: o estereótipo.

De acordo com Jacob (2007), os direitos dos idosos, são-lhes negados pela sua idade, como se um grupo etário pudesse prevalecer sobre outro. No que respeita aos estereótipos mais frequentes, pode-se referir aquele que assemelha o envelhecimento a doença, como se fossem sinónimos.

De acordo com Simões (1990, p. 111), “obviamente que existem idosos doentes, como existem também e por exemplo, jovens doentes!”. Outro dos estereótipos prende-se com a cognição, no sentido em que a velhice é frequentemente encarada como um período de perda de capacidades intelectuais. A este respeito, um dos estudos mais importantes e que mais contribuiu para a clarificação deste assunto foi o *Seattle Longitudinal Study*, que concluiu haver ganhos até à quarta década de vida, seguindo-se duas décadas de estabilidade e a partir dos anos 60, passar a haver registo de declínios, ainda que sectoriais e tendo em consideração as respetivas

diferenças individuais. Enquanto que a capacidade de aprender se verifica ao longo da vida, a capacidade de memória já regista algum declínio.

Contudo, e de acordo com Simões (2002), no que respeita às capacidades cognitivas, verificam-se declínios, mas estes ocorrem já numa fase bastante avançada da vida, podendo até, na maior parte dos casos, não afetar fortemente a vida dos idosos, tendo estes manter uma vida normal.

A sexualidade é mais um estereótipo sobre o qual se tem formado uma imagem pouco condizente com a realidade do idoso, pois é vulgar o entendimento que a sexualidade não é para o idoso. Por um lado, importa evidenciar que, segundo Oliveira (2008b, p. 9), “a sexualidade é a forma como a pessoa expressa a sua dimensão humana enquanto homem ou mulher, não apenas na relação sexual, mas em todo o seu ser (gestos, voz, andar, maneira de vestir, pensar, de viver) ”.

Também revelador do desconhecimento ou falta de dados sobre esta realidade é a ausência de estudos até aos anos 60 do século XIX. Pela análise dos estudos que se seguiram a partir dos anos 70 de século XX, e de acordo com Simões (1990), é possível verificar que os idosos interessam-se pela vida sexual e mantêm-se sexualmente ativos. Outro dos estereótipos que importa referir diz respeito à perspetiva temporal, pois considera-se que enquanto a juventude tem como perspetiva a vida, os idosos tem como perspetiva a morte, o que, segundo Simões (2002) leva a que os idosos apenas estejam preocupados com o passado. Os estudos têm demonstrado que essas crenças estão erradas, pois mesmo os indivíduos centenários continuam orientados para o futuro (Hayslip & Panek, 2002 como referido em Simões, 2002).

É também usual julgar os idosos como pessoas que estão particularmente angustiados com a morte, sendo este um assunto relativamente tabu, sobre o qual se constrói mais um estereótipo. Segundo Oliveira (2008b, p. 38), “a morte é certamente a coisa mais séria da vida e por isso o pensamento devia estar presente ao longo da vida para a iluminar e redimensionar”. Contudo, e de acordo com Simões (1990, p. 115), as pessoas negam-na porque “sentem medo dela”.

As investigações e os estudos sugerem que os idosos não são as pessoas que mais temem a morte, mas sim as pessoas de meia-idade as mais afetadas por esse medo (Simões, 1990). As responsabilidades na educação dos filhos e os encargos

assumidos, as mudanças físicas como o aparecimento de rugas e cabelos brancos, a perda de familiares e amigos são alguns dos fatores que ajudam a criar esta perspectiva de mudança nas pessoas de meia-idade. Não é pelo facto do idoso estar mais perto do momento da sua morte que isso lhe traz angústia, pois, de acordo com Simões (1990), a maior familiaridade com esse assunto leva os idosos a não nega-la e por isso a aceitá-la com maior naturalidade.

Um último estereótipo que importa referir é respeitante ao tema da felicidade, pois existe a ideia estereotipada de que os mais idosos são menos felizes. Segundo Schopenhauer (1989) referido em Simões (2002, p. 505), “cada dia de vida que se passa, produz em nós um sentimento que experimenta um condenado, a cada passo que o aproxima do cadafalso”. Na verdade, e de acordo com estudos revistos por Ruth e Coleman (1996) referido em Lima (2004, p. 141) “a velhice enquanto fase de muito stress pode ser questionada”, não sendo certo que traga infelicidade, pois a forma de lidar com os problemas é tendencialmente mais madura.

1.3. Promoção do envelhecimento ativo e qualidade de vida

Na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que decorreu em Madrid em 2002, sob o lema “uma sociedade para todas as idades”, foram definidas três ações prioritárias: assegurar e manter o desenvolvimento em todas as idades, criar ambientes potenciadores para todos os grupos etários e assegurar o bem-estar das pessoas idosas (Osório, 2007).

Foi defendida nesta Assembleia, a necessidade de se instaurar um novo paradigma que tenha as pessoas idosas como participantes ativas de uma sociedade que integra o envelhecimento, e que as ponha na posição de contribuintes ativos e beneficiários do desenvolvimento, indo esta mentalidade de encontro à necessidade de combater os estereótipos e as crenças negativas relativas às pessoas idosas, como a associação do envelhecimento à doença, à dependência, à falta de produtividade.

De acordo com Vallesper & Morey (2007, p. 241), este novo paradigma tem na sua base uma visão intergeracional, reconhecendo e valorizando os laços familiares, pois, “as crianças de hoje são os avós e as avós de amanhã”. É também este paradigma que reclama programas de aprendizagem em todas as idades e não apenas na infância e juventude. Desta forma, o conceito de envelhecimento ativo pode ser definido, de

acordo com Tamer & Petriz (2007, p. 183), como o “processo de optimização do potencial de bem-estar físico e mental das pessoas ao longo da vida, para que este período de vida madura, cada vez mais comprido, seja vivido de forma activa e autónoma”.

A promoção do envelhecimento ativo integra políticas como a

aprendizagem ao longo da vida, o prolongamento da vida activa, o adiamento da idade de reforma e a introdução de um sistema de reforma mais gradual, bem como a continuidade de uma vida activa após a reforma e o desenvolvimento de actividades que permitam otimizar as capacidades individuais e manter o bom estado de saúde de cada pessoa. (Comissão das Comunidades Europeias citada por Peralta, 2011, p. 18).

A Comissão Europeia reconhece assim a necessidade de se criarem ambientes propícios ao estímulo da aprendizagem pela população sénior. Também Fonseca (2007) considera que a promoção da qualidade de vida deste grupo da população passa pelo envolvimento em iniciativas de participação social, como as universidades seniores.

Sabe-se hoje que as universidades seniores contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos seniores. De acordo com Fernández-Mayoralas *et al.* (2007), o termo “qualidade de vida” surgiu na segunda metade do século XX, associado a problemas de poluição do meio ambiente. Apenas na década de 60 de século passado, este conceito surge ligado a indicadores sociais, como acesso a cuidados de saúde ou existência de saneamento, evoluindo nas décadas seguintes para a conceptualização de bem-estar objetivo e social.

O conceito de qualidade de vida é, ainda hoje, complexo e de difícil definição. A generalidade dos autores que se debruçam sobre a definição deste termo são consensuais em admitir a importância da multidisciplinaridade para essa finalidade e que essa mesma qualidade de vida depende de vários domínios, tais como, saúde, trabalho, família, vizinhança, habitação, economia, assim como aspetos que conduzam a uma satisfação ou realização pessoal.

Segundo Ribeiro (1994), qualidade de vida traduz o juízo subjetivo do indivíduo no que se refere ao grau em que estão satisfeitas as suas necessidades nos vários domínios da vida.

A Organização Mundial da Saúde (1998) como referido por Silva (2011, p. 29) defende como qualidade de vida “a percepção do indivíduo da sua posição na vida no

contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objectivos, expectativas, padrões e preocupações”.

Segundo Brown, Bowling & Flynn (2004), o conceito de qualidade de vida tem vindo a ser perspectivado sob duas dimensões: uma macro, social e objetiva e outra micro, individual e subjetiva. Desta forma, e para os mesmos autores, a qualidade de vida pode ser entendida como um conceito objetivo, que inclui as condições de emprego, habitação, educação e circunstâncias ambientais (dimensão macro), ou como um conceito subjetivo, englobando as experiências de vida, valores, sensação de bem-estar, felicidade e satisfação de vida de cada indivíduo (dimensão micro).

Em face da complexidade inerente a este conceito, não existe consenso relativo às abordagens teóricas que procuram conceptualizar e avaliar a qualidade de vida na idade avançada. No entanto, Brown, Bowling & Flynn (2004), recorrendo a uma revisão sistemática da literatura, propuseram uma taxionomia de diferentes abordagens suscetíveis de aplicação em contexto gerontológico que inclui:

- Indicadores objetivos como saúde e longevidade, padrão de vida, habitação e características da vizinhança;
- Indicadores subjetivos, centrados na satisfação com a vida e bem-estar psicológico, valores, morais e felicidade;
- Satisfação das necessidades humanas, onde se incluem as circunstâncias objetivas e subjetivas propostas por Maslow;
- Modelos psicológicos, com ênfase no crescimento pessoal, competências cognitivas, eficácia e adaptabilidade;
- Modelos de saúde e funcionalidade, baseados em medidas de avaliação do estado de saúde geral, depressão e funcionalidade nas atividades básicas e instrumentais da vida diária;
- Modelos de saúde social, onde se incluem indicadores relativos às redes sociais, de suporte e atividades sociais;
- Coesão social e capital social, onde se incluem os recursos sociais, ambientais e locais, ou seja, aqueles recursos que facilitam a reciprocidade e a confiança nas interações sociais;

- Modelos ambientais, centrados no estudo do ambiente onde a pessoa se insere e na importância de se promover ambientes facilitadores da independência e participação social das pessoas idosas;
- Abordagens hermenêuticas, onde se incluem abordagens baseadas nos valores individuais, interpretações e percepções, satisfação pessoal, circunstâncias e prioridades de vida.

Vários são também os estudos que alertam para a influência das universidades seniores na promoção da qualidade de vida do idoso. Salientamos a abordagem de Marconcin, Real, Dias & Fonseca (2010, p. 18), que defende que a participação dos idosos nas universidades seniores proporciona-lhes “crescimento pessoal, desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, físicas, sociais e psicológicas, sentimentos de realização e valorização dos seus trabalhos e esforços, qualidade de vida e bem-estar.” Também Ferreira (2006, p. 7) considera que as universidades de terceira idade garantem à população idosa a possibilidade de aprender ou ensinar, ao mesmo tempo que promovem o convívio intergeracional.

Segundo Veloso (2002) como referido em Jacob (2011, p. 126), as universidades de terceira idade têm o propósito de, entre outros objetivos, promover a valorização e integração do idoso, garantir o contacto desta população com a realidade e a dinâmica social, evitar o isolamento e a marginalização e promover a ocupação de tempos livres.

Geis (2003) refere as atividades de ocupação de tempo livre devem ter em atenção a população alvo, nomeadamente as suas necessidades, interesses e limitações.

Ferreira (2006), além da ocupação de tempos livres dos idosos com atividades educativas e culturais, apresenta outras vantagens associadas às universidades de terceira idade:

fomentar a formação ao longo da vida, promover a intergeracionalidade, maximizar o capital intelectual da população idosa, integração na sociedade, desenvolver atividades desportivas e recreativas, reforçar laços de amizade, adquirir conhecimentos, transmitir conhecimentos, sentir-se útil, não se sentir só e reforçar a confiança em si mesmo. Ferreira (2006, p. 9)

De acordo com Magalhães, Fernandes, Antão e Anes (2010), as universidades de terceira idade poderão constituir um importante auxílio na desconstrução dos estereótipos e dos preconceitos associados à velhice, estimulando a melhoria do bem-

estar do idoso e reduzindo as percepções negativas que a sociedade tem sobre a velhice. Promovendo uma participação ativa e adaptada dos idosos permitirá melhorar a percepção que estes cidadãos têm da sua vida, o que lhes possibilita “dar vida aos anos e não apenas anos à vida.”

De acordo com Jacob (2011), e no seguimento de estudos realizados junto de alunos de universidades seniores, sabe-se que a qualidade de vida depende de quatro fatores: a autonomia, o convívio com outras pessoas, algum desafio económico e o realizar de atividades lúdicas e úteis, sendo que as universidades seniores contribuem para três desses aspetos:

- Aumentam a autonomia da pessoa pois os seniores têm de sair de casa e fazer uma deslocação para a Universidade Sénior que frequenta. Essa atividade é seguida, em muitos casos pela frequência de disciplinas promovidas pelas universidades seniores como ginástica, natação, hidroginástica, dança, entre outras;
- Aumentam a possibilidade de convívio, permitindo que se conheçam novas pessoas, se aprofundem amizades e se estabelecem novas redes sociais de amizade e colaboração.
- Permitem a frequência de diversas atividades lúdicas, sociais, formativas, culturais, recreativas, de voluntariado, entre outras, onde os participantes podem sentir-se úteis e satisfeitos.

No seguimento de alguns estudos e segundo o mesmo autor, pode-se afirmar que as atividades das universidades seniores melhoram de facto a qualidade de vida ou a percepção desta nos seniores e que estas instituições exercem forte influência no combate à solidão e a tudo aquilo que possa ser representativo desta.

Para Marques (2011), não existem, na sociedade portuguesa, movimentos organizados com a devida visibilidade que defendam os direitos dos idosos, como existem, por exemplo, para o racismo. De acordo com o autor, as universidades seniores são uma exceção, e têm tido um papel importante quer devido ao envolvimento ativo das pessoas, quer pelo facto de serem um exemplo positivo de envelhecimento.

2. Do conceito de Desenvolvimento ao Desenvolvimento Local Sustentável

2.1. O conceito de desenvolvimento

O conceito de desenvolvimento surge após a Segunda Guerra Mundial, e era conotado diretamente com o crescimento económico dos países, sendo este o único fator de análise para se considerar as melhorias de bem-estar da população. Contudo, foi-se reconhecendo que, não obstante o forte contributo do crescimento para se atingir desenvolvimento, existe uma forte dicotomia no que diz respeito à forma e aos meios utilizados. Crescer não basta, torna-se necessário desenvolver e este desenvolvimento tem de ser autosustentado, ou seja, o desenvolvimento deve ser um processo contínuo e dinâmico, capaz de se auto alimentar.

O conceito de desenvolvimento foi sendo construído neste pós II Guerra Mundial e ao longo das décadas seguintes século XX e o seu aparecimento encontra-se associado ao desenvolvimento a processos de urbanização e industrialização, com incidências nas áreas sociais, económicas, territoriais, culturais e tecnológicas. De acordo com Fernandes (2003, p. 230), “uma das interpretações mais recorrentes é aquela que encara o desenvolvimento como um movimento, uma dinâmica que se traduz na passagem de um estágio a outro, um processo ao qual se associam ideias de construção, destruição, reconstrução ou reintegração.”. Segundo Moreno (2002, p.151), “as concepções reducionistas assimilaram o desenvolvimento ao crescimento económico, a um bem-estar material ou mesmo ao desenvolvimento económico.”. Assim sendo, o conceito de desenvolvimento surgiu associado a lucro, rendimento ou à máxima produtividade.

De acordo com Perroux (1987) como referido em Caride, Freitas & Vargas (2007), o crescimento não deveria ser capaz de, por si próprio, distribuir o produto e o rendimento global para que toda a população visse as suas necessidades satisfeitas. O desenvolvimento haveria de se tornar como que uma necessidade das populações, não obstante de cada país apresentar as suas especificidades, características e particularidades, e assim, o seu próprio desenvolvimento, ritmos e experiências, de acordo com a sua natureza económica e social.

A perspetiva acima referida era suportada pelo paradigma funcionalista que assenta sobretudo no crescimento económico como motor do desenvolvimento, numa

dinâmica “de cima para baixo” com o forte desenvolvimento de grupos ou sectores da economia que posteriormente, num processo de difusão, se alargaria à generalidade da população. Por oposição temos o paradigma territorialista que têm vindo a “ganhar terreno” ao ritmo a que se vai percebendo que crescimento económico não significa necessariamente desenvolvimento. Em Portugal tem prevalecido o paradigma funcionalista, cujas políticas têm sido cada vez mais questionadas, pois verifica-se um agudizar de problemas como a litoralização das atividades económicas, a desertificação do interior e o aumento das assimetrias dentro do país, cujas culpas têm recaído sobretudo nas consequências das medidas defendidas por este paradigma. Este paradigma não toma em consideração várias das dimensões daquilo que sabemos hoje que deve ser o desenvolvimento, como seja, a dimensão social, cultural, ambiental, e política. Por outro lado, sabe-se que os meros indicadores não transmitem informação substantiva e são facilmente manipuláveis de acordo com as leituras que se pretendam conseguir ter a dado momento. Assim, neste contexto, e principalmente em meio rural ou em regiões mais desfavorecidas, é o paradigma territorialista que se vai implementando, pois também é nestas regiões que mais se fazem sentir as necessidades de implementação de processos de melhoria de qualidade de vida das populações baseados naquelas que são as suas características distintas, nas suas especificidades e por forma a ultrapassar aqueles que são os problemas endógenos como a falta de recursos humanos e a sua baixa qualificação, a crise do sector agrícola, a interioridade, a dependência do emprego público local (câmaras municipais), o desemprego e o emprego precário. Percebe-se também que uma política que promova os recursos existentes, as especificidades locais o produto regional, assente no próprio consumo, não dá por si só garantias de sucesso, pois não trás riqueza de fora para dentro e atrofia ainda mais uma região. Efetivamente, a perspetiva economicista está sempre presente no paradigma Funcionalista, pois a ideia central é a maximização dos recursos tendo em vista a obtenção de lucros, tão elevados quanto possível. Isto leva a que a localização espacial condicione o investimento, e logo, o desenvolvimento, nomeadamente em meio rural, na medida que as regiões mais rurais do interior do país são as que menos benefícios reúnem em termos de acessibilidades, acesso a matérias-primas, mão-de-obra barata, etc. Desta forma os investimentos acabam por se concentrarem nas faixas litorais. Foi este o

modelo tido em conta durante o Estado Novo, de acordo com (Mergulhão, 1997), com claro prejuízo para regiões como o Alentejo, face a outras regiões mais costeiras.

Contudo, este modelo não correspondeu às expectativas e a partir da década de 70 do século XX, com aparecimento de lógicas infranacionais que vieram permitir a afirmação de identidades de base regional, inicia-se o período de vigência do paradigma territorialista, abrindo assim a porta a novas oportunidades de desenvolvimento (Amaro, 1993) a regiões extremamente deprimidas. As lógicas territoriais vieram demonstrar a necessidade de cada vez mais os atores locais participarem nos respetivos processos de desenvolvimento, pela potenciação e valorização dos recursos próprios das regiões. Isto consegue-se se:

- 1) a ideologia dominante deixar de ser aquela que se baseia na competitividade e no crescimento económico puro;
- 2) se houver e for estimulada a participação das populações.

Assim, o paradigma territorialista propõe uma visão do desenvolvimento fundamentada na plena mobilização do capital endógeno. “...um processo integral de satisfação das necessidades básicas e de expansão das oportunidades dos indivíduos, grupos sociais e comunidades territoriais através da mobilização integral das suas capacidades e recursos” (Henriques, 1987, p. 8). Assim sendo temos implícita a necessidade de as regiões se afirmarem nos diferentes contextos em que se inserem, através daquilo que têm de diferente, pois o que cada região tem de característico e a diferença das outras regiões é fundamental e insubstituível para o seu próprio desenvolvimento. Nesta linha de pensamento, é de todo importante que se atribua às comunidades locais e regionais cada vez maior poder para, sempre que possível, sejam elas próprias a planear e a executar as suas estratégias de desenvolvimento, pois essa é a melhor forma de se satisfazerem as necessidades sentidas pelas populações, na medida em que é a esses níveis que de facto, as necessidades são conhecidas e vividas. Pretende-se, portanto, um processo “de baixo para cima”, contrário ao funcionalista, e baseado nas capacidades endógenas. Um processo que tenha em conta, não só o presente, mas também as gerações vindouras e a capacidade de autoregeneração dos próprios recursos, pois não há desenvolvimento quando se exploram recursos a um nível superior ao da sua capacidade de substituição, nem

quando se exploram outras regiões de maneira a preservar a nossa própria. Nestes dois casos, o que existe é exploração, das gerações vindouras ou dos vizinhos (Mergulhão, 1997).

Como não existem espaços completamente fechados é utópico estar a pensar-se em processos de desenvolvimento que não tenham em conta as características, as potencialidades, os constrangimentos, as dinâmicas e os processos da região mais vasta em que se enquadra determinado território, daí a necessidade de articulação de estratégias, de respostas aos problemas e de soluções comuns a problemas comuns para determinadas áreas do nosso território, para que sejam implementadas estratégias locais e regionais de sucesso para a promoção do desenvolvimento tal qual já foi caracterizado anteriormente.

É, portanto, a partir da década de 70 do século XX que se inicia um processo de viragem nas abordagens e práticas do desenvolvimento, na sequência de um conjunto de fatores que Amaro (2003) resume da seguinte forma:

- 1) Frustrações dos países do Terceiro Mundo em face da evolução do seu desenvolvimento;
- 2) Sinais crescentes de mal-estar social nos países desenvolvidos;
- 3) Tomada de consciência dos problemas ambientais provocados pelo desenvolvimento;
- 4) Irregularidades do crescimento económico nas décadas seguintes aos “anos dourados” e mudança de paradigma de crescimento económico;
- 5) Multiplicação de crises diversas nos países socialistas.

É a partir desta época que se vão estruturando novos conceitos de desenvolvimento, assentes numa perspetiva multidisciplinar e interdisciplinar, passando a vigorar os conceitos de, local, participativo, humano e social, desenvolvimento sustentável.

Ao longo das últimas décadas do século XX, o desenvolvimento passou a ser classificado não só sobre a vertente económica, mas também pela dimensão social, política, cultural e ambiental. De acordo com Trevisan (2009), o desenvolvimento assentou na lógica de que o bem-estar dos seres humanos se centrava essencialmente no conforto material, na inovação tecnológica e na aquisição de níveis de conforto ideais para determinado momento, e desta forma foram impulsionadas profundas desigualdades entre diferentes países, sendo que ainda hoje se encontram várias

formas de classificação de países como por exemplo, os países desenvolvidos, países em vias de desenvolvimento e países subdesenvolvidos. Para Trilla (2004), fortalecer a sociedade civil significa colocar os indivíduos como autênticos protagonistas do desenvolvimento. Para que o seu contributo seja efetivo, será necessário que os indivíduos percorram várias fases como a consciencialização das carências e necessidades, a motivação para procurar as respostas necessárias, a revelação e comparação para uma divisão adequada entre outras. Para Martins (2002), pensar no conceito de desenvolvimento na atualidade, é dotá-lo de um carácter mais humano, colocando os indivíduos como sujeitos beneficiários, pois devem ser eles a participar ativamente nas suas comunidades.

2.2. Desenvolvimento local, comunitário e sustentável

É com base neste paradigma, territorialista, que nascem conceitos como desenvolvimento local, comunitário e sustentável. O conceito de desenvolvimento local está intimamente ligado ao conceito de desenvolvimento comunitário. Ao ser referido o desenvolvimento comunitário, existe um sítio, um espaço de que os seus grupos coexistem e onde consigam melhorar as suas condições de vida, onde possam satisfazer as suas necessidades, e esse lugar é o “local”. O conceito de desenvolvimento local surge associado à ideia da melhoria das condições de vida das comunidades, onde são precisamente as comunidades locais os principais agentes de desenvolvimento. De acordo com Caride, Freitas & Vargas (2007), conforme vão surgindo as necessidades do ser humano, assim vão surgindo os esforços da comunidade, no sentido de as colmatar. Esta lógica de atuação terá surgido a partir do século XIX, com a organização de movimentos associativos e múltiplas atividades comunitárias, como a educação da população, a formação agrícola, a ajuda recíproca, entre outros. Ainda de acordo com os mesmos autores, até aos finais da década de 30 do século XX, o principal papel da organização da comunidade era resolver os conflitos internos da sua população, assim como problemas de adaptação e ajustamento social.

É a partir de 1950, através de programas nacionais de desenvolvimento comunitário direcionados para a melhoria das condições de vida dos camponeses, que se observam as iniciativas que se identificam ainda hoje como promotoras de

desenvolvimento comunitário. De acordo com Caride, Freitas & Vargas (2007), em vários países foram criados centros sociais com a finalidade de serem utilizados como instrumentos do desenvolvimento comunitário, onde se dinamizavam vários programas e atividades próprios da comunidade onde se inseriam. É desta forma que a comunidade encontra dentro de si própria as ferramentas e os meios para a promoção do seu próprio desenvolvimento, pois melhor do que ninguém, conhece as suas fragilidades, fraquezas e problemas, para em primeiro lugar os poder ultrapassar. Neste sentido, pode-se considerar que o desenvolvimento comunitário visa satisfazer as carências concretas da população e a criação de condições para o crescimento económico e social, onde o papel do indivíduo é sempre o de uma entidade participativa e ativa na comunidade. Para Caride, Freitas & Vargas (2007), o desenvolvimento comunitário é um instrumento de participação da população, no qual a comunidade assume um papel preponderante, por ser um meio que orienta as necessidades dos seus indivíduos.

Para Arroiteia (2008), o desenvolvimento comunitário está associado a progresso social, o que se traduz na mudança de comportamentos e atitudes das pessoas que estão inseridas nas comunidades, e só assim é que é possível um progresso na melhoria da qualidade de vida das pessoas inseridas nas comunidades.

O conceito de desenvolvimento local surge, então, na década de 70 do século XX, mas só a partir dos anos 80 deste século, com as respostas da sociedade civil, começou a ganhar importância, “em toda a Europa se exploram, neste período, formas inovadoras de investir na valorização, multidimensional, na emancipação criadora das pessoas, procurando-se incrementar a responsabilidade de indivíduos e colectividades sobre o futuro dos territórios em que se integram.” (Animar, 2003 como referido em Reis, 2012, p. 160).

De facto, em 1982, os Estados Gerais anunciam o nascimento do desenvolvimento local em meio rural, ao mesmo tempo que se institucionalizava o desenvolvimento social em meio urbano. A definição de um único conceito de desenvolvimento local torna-se muito difícil, impossibilitando uma compreensão inequívoca em torno do seu sentido. Para tal base conceptual, adotamos o conceito de Roque Amaro que define o desenvolvimento local como

um processo centrado numa ideia de desenvolvimento que é, em última instância, o aumento global do bem-estar das pessoas e através da sua participação e exercício de uma cidadania ativa, a qual só se pode fazer de baixo para cima, ou seja, só se pode fazer a partir de onde, para cada comunidade, as coisas acontecem. (Amaro, 2000, p.156).

No entanto, tomamos também em consideração o conceito retificado na declaração de Amarante pelos atores do desenvolvimento local em Portugal, que define o desenvolvimento local como

um processo plural que integra a componentes económica, social, cultural, ambiental e política. Mas essa pluralidade só poderá materializar-se através de uma actuação ao nível de cada território, onde vivem os actores e destinatários do desenvolvimento, estimulando as suas capacidades criadoras e empreendedoras. (Esdime, 2000, p. 234).

Carmo (2001) defende que o conceito de desenvolvimento comunitário visa quatro dimensões:

A primeira dimensão está centrada na dimensão doutrinária pela implícita filosofia personalista que defende. A segunda, na dimensão teórica pelos pré-requisitos de análise sociológica e económica a que se obriga. A terceira, na dimensão metodológica pelos propósitos de mudança planeada que defende e a quarta, na dimensão prática pelas consequências que a sua aplicação tem no terreno, tanto pela implicação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento, como pela alteração das práticas profissionais a que se obriga. Carmo (2001, p. 84-85).

Viveiros (2008) considera que o desenvolvimento comunitário é um desafio permanente, um espaço de construção de cidadania ativa e fundamento da democracia participativa, pois a comunidade é como que o nervo central para a sustentabilidade da construção de alternativas de desenvolvimento dos territórios, capaz de gerar sinergias localizadas no envolvimento das populações. Os mesmos autores afirmam ainda que persiste um desafio ao desenvolvimento local e comunitário, que reside no facto de associada à realidade social se encontrarem soluções participadas, integradoras e valorizadoras das gentes e dos recursos comunitários.

Em suma, poderá aferir-se que o desenvolvimento comunitário é uma forma de concretizar o protagonismo das comunidades locais nos processos de mudança e transformação.

Para que a satisfação das necessidades tendo em vista a melhoria das condições de vida de uma determinada comunidade possa ocorrer, é necessário ter em consideração o local, ou seja, o sítio privilegiado para que tal suceda.

Ainda de acordo com Viveiros (2008), o desenvolvimento local é um processo de transformação da realidade que tem por base a capacitação das pessoas para o exercício de uma cidadania ativa e transformadora da vida individual em comunidade, sendo importante que sejam os grupos os atores e autores das práticas de desenvolvimento local. Este tipo de desenvolvimento permite potenciar a mobilização de recursos que existam na comunidade, tendo em vista a melhoria das condições de vida. “(...) O processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo aquela o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada das respostas” (Amaro, 2003, p. 57).

Desta forma, pode-se entender que o trabalho em comunidade, num determinado local, ocupa um lugar central no exercício de cidadania, devido às funções que lhe estão confinadas, nomeadamente a funcionalidade da participação. O desenvolvimento comunitário ou local têm inerente a participação das comunidades locais, e o seu envolvimento é fundamental para transformar e adaptar o meio às suas necessidades de comunidade.

Segundo Carvalho (2009), o desenvolvimento local é

um *processo endógeno* geralmente assente em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o *dinamismo económico* e a *melhoria da qualidade de vida* das populações. Representa uma singular transformação nas bases económicas e na organização social ao nível local, resultante da *mobilização das energias* da sociedade, explorando as suas *capacidades e potencialidades* específicas. Para ser um processo consistente e sustentável, o desenvolvimento deve aumentar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local, aumentando os rendimentos e as formas de riqueza, ao mesmo tempo que assegura a conservação dos recursos naturais” (Carvalho, 2009, p. 81-82).

Quando nos referimos ao desenvolvimento sustentável, fazemo-lo relativamente a um modelo de desenvolvimento capaz de responder às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de crescimento das gerações futuras, tal como preconizado no relatório Brundtland. O desenvolvimento sustentável visa a obtenção

de melhorias nas condições de vida dos indivíduos, preservando o meio envolvente a curto, médio e longo prazo.

O relatório de Brundtland, apresentado pela Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, teve grande importância na identificação dos principais problemas ambientais que ameaçavam o desenvolvimento dos países do Sul. De acordo com este relatório, o desenvolvimento sustentável é satisfaz as necessidades do presente, sem pôr em causa a capacidade de as gerações vindouras satisfazerem as suas próprias necessidades. É também no relatório de Brundtland que é proposto um compromisso entre ecologia e economia, conciliando a intervenção tecnológica com a capacidade do ecossistema, conciliando se uma forma sustentável, ambiente e desenvolvimento. De acordo com Carvalho, Lisboa & Roque (2009), é após a cimeira de Copenhaga (realizada em 1995), que havia de ser integrado o terceiro pilar do conceito de desenvolvimento sustentável. Ao desenvolvimento económico e à proteção ambiental, juntou-se a coesão social. Ainda de acordo com Carvalho, Lisboa & Roque (2009), a estas três dimensões deverá ser acrescentada a vertente institucional, pois deverão ser tidas em consideração as questões relativas às formas de governação das instituições e dos sistemas legislativos, onde destaca a flexibilidade, a transparência e a democracia e onde aponta grupos de interesse como sindicatos e associações empresariais e a sociedade civil como as ONG, como “...parceiros essenciais na promoção dos objetivos do desenvolvimento sustentável”.

3. Aprendizagem ao longo da vida

A aprendizagem ao longo da vida tem sofrido uma acentuada evolução após a revolução francesa e até aos dias de hoje.

Para Canário (1999, p. 11), a Educação de Adultos, tal como é hoje conhecida, é um fenómeno recente”, contudo, para o mesmo autor, “concebendo a educação como um processo largo e uniforme que se confunde com o processo de vida de cada indivíduo, torna-se evidente que sempre existiu educação de adultos.”

A valorização e o reconhecimento das modalidades educativas não escolares têm vindo a tornar-se muito importante, pois, de acordo com (Silva & Rothes, 1998, p.5), “sabemos que o sistema educativo não pode reduzir-se ao sistema escolar; e que a educação-formação não se limita a um dado período da vida de cada um, mas é co-extensiva dessa mesma vida”.

Na concepção de (Vallespir & Morey, 2007, p. 246) a educação permanente “deve ocorrer ao longo de toda a vida, afecta a todos os ramos do saber, a todos os conhecimentos práticos que vão sendo adquiridos e possibilitando todas as formas de desenvolvimento da personalidade”. Nesta linha, os mesmos autores citando (Requeijo, 1998) referem que a educação permanente respeita a “todos os sujeitos de qualquer idade, a todos os níveis educativos, à totalidade dos métodos, meios e agentes de educação”. Assim, pode dizer-se que a aprendizagem ao longo da vida deve ser entendida no sentido que lhe atribui Martin (2007),

como o resultado da educação, reconhecendo essencialmente dois factos interrelacionados: a aprendizagem é feita ao longo da vida (e não num período delimitado da vida da pessoa) e a aprendizagem é feita a toda a “largura” da vida (e não apenas no sistema escolar). (Martin, 2007:58)

Estes conceitos revelam-se de grande importância quando analisamos o contexto da população mais idosa, sobretudo quando confrontada com o momento da “reforma”. A este respeito, Osório (2007) refere que numa “sociedade para todas as idades”, como proclama a Organização das Nações Unidas,

o ato social da passagem à reforma não pode acarretar a marginalização económica, ou social das pessoas idosas. Um aspecto que consideramos importante neste contexto é o desenvolvimento de programas de educação contínua e de actualização para que as pessoas que terminaram a sua vida laboral tenham oportunidades, se o desejarem, de continuar a sua formação e de conviver em novos ambientes que lhes oferecem a

oportunidade de actualizar os seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, um espaço de convivência intergeracional. (Osório, 2007, p. 17)

Indo ao encontro e reforçando as ideias atrás referidas no que respeita à população reformada, Pinto (2007) que

a educação dos idosos já reformados deve promover as competências requeridas pelas actividades autónomas no desenvolvimento das quais cada um se sinta em processo de valorização e realização pessoal. As competências divergem em função das actividades eleitas e estas em função da motivação intrínseca do sujeito que que as elege. (Pinto, 2007, p. 96)

Assim, Martin (2007) apresenta-nos

a visão da educação como um recurso vital para os idosos, que visa propiciar a mudança pessoal, a adaptação a novas fases da vida e a mudança social, foi consolidada na maior parte dos fóruns internacionais desde a Conferência sobre o Envelhecimento, de Casa Branca, em 1971, até à II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em Madrid. (Martin, 2007, p. 62)

Esta última ocorrida em 2002. É nesta visão da educação que faz sentido a ideia desenvolvida por Pinto (2007), segundo a qual chegadas à terceira idade, as pessoas podem finalmente recuperar o sentido antropogenésico da educação ao longo da vida, ou seja, descobrir e realizar as suas próprias possibilidades.

Para Lima (2007), a Educação de Adultos tem vindo a afastar-se da sua original raiz humanista, em que as lógicas da educação popular e cívica, da educação comunitária e para o desenvolvimento local, numa valorização da emancipação e da criatividade, tendem, progressivamente, “a ser recusadas ou, sendo toleradas, atribuir-se-lhes um estatuto periférico em termos de políticas públicas e um mais baixo status em termos socioeducativos” Lima (2007, p. 9).

Contudo, tendo em conta, os contextos acima referidos, como referem diversos autores, tem-se assistido nos últimos anos, ao aparecimento de programas de formação para a população sénior bem como à multiplicação e desenvolvimento das universidades de terceira idade, no sentido da promoção de uma intervenção educativa integral para esta população.

4. A emergência das Universidades de Terceira Idade

4.1. A origem das Universidades de Terceira Idade

As universidades de terceira idade surgem como movimento específico de ensino para adultos em França, em 1973, pela Universidade de Toulouse e através do Professor Pierre Vellas. Este acontecimento dá-se envolto num clima social e político favorável ao desenvolvimento de programas educacionais vocacionados para a comunidade. O primeiro curso promovido por esta Universidade tinha como objetivo o estudo de problemas médicos, sociais e psicológicos dos idosos, não conferia títulos académicos, não exigia qualificações especiais ou a prestação de provas ou exames (Jacob, 2005).

Se apenas considerarmos os aspetos pedagógicos, pode-se recuar a 1727, ano em que foi fundado em Filadélfia, nos Estados Unidos da América, um grupo para a discussão de estudos para adultos, ideia avançada por Benjamin Franklin, e que teve um papel importante no desenvolvimento da educação para adultos sem qualquer tipo de discriminação. Contudo, cabe a Vellas (1988) o mérito de associar entretenimento, ensino, pesquisa e outras atividades tendentes a ir ao encontro à procura entusiasta da população alvo. Segundo este autor, as UTIS são “...fundamentalmente instituições de saúde pública visando elevar os níveis de saúde física, mental e social das pessoas da terceira idade bem como colocar à sua disposição programas de actividades particularmente adaptados.” (Lemieux, 1999 como referido em Jacob, 2005a, p. 6).

Este primeiro projecto deu origem, no entanto, talvez mais rapidamente do que se esperava, a um modelo que passou também a integrar cursos, conferências e outras actividades de toda a ordem, tendentes a ir ao encontro da procura entusiasta que se verificava por parte das pessoas de idade. (Lemieux, 2001, como referido em Jacob, 2005a, p. 19)

A expansão deste tipo de iniciativas dá-se em primeiro lugar em França onde em 1980 já se verificava a existência de 52 UTIS (Lemieux, Boutin, Sánchez e Riendeau, 2003, como referido em Jacob, 2005b), e prosseguiu também em 1975 pelos países de afinidade linguística (Suíça, Bélgica e Canadá), verificando-se em 1976 a criação da Associação Internacional das universidades de terceira idade, em Genebra (Suíça).

Desde a primeira UTI em Toulouse até aos dias de hoje, é possível considerar que “...houve uma evolução de três gerações ou fases nos modelos de programas oferecidos por estas instituições” (Jacob, 2005a). A primeira geração situa-se ao longo dos anos sessenta e baseia-se fundamentalmente na ocupação de tempos livres, de promoção de convívio cultural, com o objetivo de ocupar as pessoas da terceira idade e de lhes facilitar as relações sociais (Lemieaux, 1999 como referido em Jacob, 2005a). Neste modelo, a formação que era dada não era sempre de nível universitário, podendo mesmo ser assegurada por outros agentes educativos. A segunda geração situa-se nos anos setenta e visava melhorar o bem-estar mental do idoso, com o recurso a atividades culturais consideradas de interesse, desenvolvendo assim a capacidade deste em intervir socialmente. Recorre a um ensino mais formal e à pesquisa, em atividades que não se revestem de características especificamente universitárias e que poderiam estar a cargo de uma Associação (Jacob, 2005a). Finalmente, a terceira geração que reporta à década de oitenta, “... desenvolveu-se no sentido de se aproximar das características de qualquer universidade tradicional: o ensino, a investigação e o serviço à comunidade em que se encontra inserida. Esta geração procura dar resposta a uma população de “terceira idade” cada vez mais jovem e escolarizada que começa a exigir cursos que possam ser reconhecidos.” (Jacob, 2005a, p. 7).

A maior parte das UTIS em Portugal encontra-se enquadrada nas ideologias das duas primeiras gerações apresentadas.

4.2. Objetivos das Universidades de Terceira Idade

Pelo grande leque de atividades culturais, recreativas, científicas, aprendizagem e pelo seu sucesso de implementação e crescimento a nível mundial, as universidades de terceira idade podem ser atualmente consideradas como um modelo de formação de adultos. Para tal, em muito contribuem as tendências demográficas e fatores socioeconómicos.

Nos países ocidentais, actualmente, a esperança de vida é mais elevada, as condições económicas têm vindo a melhorar para um número crescente de idosos, os cuidados de saúde estão mais generalizados, do que estavam algumas décadas atrás, assim como o acesso à cultura e à educação. (Jacob, 2005a, p. 5)

A implementação de políticas que reconheceram o direito a uma reforma por velhice ou pensões de sobrevivência ou até mais recentemente a antecipação na idade para acesso a essas reformas possibilitam que os seniores se dediquem a outras causas, tarefas ou atividades que não somente a sua própria sobrevivência.

A procura por novas experiências noutras áreas do conhecimento e a necessidade de estarem socialmente e culturalmente inseridos aliadas ao rápido desenvolvimento tecnológico a uma crescente perspectiva de educação ao longo da vida, dá-nos o enquadramento ideal para a proliferação de projetos como as universidades de terceira idade. A este nível, Veloso (2002) refere que

é o aumento da participação dos reformados/idosos na vida cultural e a necessidade de se sentirem inseridos social e culturalmente, continuarem activos e actualizados em diferentes áreas do conhecimento, o que, por sua vez, vai explicar o sucesso das UTIS e a sua elevada procura social. Esta questão articula-se com outros dois factores das sociedades desenvolvidas que são: o rápido desenvolvimento da tecnologia e do conhecimento e o facto de a educação começar a ser, cada vez mais, perspectivada como um processo ao longo da vida, valorizando e envolvendo outros contextos e agentes educativos, ultrapassando a visão limitada e exclusivista de educação como educação escolar e como preparação para o mundo do trabalho. (Brasseul, 1981 citação em Veloso, 2002, p. 4).

Neste enquadramento, de acordo com informação recolhida junto da página oficial da RUTIS¹ são objetivos das universidades de terceira idade a promoção da melhoria da qualidade de vida dos seniores, a realização de atividades de cultura, de lazer, de recreio, de ensino, de formação e de desenvolvimento pessoal e social, a promoção da participação cívica e de autoorganização dos seniores, a promoção de uma educação ao longo da vida, para a cidadania, para a saúde, para a tolerância e para o voluntariado, o incentivo à colaboração na investigação académica, científica

¹ A RUTIS (Associação Rede de Universidades da Terceira Idade) é uma Instituição de Utilidade Pública e a entidade representativa das Universidades de Terceira Idade Portuguesas. A RUTIS é também a entidade certificadora das universidades terceira idade, através do Instituto Português da Propriedade Industrial, e a representante nacional junto da Associação Internacional de Universidades da Terceira Idade e da UNESCO na II Assembleia Mundial do Envelhecimento. A ideia de criar uma associação representativa e de apoio às universidades seniores surgiu durante o III Encontro Nacional de universidades de terceira idade que decorreu em Almeirim, sob a organização da Universidade Sénior de Almeirim. Nesse encontro os dirigentes presentes referenciaram a necessidade de criar uma rede que unisse as 30 universidades de terceira idade existentes na altura. Assim surgiu a RUTIS que foi criada oficialmente a 21 de Novembro de 2005. Desde essa data tem sido desenvolvido um trabalho em prol das universidades de terceira idade, dos seniores e do envelhecimento ativo que se reflete nas parcerias firmadas, nas atividades desenvolvidas, nos trabalhos publicados e no número crescente de membros associados.

em áreas como a gerontologia ou andragogia e a divulgação dos serviços, deveres e direitos dos seniores.

4.3. A emergência das Universidades de Terceira Idade em Portugal

A iniciativa de criação de uma Universidade de Terceira Idade em Portugal partiu do Engenheiro civil Herberto Miranda, que havia exercido a sua atividade profissional em África, onde tivera a oportunidade de assistir ao papel que os idosos desempenhavam e ao estatuto social que mantinham nas suas comunidades. De acordo com a situação de prestígio que o idoso tinha em África, e que pode constatar nesta sua experiência de vida, entendeu o Engenheiro Herberto Miranda que se em Portugal houvesse um movimento de revalorização dos seus conhecimentos e da sua imagem, também os idosos em Portugal poderiam passar a beneficiar de outra valorização social, sendo que para tal seria necessário um espaço de formação e investigação.

Essa solução baseava-se no prestígio dos idosos, respeitados por todas as correntes espirituais dos povos africanos. (...) Tratava-se de uma estrutura de saber e experiência, oferecendo um largo espaço de investigação, ensino e formação, produção de bens e serviços, definindo assim um conceito mais lato de universidade do que aquele em que se enquadravam as nossas universidades. (Universidade Internacional da Terceira Idade, 1997 como referido em Veloso, 2007, p. 276).

O facto de ter frequentado um curso de especialização em planeamento em França, permitiu que o Engenheiro Herberto Miranda travasse conhecimento com Pierre Vellas e tomasse contacto com a problemática sobre a valorização social do idoso e da redefinição dos seus papéis, o contexto que serviu de antecâmara para a primeira experiência de criação de uma Universidade da Terceira Idade em Toulouse.

Em face de tal movimento [das diferentes universidades da terceira idade que estavam a surgir, por diferentes países], e observando o meu bairro (...), não poderia ficar quedo. E, assim, nasce, com surpresa de muitos a Universidade Internacional para a Terceira Idade, que despertou entre nós, as atenções para um problema que se está agudizando. (Miranda, 1998 como referido em Veloso, 2007, p. 276).

É então na década de 70 do século XX, mais concretamente em 1978, em plena época de mudança de paradigma sobre o papel do idoso (manter no domicílio em vez de internar a pessoa que não tivesse rendimentos ou apoio familiar, em asilos), numa política que promove o modo de vida autónomo e perspetiva o retardamento do

envelhecimento e que por consequência se assiste ao aumento de respostas sociais como os lares, centros de dia, casas de repouso ou apoio domiciliário, que surge a primeira Universidade de Terceira Idade portuguesa.

A Universidade Internacional para a Terceira Idade visava então assumir-se como

(...) uma instituição cultural e educativa, pretendendo valorizar a imagem do idoso como alguém com capacidades para ser útil à sociedade, contribuindo para o seu desenvolvimento. Esta instituição não pretendia situar-se na área da ação social, na óptica de ajudar os “velhinhos” para que tivessem necessidades económicas e sociais e/ou limitações físicas, mas visava promover objectivos culturais e educacionais, dirigindo-se prioritariamente a uma velhice autónoma, activa e sem carências socioeconómicas. (Veloso, 2007, p. 273).

Após esta primeira experiência com implementação geográfica em Lisboa seguiu-se outra na cidade do Porto, sendo que apenas na segunda metade da década de oitenta haveriam de surgir mais cinco novas universidades de terceira idade. É a partir da década de 90 que se dá um verdadeiro crescimento a nível nacional desta tipologia de iniciativas.

4.4. Caracterização das Universidades de Terceira Idade em Portugal

Atualmente deverão existir cerca de 200 UTIS em Portugal, sendo que 189 UTIS se encontram devidamente inscritas junto da RUTIS, das quais 18 se encontravam inativas por terem cessado atividade, por não prestarem informações ou mesmo por não cumprirem os requisitos da RUTIS. De acordo com a RUTIS, deverão ainda existir mais duas dezenas de UTIS relacionadas com Clubes Rotários e uma dezena de UTIS isoladas.

Quanto à sua localização pode-se afirmar que as UTIS já se encontram presentes um pouco por todo o país. De acordo com Veloso (2002) “...constatamos sobre as UTIS em Portugal que se trata de um fenómeno principalmente urbano, com uma maior implantação geográfica no litoral do país” e “encontram-se localizadas em distritos que nem são os mais envelhecidos”. Contudo, e de acordo com dados disponibilizados pela RUTIS, 2012, distritos como Vila Real, Bragança, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Évora e mesmo Beja, já têm UTIS implementadas no seu território.

No ano de 2012, e de acordo com dados disponibilizados pela RUTIS, existiam perto de 30.000 alunos inscritos em UTIS, sendo que a larga maioria eram do sexo feminino (76%), com idades compreendidas entre os 60 e os 70 anos, reformadas ou domésticas e com habilitação académicas bastante diversificadas, desde a 4ª classe ao doutoramento.

Quadro 1. Evolução do número de alunos, por sexo e %, 2002-2011.

	2002 ⁽¹⁾	2005 ⁽²⁾	2008 ⁽³⁾	2011 ⁽⁴⁾
Total, em nº	4.980	10.907	17.481	29.250
Homens	21%	21%	22%	24%
Mulheres	79%	79%	78%	76%

Fonte: RUTIS como referido em Jacob (2012), para 51⁽¹⁾, 66⁽²⁾, 102⁽³⁾ e 172⁽⁴⁾ UTIS.

Relativamente à denominação, tradicionalmente em Portugal, as UTIS utilizam a denominação de “Universidade”, seja Universidade da Terceira Idade (6%), seja Universidade Sénior (66%). Em seguida surge a terminologia “Academia”, como Academia Sénior (13%).

Quadro 2. Denominação ao longo dos anos, em %, 2002-2012.

	2002 ⁽¹⁾	2005 ⁽²⁾	2008 ⁽³⁾	2011 ⁽⁴⁾	2012 ⁽⁵⁾
Universidade Sénior	24	26	47	66	73
Academia	12	17	14	13	14
Universidade Terceira Idade	45	32	16	6	8
Institutos	9	8	5	2	3
Outras denominações	10	17	18	13	2
Total	100	100	100	100	100

Fonte: RUTIS como referido em Jacob (2012) para 51⁽¹⁾, 66⁽²⁾, 102⁽³⁾, 172⁽⁴⁾ e 189⁽⁵⁾ UTIS.

No que respeita à pertença, em Portugal, perto de 30% das UTIS foram criadas pelos próprios utilizadores seniores. Contudo, a maioria das UTIS existentes está agregada a outra associação, tipo IPSS, Rotários, Associação Cultural ou Clube. Ao longo dos tempos, o número de UTIS a funcionar em total autonomia tem diminuído, em comparação com as pertencentes a uma associação ou, principalmente a uma autarquia, como câmara municipal ou junta de freguesia, mas o facto de estarem integradas numa estrutura não significa que, em muitos casos, os seniores não participem ativamente na gestão e organização da UTI.

Quadro 3. Pertença.

	2002 ⁽¹⁾	2005 ⁽²⁾	2008 ⁽³⁾	2011 ⁽⁴⁾	2012 ⁽⁵⁾
Associadas a outra instituição	70%	75%	80%	90%	93%
Autónomas	30%	25%	20%	10%	7%

Fonte: RUTIS como referido em Jacob (2012) para 51⁽¹⁾, 66⁽²⁾, 102⁽³⁾, 172⁽⁴⁾ e 189⁽⁵⁾ UTIS.

Ainda de acordo com dados fornecidos pela RUTIS, as UTIS em Portugal funcionam todas fora do sistema escolar, mantendo-se fiéis aos princípios básicos de aprendizagem informal. A maioria das UTIS trabalha com professores voluntários, existindo, no entanto, algumas que pagam aos professores, para todas ou só para determinadas disciplinas.

Quadro 4. Vínculo dos professores, em %.

Vínculo	%
Voluntários	80
Remunerados	20

Fonte RUTIS (2008) como referido em Jacob (2012).

Quadro 5. Relação Universidades/Professores, em %.

	%
Universidades só com voluntários	66
Universidades só com remunerados	10
Universidades com os dois tipos de vínculo	24

Fonte: RUTIS (2008) como referido em Jacob (2012).

De acordo com Veloso (2002), a maioria das disciplinas são comuns a todas as universidades, variando em função dos níveis de aprofundamento e do tipo de materiais de pintura e de artes decorativas. Da vasta oferta letiva, a disciplina mais popular é a Informática. No entanto, paralelamente às aulas lecionadas existem várias outras atividades extracurriculares, cuja preferência dos alunos recai nos grupos de teatro e grupos musicais. Conforme dados disponibilizados pela RUTIS, existem atualmente mais de 3.300 disciplinas nas UTIS da RUTIS e a maioria destas UTIS têm grupo de música.

Quadro 6. UTIS com grupos de música e teatro.

	Nº	%
Música	113	67
Teatro	80	47

Fonte: RUTIS (2012) como referido em Jacob (2012).

Quadro 7. Número de disciplinas por Universidade, em %.

	2002 ⁽¹⁾	2011 ⁽²⁾
Menos de 10	4	14
10 a 20	56	47
21 a 30	20	22
Mais de 30	20	17

Fonte: RUTIS como referido em Jacob (2012), para 52⁽¹⁾ e 172⁽²⁾ UTIS.

As mensalidades são geralmente baixas, com o máximo a situar-se nos 35€/mês, com as aulas e as atividades a decorrer em instalações próprias ou cedidas pelas autarquias.

Quadro 8. Mensalidades, em % de alunos.

Valor da mensalidade	% de alunos
Menos de 15€	40
16 a 25€	50
Mais de 25€	10

Fonte: RUTIS (2008) como referido em Jacob (2012).

Quadro 9. Tipo de Instalações, em %.

Tipo de instalações	%
Próprias	24
Cedidas	57
Arrendadas	19

Fonte: RUTIS (2008) como referido em Jacob (2012).

CAPÍTULO 2.

CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Este capítulo destina-se à apresentação do campo empírico deste estudo, procurando retratar o Concelho e a Freguesia de Oliveira do Bairro, assim como a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro.

1. Caracterização do Concelho de Oliveira do Bairro²

1.1. Caracterização geográfica

O concelho de Oliveira do Bairro apresenta-se localizado na Região Centro e faz parte integrante da Sub-região do Baixo Vouga.

Figura 1. Mapa



Com uma superfície territorial de 87,3km², Oliveira do Bairro representa cerca de 4,8% da superfície do território da Sub-região Baixo Vouga e cerca de 0,3% da área do território da Região Centro (Censos, 2001).

Fazendo igualmente parte integrante do distrito de Aveiro, o território concelhio apresenta-se limitado, a Norte, pelo município de Aveiro, a Nordeste, pelo concelho de Águeda, a Sudeste, pelo concelho de Anadia, a Sul, pelo concelho de Cantanhede e, a Oeste, pelo concelho de Vagos.

² Fontes: Câmara Municipal de Oliveira do Bairro (2013) Plano Diretor Municipal de Oliveira do Bairro, Março de 2013; INE, Censos 2011.

O concelho de Oliveira do Bairro posiciona-se numa localização geográfica privilegiada, uma vez que se constitui como um território de charneira entre o litoral e o interior e entre o Norte e o Sul. O concelho apresenta uma forte relação de proximidade aos centros urbanos de Coimbra, Aveiro e Porto, tendo conseguido acompanhar a dinâmica de crescimento sentida nestas cidades, o que se deve em grande parte às boas acessibilidades que facilitam as ligações interconcelhias.

A centralidade que o concelho de Oliveira do Bairro observa relativamente à mancha industrial de Aveiro, bem como, à cidade de Coimbra, constitui evidência de uma localização estratégica privilegiada, situação que poderá potenciar e reforçar dinâmicas já existentes, aproveitando complementarmente uma relativa facilidade no acesso a equipamentos e infraestruturas como aeródromos, portos marítimos, polos universitários ou centros de formação profissional.

1.2. População residente e densidade populacional

De acordo com os Censos de 2011, do Instituto Nacional de Estatística (INE), o Concelho de Oliveira do Bairro apresenta 23028 habitantes, o que corresponde a uma densidade populacional de cerca de 264 habitantes/km². Este valor é mais do dobro do valor registado no território continental (109 habitantes/km²). No que respeita à distribuição da população pelas freguesias do concelho, esta encontra-se distribuída pelas seguintes freguesias: Oliveira do Bairro, Oiã, Palhaça e União das Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa. Verifica-se que as freguesias de Oiã e Oliveira do Bairro se destacam por apresentarem os maiores valores de densidade populacional, com respetivamente, 293 habitantes/km² e 277 habitantes/km², ambos superiores ao valor médio do concelho, e significativamente acima, ou seja, muito superior ao dobro do valor médio observado em Portugal Continental. A este respeito, a freguesia de União de Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa destaca-se por ser aquela que possui menor densidade populacional do concelho (cerca de 226 habitantes/km²).

Analisando a evolução da população residente ao nível do concelho nas últimas três décadas, constata-se ter ocorrido um acréscimo muito significativo de aproximadamente 23% entre 1991 e 2011 (correspondente a um acréscimo

populacional de 4368 habitantes) e de cerca de 9% entre 2001 e 2011 (correspondente a um acréscimo populacional de 1864 habitantes).

De uma forma geral houve um acréscimo de população em todas as freguesias, no entanto, a freguesia da União de Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa foi a que registou um acréscimo mais baixo, com um aumento de 293 habitantes no período de 1991 a 2011. A freguesia onde ocorreu um maior acréscimo populacional em termos absolutos entre 1991 e 2011 foi Oiã (mais 2008 habitantes), tendo sido seguida pela freguesia de Oliveira do Bairro (mais 1661 habitantes). Esta última foi igualmente a freguesia que registou o maior aumento relativo entre 1991 e 2011 (mais 36% da sua população residente), tendo sido seguida de perto pela freguesia de Oiã (mais 35%).

Um outro elemento relevante a mencionar é o facto de entre 2001 e 2011 as freguesias de Oiã e Palhaça terem registado os maiores acréscimos da população (15% no primeiro caso, o que se traduz num aumento de 1010 habitantes, e de 12,7% no segundo, o que se traduz num aumento de 297 habitantes).

Em valor absoluto, a freguesia que apresentava em 2011 o maior número de habitantes era Oiã (7722), sendo seguida pela freguesia da união de Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa (6429 habitantes). A freguesia do concelho que em 2011 apresentava menor valor de população residente era a Palhaça (2627).

1.3. Estrutura etária da população

Tendo em conta os resultados dos Censos de 2011, a população residente nas quatro freguesias do concelho, encontra-se distribuída, segundo a estrutura etária, da forma que a seguir se apresenta.

Para o efeito, são considerados jovens, os indivíduos com idades entre os 0 e os 14 anos, como adultos os indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos e idosos, os indivíduos com idade superior ou igual a 65 anos.

Quadro 10. População Residente (Nº) por freguesia.

Estrutura Etária	0-14 Anos	15-64 Anos	≥ 65 Anos	Total residentes
Oiã	1347	4990	1385	7722
Oliveira do Bairro	975	4189	1086	6250
Palhaça	406	1647	574	2627
União de Freguesias de Bustos, Mamarrosa e Troviscal	899	3839	1691	6429
Total	3627	14665	4736	23028

Fonte: Censos 2011.

1.4. Índice de envelhecimento e sua evolução

O índice de envelhecimento do concelho de Oliveira do Bairro, que relaciona o número de idosos (população residente com 65 ou mais anos) com o de jovens (população residente entre 0 e 14 anos), apresentava em 2011 um valor de 132, o que significa que existiam mais de um idoso para cada jovem. Este valor é ligeiramente superior ao observado para o território continental (índice de envelhecimento de 131 em 2011).

Ao nível das freguesias constata-se que em 2011 a que apresentava um índice de envelhecimento mais elevada é a União de Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa, com 190. A freguesia onde o índice de envelhecimento mostrava ser menor é a freguesia de Oiã (104), sendo seguida pela freguesia de Oliveira do Bairro (112). Estas são precisamente as freguesias mais povoadas de Oliveira do Bairro, o que reforça a tendência já identificada no ponto anterior para as zonas mais urbanas captarem parte da população das zonas rurais, decorrente da maior oferta de emprego e da presença de equipamentos diversos, dos quais se destacam os de ensino.

No que respeita à evolução do índice de envelhecimento no concelho, e tendo por base os dados dos três últimos censos, constata-se que este sofreu um aumento de aproximadamente 62% entre 1991 e 2011, de 1% entre 2001 e 2011 e de 64% entre 1991 e 2011. Ao nível da evolução do índice de envelhecimento por freguesia, constata-se que todas as freguesias do concelho apresentaram um aumento do índice de envelhecimento entre 1991 e 2011, passando-se a mesma situação entre 2001 e 2011. Apenas a freguesia de Oiã registou um aumento inferior a 50% entre 1991 e 2011, tendo sido registados os maiores aumentos nas freguesias da União de

Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa e da Palhaça, com aumentos de 67% e 65%, respetivamente.

Importa ainda referir que, de acordo com os Censos (2011), entre 2001 e 2011, a população com pelo menos 65 anos de idade residente no concelho aumentou 16%, tendo a população jovem (com idade compreendida entre 0 e 14 anos) registado um aumento de cerca de 8%. Os dados revelam, portanto, um agravamento generalizado do envelhecimento da população ao longo do período em análise.

1.5. População por sector de atividade

O sector que em 2011 abrangia maior proporção da população empregada do concelho de Oliveira do Bairro era o sector terciário, representando cerca de 42% desta, apresentando valores semelhantes em todas as freguesias, sendo os valores ligeiramente mais baixos registados nas freguesias da Palhaça (39%) e União das Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa (38%). O sector terciário representava em 2011 aproximadamente 56% da população do concelho, sendo que a freguesia da Palhaça é aquela onde este sector apresentava maior peso relativo com cerca de 59% da sua população empregada a trabalhar neste sector.

No que respeita ao sector primário, este representava em 2011 apenas 3% da população empregada do concelho, assumindo maior peso relativo na União das Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa com 5%.

Ao nível da evolução da representatividade dos vários sectores de atividade no concelho de Oliveira do Bairro, constata-se que entre 2001 e 2011 o sector primário sofreu uma drástica redução, passando de uma representatividade de 8% da população empregada em 2001 para 3% em 2011. Esta redução também foi sentida no sector secundário, sendo de 49% em 2001, decresceu para os 38% em 2011. Em sentido contrário, a representatividade do sector terciário no concelho sofreu uma evolução positiva entre 2001 e 2011, tendo este sector registado uma variação de aproximadamente 13% (passou de 43% em 2001 para 56% em 2011).

1.6. População face ao emprego

Com base nos dados estatísticos recolhidos nos Censos 2011, conclui-se que, dos 23028 indivíduos residentes no concelho de Oliveira do Bairro, 11072 pessoas tinham atividade económica, o que se traduz numa taxa de atividade neste concelho de 48,1%. O total de residentes empregados ascendia a cerca de 43,2% do quantitativo de residentes e a 90% da população economicamente ativa. No que se refere à taxa de desemprego no concelho (10,2%), verifica-se que esta assume um valor inferior à média na Região Centro (11%) e na Sub-região do Baixo Vouga (11,2%). Em termos globais, a taxa de desemprego duplicou, no último período intercensitário. Se em 1991 o concelho de Oliveira do Bairro detinha uma taxa de desemprego considerada residual, quando comparada com a da Sub-Região e, ainda mais com a do Continente, em 2001 passa a ter alguma expressão e no ano de 2011 duplica. Contudo, o valor registado continua a ser inferior, quando comparado com as taxas registadas nas unidades geográficas em análise.

No que diz respeito à população desempregada, que representa 4,9% da população residente total, encontra-se subdividida em dois conjuntos. O primeiro, “à procura do 1º emprego”, permite constatar a existência de 218 indivíduos integrados nesta classe (19,2%), os quais se encontram à procura do primeiro emprego e pertencem provavelmente aos escalões etários mais jovens. O restante contingente de desempregados (916 pessoas) encontrava-se numa situação de procura de um novo emprego.

1.7. Taxa de analfabetismo

Em 2011, a taxa de analfabetismo do concelho de Oliveira do Bairro era de 5,6%, um pouco acima do valor nacional (5,2%), sendo que todas as freguesias revelavam taxas de analfabetismo muito próximas da média nacional, com exceção da União de Freguesias de Bustos, Troviscal e Mamarrosa, que apresenta uma taxa de analfabetismo mais elevada (6,6%).

Relativamente à evolução temporal da taxa de analfabetismo entre 2001 e 2011, constata-se que ocorreu uma diminuição significativa em todas as freguesias do concelho. No que se refere ao concelho em termos globais, este indicador decresceu de 15,9% em 1991 para 15,5% em 2001 e para 5,6% em 2011. A freguesia que

registou maior diminuição da taxa de analfabetismo entre 2001 e 2011 foi a União de Freguesias Bustos, Troviscal e Mamarrosa, que passou de uma taxa de analfabetismo de 11% em 2001 para 7% em 2011. De referir que esta diminuição da taxa de analfabetismo deverá estar mais associada à morte das pessoas idosas analfabetas, e menos a uma intervenção da escola, dado que neste período a escolaridade é obrigatória.

Importa ainda indicar que em 1991 a população que possuía como nível máximo de instrução o primeiro ciclo de ensino representava 63% do total, tendo este valor evoluído para 40% em 2001 e para 32% em 2011, a favor dos níveis de ensino seguintes, o que indica uma evolução favorável do nível de instrução da população ao longo das últimas décadas.

2. Caracterização da Freguesia de Oliveira do Bairro

A Freguesia de Oliveira do Bairro é a Freguesia sede do Concelho de Oliveira do Bairro onde, de acordo com o Censos de 2011, residem 6244 habitantes, num território com a área de 23,28 Km² o que se traduz numa área de ocupação de 268 habitantes por Km². Possui vantagens locativas pela proximidade geográfica a grandes centros urbanos como Aveiro e Coimbra, com acessos de excelência, como são o caso da A1, A17, A25 e IC2. Nesta Freguesia, assim como no Concelho e na região, verificou-se um movimento de passagem de território com características rurais para um território com características urbanas, com um incremento das atividades do sector secundário e terciário, por perda do sector primário, nomeadamente com o abandono crescente das atividades agrícolas por inúmeros agregados familiares. No que respeita às atividades agrícolas importa referir que a Freguesia de Oliveira do Bairro se encontra integrada na Zona Demarcada dos Vinhos da Bairrada, sendo este um fator que ainda sustenta a atividade de alguns agregados familiares. Podem-se ainda encontrar neste território arrozais cultivados por agricultores que não residem nesta Freguesia, pomares de Kiwis, culturas de hortícolas diversas e de pequena dimensão que têm por destino o consumo doméstico e algumas pequenas matas de eucalipto e pinhal. Na freguesia de Oliveira do Bairro pode-se ainda encontrar uma Zona Industrial e diversa indústria espalhada por outros

pontos da Freguesia, onde lidera a indústria transformadora do barro, a indústria cerâmica e metalomecânica.

Também de acordo com os censos de 2011 se pode constatar que o crescimento populacional tem sido uma realidade, muito por força das migrações de naturais de Concelhos ou Freguesias vizinhas para a Freguesia de Oliveira do Bairro, pois esta oferece um parque habitacional de muita oferta e a preços relativamente baixos, quando comparados com as malhas urbanas de Aveiro ou Coimbra. O desemprego que é tradicionalmente baixo, não só na Freguesia como também no Concelho, têm vindo a aumentar. Nesta linha, o emprego criado e disponível é também cada vez mais precário e temporário. Associada à oferta de emprego que se verificava até há alguns anos atrás assistia-se também ao fenómeno de imigração de indivíduos e famílias com origem nos países do Leste da Europa e Africa, sendo que muito recentemente, por força do abrandamento do sector da construção civil, estagnação da contratação de funcionários pelos grandes empregadores da Freguesia (indústria cerâmica e metalomecânica) e consequente aumento do desemprego, este fenómeno têm sofrido um retrocesso. Pela análise dos indicadores demográficos pode-se aferir essencialmente que assiste-se à tendência de um crescente envelhecimento da população, com a diminuição da taxa de natalidade e com o aumento da esperança média de vida. Podemos ainda verificar que existe uma tendência para que a população economicamente ativa seja cada vez menor e que os economicamente dependentes sejam cada vez em maior número. De acordo com um estudo realizado pela Universidade de Aveiro em 2005, a pedido da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, e tendo em vista a realização da Carta Educativa do Concelho de Oliveira do Bairro, documento que projetou demograficamente este Concelho para o ano de 2030 e que serviu de base à construção de oito novos polos escolares desde então até hoje, nos próximos 25 anos a população do Concelho de Oliveira do Bairro irá crescer 16%, sendo a Freguesia sede do Concelho a mais beneficiada com este aumento populacional estimado. Ainda de acordo com dados oficiais da Câmara Municipal, e no que respeita à qualidade de vida na Freguesia de Oliveira do Bairro, tem, esta Freguesia, uma taxa de cobertura de abastecimento de água e saneamento de 100%. Por outro lado, constata-se a existência de elevada percentagem da população com escolaridade menor ou igual à obrigatória em Portugal. Não obstante de a taxa de

desemprego não ser das maiores a que se assiste no País, pode-se ainda concluir que o rendimento é baixo pois o emprego não é qualificado e portanto, pouco remunerado.

3. Caracterização da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro

A Universidade Sénior de Oliveira do Bairro (UNISOB) é um projeto socioeducativo, que surge por forma a propiciar um espaço de aprendizagem/ensino adequado à população sénior da região de Oliveira do Bairro. A necessidade desta iniciativa, para além de percebida pelos responsáveis autárquicos no seu trabalho de proximidade com a população, é identificada no Plano de Desenvolvimento Social 2008-2013, levado a cabo pelo Conselho Local de Ação Social de Oliveira do Bairro. Neste documento apresentado em 2009, surge a referência à necessidade de avançar com este projeto, como uma Intervenção de Interesse Local, na estratégia de combate ao envelhecimento e como promoção da Aprendizagem ao Longo da Vida.

Os destinatários são pessoas de ambos os sexos, com idade superior a 50 anos, reformados ou no mercado de trabalho, com aptidão física e psíquica adequada às atividades a que se propõem. Não existe qualquer restrição quanto à escolaridade mínima obrigatória, nacionalidade ou área de residência.

Os objetivos da UNISOB são os seguintes:

- a) Oferecer aos alunos, um espaço de vida socialmente organizado e adaptado às suas idades, para que possam viver de acordo a sua personalidade e a sua relação social;
- b) Proporcionar aos alunos a frequência de aulas e cursos onde os seus conhecimentos possam ser divulgados, valorizados e ampliados;
- c) Desenvolver atividades promovidas para e pelos alunos;
- d) Criar espaços de encontro na comunidade que se tornem incentivos e estímulos a um sã espírito de convivência e de solidariedade humana e social;
- e) Divulgar e preservar a nossa história, cultura, tradições e valores;
- f) Fomentar e apoiar o voluntariado social;
- g) Desenvolver ações de formação social, pessoal e profissional para toda a comunidade.

No que respeita à oferta letiva, é a seguinte: Português, Francês, Inglês, Alemão, Informática, Cidadania, Gerontologia Social, Culinária, Arte Floral, Artes Decorativas, Bordados, Macramé e Atividade Física.

Relativamente à oferta de atividades extracurriculares, os alunos poderão frequentar: Clube de Caminhada (Tok'andar), Tuna Académica (Tunisob), Clube de Leitura, Clube Lúdico-Pedagógico, Clube de Fotografia, Grupo de Teatro, palestras, workshops, visitas de estudo ou convívios de carácter pontual.

No que respeita aos Recursos, importa distinguir:

1 – Recursos Humanos

O executivo da Junta de Freguesia de Oliveira do Bairro é o órgão político e diretivo da UNISOB, e deve nomear um Coordenador responsável pela atividade da UTI. O Coordenador nomeado pelo executivo da Junta de Freguesia é o seu Presidente, Márcio José Sol Pereira Oliveira. Compete ao Coordenador desenvolver as atividades regulares da UNISOB, promover novos serviços, valências, atividades e oferta letiva, representar a UNISOB e manter o são relacionalmente entre todos.

A UNISOB conta com a participação de 10 professores voluntários ao abrigo da Lei 71/98 de 3 de Novembro sobre o voluntariado, 1 professor com contrato de prestação de serviços para lecionar a disciplina de Informática, 1 administrativo com contrato de prestação de serviços para trabalho de secretaria e tesouraria e 1 assistente social com contrato de prestação de serviços para a dinamização do Gabinete de Apoio ao Aluno, assim como de todas as outras atividades extracurriculares atualmente instituídas.

2 – Recursos Materiais e Físicos

A UNISOB tem a sua sede na Rua Conde Ferreira, n.º 1 – Oliveira do Bairro, morada da Junta de Freguesia de Oliveira do Bairro, sendo que todas as atividades letivas decorrem no edifício da antiga Escola Primária do Cercal, localizada na Rua Santo Nome de Jesus, Cercal – Oliveira do Bairro. A UNISOB tem ainda protocolado com a Câmara Municipal de Oliveira do Bairro a possibilidade de recorrer ao Pavilhão Gimnodesportivo, Piscinas Municipais, Auditório do Espaço Inovação ou outros espaços municipais entendidos como os mais adequados para a realização de eventos pontuais.

CAPÍTULO 3.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os objetivos desta investigação, a questão de partida e questões orientadoras. Procura-se ainda explicar e fundamentar as opções metodológicas adotadas no presente estudo.

1. Problemática e Objetivos do Estudo

Após o enquadramento teórico, podemos afirmar que existem vários estudos sobre o impacto das universidades seniores na qualidade de vida dos cidadãos e na promoção do envelhecimento ativo, mas são escassos os trabalhos que analisam o impacto destas instituições na comunidade e no seu desenvolvimento. Perceber os ganhos que os intervenientes e a comunidade percecionam sobre esta tipologia de projetos torna-se fundamental para as entidades promotoras poderem adequar a suas políticas ou estratégias de intervenção local e comunitária, tendo presente as tendências demográficas, o envelhecimento da população e a crescente procura de atividades sócio educativas do segmento sénior da nossa sociedade. Neste sentido, apresentamos os seguintes objetivos para a presente investigação:

- Analisar a importância da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro para os seus alunos;
- Analisar a importância da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro na promoção do desenvolvimento local.

2. Questão de partida e questões orientadoras

2.1. Questão de partida

Partindo dos objetivos de estudo, acima referidos e procurando dar-lhes resposta, esta investigação tem como pergunta de partida:

A Universidade Sénior de Oliveira do Bairro contribui para a melhoria da qualidade de vida dos seus alunos e para a promoção do desenvolvimento local?

2.2. Questões orientadoras

Com vista a operacionalizar a questão de partida, no sentido de responder aos objetivos do estudo, formularam-se as seguintes questões orientadoras:

- Quais os motivos que fundamentaram a inscrição do aluno na UNISOB?
- O aluno da UNISOB identifica benefícios para a sua vida pessoal desde que começou a frequentar este projeto?
- Os alunos da UNISOB consideram este projeto como um espaço aberto à comunidade?
- Os alunos consideram que a UNISOB contribui para o desenvolvimento local e comunitário?
- Como avalia a comunidade, o impacto da UNISOB, na promoção do envelhecimento ativo?
- A comunidade considera que a UNISOB contribui para o desenvolvimento local?

3. Contextualização do estudo

As universidades seniores têm-se revelado projetos que promovem o envelhecimento ativo e a qualidade de vida dos cidadãos idosos, num quadro de envelhecimento demográfico emergente.

O projeto UNISOB existe, após um período experimental, desde Outubro 2011 e aceita inscrições de alunos com pelo menos 50 anos de idade.

A UNISOB é um projeto criado e promovido pela Junta de Freguesia de Oliveira do Bairro, sendo o Presidente da Junta de Freguesia o coordenador deste projeto socioeducativo. Segundo o coordenador, “a carência desta oferta à nossa comunidade, para além de percebida pelos responsáveis autárquicos no seu trabalho de proximidade com a população, é identificada no Plano de Desenvolvimento Social 2008-2013, levado a cabo pelo Conselho Local de Ação Social de Oliveira do Bairro” (Jornal da Bairrada, 27 de Outubro de 2011³).

³ <http://www.jb.pt/2011/10/universidade-senior-promove-programa-de-envelhecimento-activo/>, obtido em 23 de Abril de 2014.

4. Universo de Estudo

O inquérito por questionário foi realizado aos alunos da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro, sendo a amostra deste estudo constituída por 97 alunos inscritos no ano letivo 2012/13. Consideramos que a amostra é representativa da população inscrita na UNISOB, que totalizava naquele período letivo 120 indivíduos, sendo que não responderam ao questionário apenas os alunos que durante a semana definida para o preenchimento dos mesmos, não compareceram na UNISOB.

De forma a abarcar um conjunto de alunos com um leque de interesses e motivações variadas, os questionários foram entregues, preenchidos e recolhidos durante os cinco dias da semana, de uma semana de aulas convencional, à entrada de cada aula, de cada disciplina lecionada ou atividade extracurricular, durante esse período de tempo.

Durante o preenchimento dos questionários, o investigador permaneceu na sala de aula de forma a poder esclarecer os alunos de dúvidas relativamente a termos ou palavras que constavam nos questionários e que fossem suscetíveis de dúvida por parte dos inquiridos.

Dos 97 questionários recolhidos, todos foram validados, visto satisfazerem os requisitos necessários para comporem a amostra.

As entrevistas tiveram como destinatários 3 indivíduos que pertencem à comunidade de Oliveira do Bairro e que representam vários setores da sociedade. Assim sendo, selecionámos o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, o Senhor Padre da Paróquia de Oliveira do Bairro e o Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Oliveira do Bairro. As entrevistas realizadas enquadraram-se no tipo de entrevistas semiestruturadas, sendo que, a pedido dos inquiridos, a mesma foi respondida, por escrito, via e-mail.

5. Métodos, Técnicas e Instrumentos de Recolha e Tratamento de Dados

Considerou-se que a metodologia mais adequada para o desenvolvimento deste estudo é o estudo de caso. Trata-se de um estudo misto de carácter qualitativo e quantitativo, recorrendo às técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, observação direta, inquérito por questionário e inquérito por entrevista.

5.1. Estudo de Caso

No seguimento do enquadramento teórico já referido anteriormente e em virtude de ter sido criada em 2011 a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro, considerámos ser muito pertinente a opção de realizar um estudo de caso, como meio de dar resposta aos objetivos atrás definidos.

Podemos entender o estudo de caso como uma “abordagem empírica que investiga um fenómeno atual no seu contexto real; quando os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes e, no qual são utilizadas muitas fontes de dados.” (Yin, 1988 como referido em Carmo & Ferreira, 1998, p. 216).

Para o desenvolvimento deste estudo de caso, recorreremos aos seguintes instrumentos de recolha de dados: pesquisa bibliográfica e documental, observação direta / conversas informais, inquérito por entrevista e inquérito por questionário. Estas técnicas de recolhas de dados, validadas no estudo de caso que para Carmo & Ferreira (1998), permitem corroborar o mesmo fenómeno, considerando um conjunto mais diversificado de tópicos de análise. Com este tipo de estudo, pretende-se obter uma descrição pormenorizada do caso, não obstante de estarmos conscientes das limitações inerentes ao estudo de caso, nomeadamente a impossibilidade de se adaptar as mesmas conclusões a outros contextos, não contribuindo assim para a construção de teorias.

5.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha e Tratamento de Dados

Na presente investigação optou-se por, no que diz respeito aos instrumentos de carácter quantitativo pelo inquérito por questionário e, no que se refere aos instrumentos de carácter qualitativo, pela pesquisa e análise bibliográfica e documental e pelo inquérito por entrevista.

5.2.1. Pesquisa e análise bibliográfica e documental

Qualquer trabalho de investigação deve ter base a literatura empírica existente acerca da temática em estudo. Na presente investigação, foram consultados livros, artigos científicos, artigos de imprensa e material disponibilizado na internet.

A análise documental é uma técnica regularmente utilizada para triangular os dados obtidos através de outras técnicas (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1994). Segundo Bell (1993), a análise documental pode ser utilizada como método central da pesquisa, sendo neste caso os documentos a principal fonte de informação, ou pode servir de complemento à informação obtida através de outros métodos. Importa destacar que a bibliografia foi usada para construir o suporte teórico do presente estudo.

A pesquisa documental neste estudo em concreto consistiu na análise de vários documentos relativos à UNISOB. Optou-se por recorrer a um conjunto de suportes documentais referentes ao projeto da UNISOB disponibilizados pela Junta de Freguesia de Oliveira do Bairro, em concreto o regulamento interno da UNISOB e outros documentos que descrevem a oferta formativa do projeto. Foram ainda consultadas notícias da imprensa local. Por forma a realizar uma atual e relativamente detalhada análise dos indicadores considerados de interesse para a caracterização do concelho e freguesia de Oliveira do Bairro, foram consultados os diversos Estudos Sectoriais de Caracterização do Plano Diretor Municipal de Oliveira do Bairro.

5.2.2. Observação Direta

A observação direta / conversas informais permitem recolher informação junto da comunidade de estudo e são um auxiliar importante para a compreensão de um conjunto de aspetos relacionados com a realidade estudada. De acordo com Quivy & Campenhoudt (2003), a observação direta constitui o único método de investigação social (à exceção de investigação-ação) que capta os comportamentos dos sujeitos em análise no momento em que eles se produzem, sem ter por base um documento ou testemunho.

Com este tipo de observação, é possível, ainda segundo os mesmos autores, realizar uma análise de comportamentos espontâneos dos sujeitos em observação, assim como compreender de forma não verbal os respetivos comportamentos e atitudes. A aplicação desta técnica permitiu ao investigador apreender os comportamentos dos alunos no próprio momento em que se produzem e em contexto real, e com total autenticidade dos acontecimentos (Quivy & Campenhoudt, 2003).

Na presente investigação optou-se pela observação direta, participante, na medida em que o investigador tornou-se parte da situação a observar, pelo facto de aquando da realização dos inquéritos, se ter mantido presente, ter convivido com os inquiridos, ouvido as suas opiniões e as conversas entre os próprios inquiridos acerca do projeto. Considera-se que a observação direta realizada é do tipo não estruturada porque o investigador não sabia concretamente o que procurava, simplesmente observava os comportamentos da população alvo que pudessem ser significativos para a investigação (Cohen, Manion & Morrison, 2000), o que se verifica no presente estudo, pois pelo facto de o projeto UNISOB se ter iniciado temporalmente antes da presente investigação, o investigador pode perceber, através de observação direta, dados e informações, sem o objetivo de os incluir no presente trabalho.

5.2.3. Inquérito por questionário

O principal objetivo de um inquérito por questionário é recolher informações, baseando-se na inquirição de um grupo da população em estudo. Assim sendo, são colocadas questões de resposta aberta ou fechada que abrangem um tema de interesse para a investigação, não havendo lugar a interação direta entre o investigador e os inquiridos. Gil (1999, p. 128) define o inquérito por questionário como “... a técnica

de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas.” Assim sendo, a elaboração das questões requer uma atenção especial, quer no seu conteúdo, quer na forma, na sua sequência e mesmo no vocabulário utilizado, para que se consiga atingir os objetivos previstos na investigação. De acordo com Ghiglione & Matalon (2001), existem quatro objetivos a atingir com a utilização do inquérito por questionário. É possível ao investigador aferir determinadas grandezas absolutas, ou seja, percentagens, medir determinadas grandezas relativas, ou seja, estimativas, descrever uma população ou subpopulação e por último, averiguar hipóteses.

Existem vantagens e desvantagens na aplicação do inquérito por questionário, como instrumento de inquirição a um determinado número de indivíduos. De acordo com Gil, 1999, Ghiglione & Matalon (2001) e Fortin (2003), esta técnica apresenta como principais vantagens as seguintes: maior sistematização de resultados fornecidos, possibilidade de atingir um maior número de inquiridos, menor tempo necessário para recolher os dados, menores custos e a garantia de anonimato. Como desvantagens, e ainda segundo os mesmos autores, pode-se apresentar a sua própria conceção, pois é necessário ter em linha de conta a população a inquirir, o tipo de questões, tipo de respostas, temas abordados, entre outros. De igual modo, o facto de excluir indivíduos que não sabem ler nem escrever, de impedir o auxílio para a compreensão do questionário e de não oferecer garantias que o questionário será devolvido são algumas das limitações que o investigador poderá enfrentar na utilização desta técnica.

O inquérito por questionário destinou-se a aferir a identificação dos alunos que constituem o universo de estudo, nomeadamente no que respeita à idade, sexo, habilitações escolares, naturalidade, estado civil, e situação profissional atual e no passado. Pretendeu-se ainda apurar de que forma tomaram conhecimento da existência da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro e quais os motivos que os levaram a inscreverem-se como alunos. Pretendeu-se também aferir quais as disciplinas e atividades extracurriculares de maior interesse para estes bem como o grau de satisfação com diversos itens de orgânica interna da UNISOB, como professores, serviços académicos, coordenação, horários, instalações, oferta letiva e

oferta extracurricular. Com o intuito de perceber os contributos da UNISOB para eventuais mudanças introduzidas nas vidas dos alunos, questionou-se os alunos se percecionam ganhos para a sua vida pessoal ou social pelo facto de frequentarem este projeto, classificando com uma escala de importância os diversos itens apresentados para classificação. Por último, e para perceber a perceção dos alunos sobre a relação da UNISOB com a comunidade local, foi-lhes solicitado se consideram a UNISOB como um espaço aberto à comunidade, se consideram que este projeto contribuiu para o desenvolvimento comunitário da cidade de Oliveira do Bairro e em caso de resposta afirmativa, em que áreas que áreas do desenvolvimento comunitário entendiam ter a UNISOB um papel mais determinante.

Os questionários foram respondidos pelos alunos que frequentaram as aulas entre os dias 17 e 21 de Junho de 2013, sendo que foi solicitado a cada professor que dispensasse os 15 minutos iniciais de cada aula, para o efeito referido. O preenchimento foi feito, portanto, em sala de aula, com o investigador presente de forma a possibilitar o esclarecimento de dúvidas de conteúdo ou de linguagem utilizada no questionário. Após a recolha dos questionários, realizou-se o processamento dos resultados e o seu tratamento estatístico, com recurso ao programa de análise estatística *IBM SPSS Statistics (Statistical Package for Social Sciences)*, procedendo-se à interpretação dos dados numéricos através de criação de gráficos e tabelas, assim como pelo cálculo de valores médios, por forma a aferir conclusões que respondam à problemática e aos objetivos do estudo.

5.2.4. Inquérito por entrevista

De acordo com Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, (1999, p. 51), na metodologia qualitativa, a técnica preferencial é o inquérito por entrevista, visto que “...tem por fim (...) recolher o saber específico de que o narrador é portador”. O inquérito por entrevista é um instrumento de observação indireta a partir do qual é possível recolher dados de opinião do entrevistado acerca de determinada temática. De acordo com Quivy, (1992:193), a entrevista é “... um método de recolha de informações, no sentido mais rico da expressão.”. Para Bogdan & Biklen (1994, p. 135), a entrevista “... consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas (...) com o objetivo de obter informações sobre outra.” Pode-se assim afirmar que se trata de um

encontro entre dois indivíduos, com o propósito de que um deles obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversa. Para Lessard-Hébert, Goyette & Boutin (1994), uma das vantagens da entrevista é o facto de esta proporcionar flexibilidade na obtenção de informações, alcançar profundidade e poder ser adaptada a cada situação e sujeito. O entrevistador pode explorar as razões de certas questões ou, quando aparece uma nova questão no decorrer da sessão, elucidá-la no momento. A entrevista pressupõe a construção do instrumento adaptado ao interlocutor, situações, contexto podendo ser não estruturada, estruturada ou semiestruturada. Na entrevista não estruturada, o entrevistador possui total liberdade para desenvolver cada situação na direção que considere mais adequada. Na entrevista estruturada, o entrevistador segue um guião previamente estabelecido, isto é, segue um instrumento que funciona como auxiliar de memória do entrevistador. Na entrevista semiestruturada, o entrevistador segue, de igual modo um guião com perguntas abertas ou fechadas e cuja ordem não é rígida, permitindo uma organização ao discurso do entrevistado. Para Bogdan & Biklen (1994), a opção por entrevista semiestruturadas é talvez o tipo de entrevistas mais utilizada, na medida em que permite um equilíbrio entre a diretividade e a total abertura das questões. Desta forma, dá maior liberdade ao discurso do entrevistado, visto que as questões são colocadas no decorrer da conversa. Ainda para os mesmos autores, não obstante o tipo de entrevista utilizado, o processo de entrevista requer algumas estratégias determinantes no sucesso da recolha de dados, das quais merecem destaque: a empatia entre entrevistador e entrevistado, a capacidade de envolver o entrevistado e de o colocar à vontade. Perspetiva-se com isto um contributo para uma maior riqueza dos dados e fazer com que o entrevistado se expresse mais livremente sem grandes pressões, nem inibições. Como afirma Lessard-Hébert, Goyette & Boutin (1994, p. 163), a entrevista permite “(...) ao entrevistado exprimir os seus sentimentos e os seus interesses sem receio de estarem a ser manipulados pelo entrevistador.”

De acordo com Carmo & Ferreira (2006), as entrevistas semiestruturadas assentam na combinação de perguntas abertas e fechadas, nas quais o respetivo guião serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, podendo acrescentar-se as questões necessárias para obter a informação pretendida. Como qualquer método de

recolha de informação, tem vantagens e desvantagens. As primeiras resumem-se essencialmente na possibilidade de selecionar temáticas para aprofundamento e, ainda permitem introduzir novas questões. Quanto às desvantagens, estas são: requerem uma boa preparação por parte do entrevistador e não facilitam o trabalho de comparação das respostas.

As entrevistas realizadas pretenderam apurar a identificação dos entrevistados, nomeadamente no que diz respeito à idade, sexo, habilitações, naturalidade e estado civil, assim como, aferir o conhecimento dos entrevistados sobre as universidades seniores e as características desta tipologia de projetos. De seguida, pretendeu-se aferir o conhecimento dos entrevistados sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro, nomeadamente sobre a forma da tomada de conhecimento deste projeto e sobre a oferta letiva e atividades que a mesma proporciona. Por último pretendeu-se perceber qual a perceção que têm sobre a importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade, nomeadamente, para a melhoria da qualidade de vida dos seus alunos, sobre quais os contributos que deve a UNISOB transmitir aos seus alunos, de que forma avaliam o impacto da UNISOB na promoção do envelhecimento ativo, se consideram a UNISOB um espaço aberto à comunidade e que perspectiva têm sobre o impacto da UNISOB na cidade de Oliveira do Bairro e no seu desenvolvimento comunitário. Por fim foi deixada a cada entrevistado a possibilidade de referir algum aspeto que considere pertinente e que não tenha sido abordado na entrevista.

As entrevistas foram realizadas a 3 pessoas que, pelos cargos que ocupam, pelos conhecimentos que têm sobre a comunidade Oliveirense e pela sua influência, podem ser consideradas como representantes da mesma. A pedido dos entrevistados, a entrevista foi respondida por escrito e enviada por correio eletrónico ao investigador, entre o período de 8 e 21 de Julho de 2013.

As entrevistas foram objeto de análise de conteúdo numa lógica de verificação, tendo sido criados objetivos de análise para cada questão aquando da construção do instrumento de recolha. Num primeiro momento procedeu-se à análise das respostas e à divisão do seu conteúdo numa matriz de análise de conteúdo criada para o efeito, onde se fez corresponder aos objetivos e às categorias pré-definidas, as unidades de registo. Com esta análise da entrevista pretendeu-se retirar informações de cariz

qualitativo que permitissem compreender a realidade existente e sustentar ou contrapor, sempre que possível, os dados de cariz quantitativo obtidos por meio de questionário.

CAPÍTULO 4.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Apresentam-se neste Capítulo, os resultados obtidos através do inquérito por questionário e inquérito por entrevista. Ao longo da apresentação dos resultados obtidos por questionário serão introduzidos gráficos e quadros demonstrativos, enquanto que, ao longo da apresentação dos resultados obtidos pelo inquérito por entrevista, serão introduzidos quadros referentes às matrizes de categorização das entrevistas.

1. Inquérito por questionário

A informação contida nesta parte diz respeito à interpretação dos resultados recolhidos através da análise das respostas ao inquérito por questionário (Anexo 1) realizado aos alunos inscritos na Universidade Sénior de Oliveira do Bairro no ano letivo 2012/13. Neste sentido, ao analisar todos os dados recolhidos no trabalho de campo, tentaremos compreender e analisar a importância da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro para os alunos e para o desenvolvimento comunitário local. O inquérito por questionário foi dividido em quatro partes: 1) caracterização dos inquiridos, 2) conhecimento da UNISOB, 3) contributos da UNISOB para eventuais mudanças introduzidas na vida dos alunos e 4) contributo da UNISOB para a comunidade.

Deste modo, começamos por analisar as respostas obtidas no inquérito por questionário.

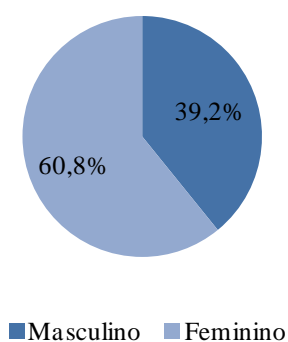
1.1. Caracterização dos inquiridos

Começamos a nossa análise pela caracterização dos inquiridos, por sexo, idade, habilitações literárias, naturalidade, estado civil e profissão.

1.1.1. Sexo

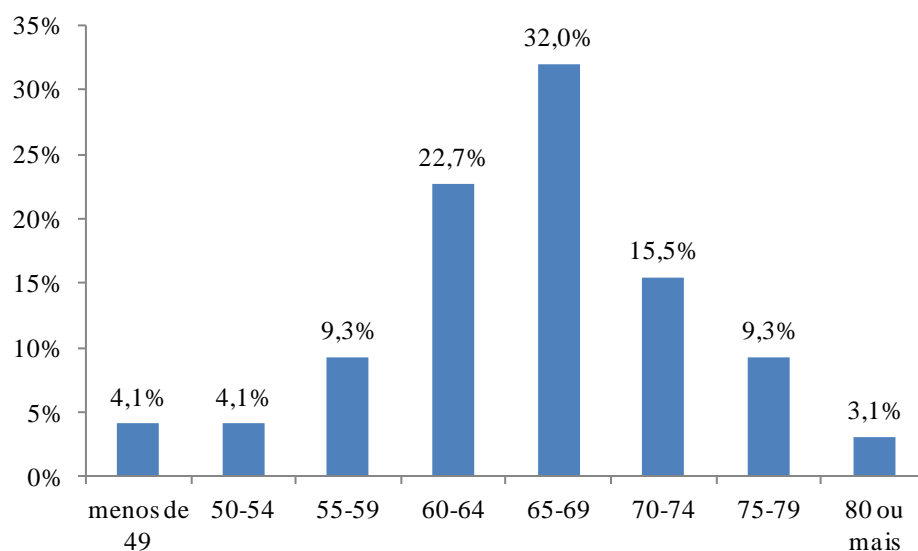
Conforme mostra o Gráfico 1, constata-se a prevalência de inquiridos do sexo feminino (60,8%). Os homens representam 39,2% dos inquiridos.

Gráfico 1. Inquiridos quanto ao sexo.



1.1.2. Idade

Gráfico 2. Inquiridos por grupo etário.

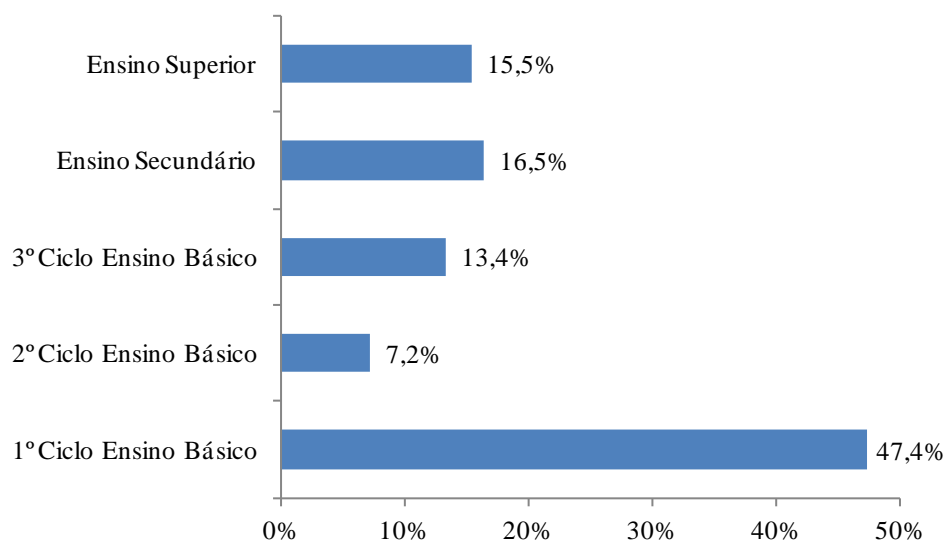


Quanto à idade, os indivíduos inserem-se predominantemente no grupo etário [65-69] com 65% dos inquiridos, seguindo-se os grupos etários [60-64] com 62,7% e [70-74] com 15,5% (Gráfico 2).

1.1.3. Habilitações literárias

Outro fator importante para a caracterização dos inquiridos são as habilitações literárias. Neste âmbito, constatamos que quase metade dos indivíduos tem habilitações ao nível o ensino básico (68%), com predominância do 1º ciclo com 47,4%. Seguem-se 16,5% dos inquiridos com o ensino secundário e 15,5% com o ensino superior (Gráfico 3).

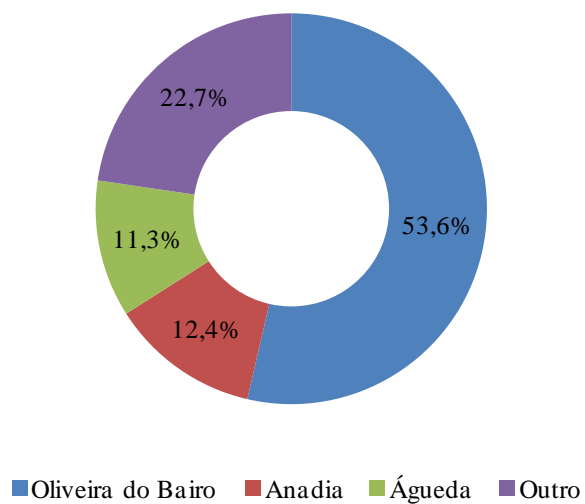
Gráfico 3. Inquiridos quanto às habilitações literárias.



1.1.4. Naturalidade

Quanto à naturalidade dos alunos, predomina o concelho de Oliveira do Bairro (53,6%) (Gráfico 4). Existem também alunos naturais de Anadia (12,4%), de Águeda (11,3%) e de outros concelhos (22,7%). Constatamos então que aproximadamente 50% dos alunos são naturais de concelhos vizinhos da localidade onde a UNISOB se encontra instalada. De referir ainda que existem também universidades seniores nos concelhos vizinhos de Oliveira do Bairro, nomeadamente Águeda, Anadia e Aveiro, facto que pode ser revelador da maior atratividade relativa da UNISOB.

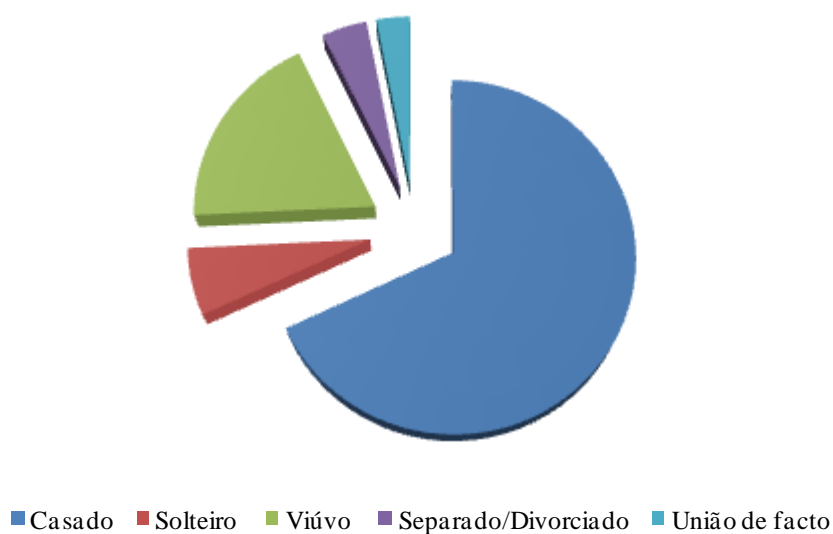
Gráfico 4. Inquiridos quanto à naturalidade.



1.1.5. Estado civil

O Gráfico 5 apresenta os inquiridos quanto ao estado civil. Conforme demonstra o Gráfico, 68% dos alunos é casado, 18,6% é viúvo, 6,2% é solteiro, 4,1% é separado ou divorciado e 3,1% vive em união de facto.

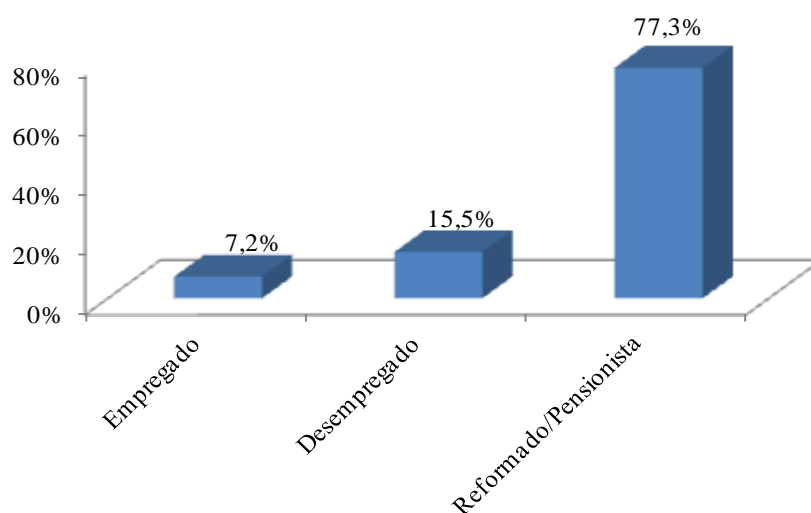
Gráfico 5. Inquiridos quanto ao estado civil.



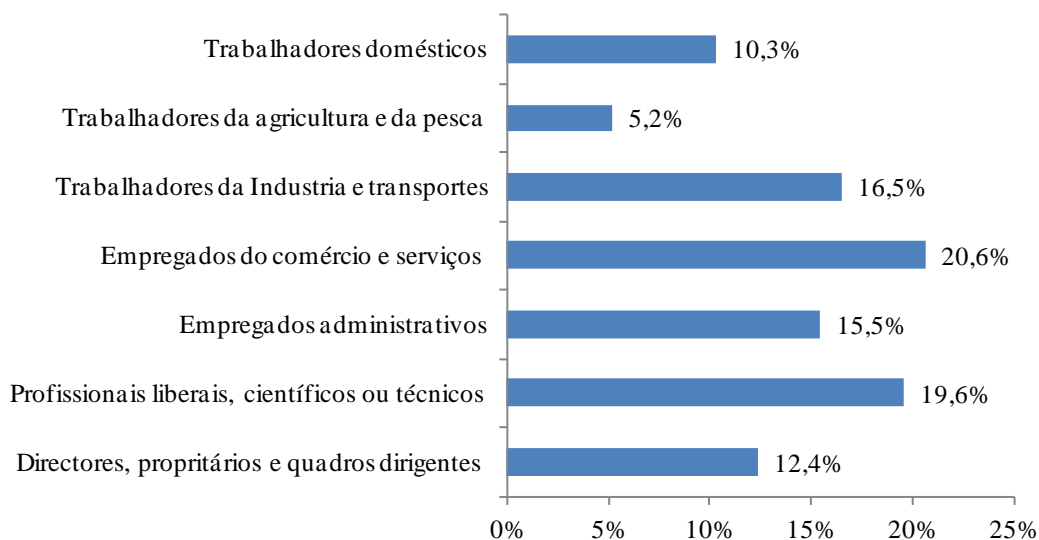
1.1.6. Situação profissional e atividade profissional

No que se refere à situação profissional, constatamos a partir da análise do Gráfico 6 que 77,3% dos alunos se encontra em situação de reformado ou pensionista, 15,5% está desempregado e 7,2% está empregado. Dado que cerca de três quartos dos alunos está reformado ou é pensionista, podemos então afirmar que uma das razões para a sua inscrição na UNISOB poderá ser a ocupação dos tempos livres, conforme iremos verificar pela análise do Quadro 11.

Gráfico 6. Inquiridos quanto à situação profissional.



O Gráfico 7 apresenta os alunos no que se refere à atividade profissional que exercem ou exerciam enquanto ativos. Os dados recolhidos revelam alguma heterogeneidade nas respostas. Assim, as atividades com maior prevalência são “empregados do comércio e serviços” (20,6%), “profissionais liberais, científicos ou técnicos” (19,6%), “trabalhadores da indústria e transportes” (16,5%) e “empregados administrativos” (15,5%).

Gráfico 7. Inquiridos quanto à atividade profissional.

1.2. Conhecimento da UNISOB

Pretende-se neste ponto aferir de forma de tomada de conhecimento da UNISOB por parte dos alunos inquiridos, assim como perceber as suas motivações para frequentarem este projeto, assim como quais serão as disciplinas e as atividades extracurriculares que lhes despertam maior interesse. Pretendemos obter o grau de satisfação dos mesmos face a um conjunto de itens respeitantes à orgânica interna da UNISOB, como são os professores, os serviços académicos, a coordenação, os horários, as instalações, a oferta letiva e a oferta extracurricular.

O número crescente de alunos demonstra motivação e permanência daqueles que se inscrevem na UNISOB, logo, torna-se pertinente perceber quais as principais fontes de motivação dos alunos para que também o projeto possa caminhar no sentido de lhes conferir cada vez mais satisfação e razões para essa permanência. Por último, importa aferir o grau de satisfação dos alunos face a um conjunto de itens relacionados com a orgânica interna da UNISOB, como é o caso dos professores, serviços académicos, coordenação, horários, instalações, oferta letiva e oferta extracurricular, pois também eles contribuem de forma efetiva para a satisfação global do aluno face à UNISOB.

1.2.1. Forma de tomada de conhecimento da UNISOB

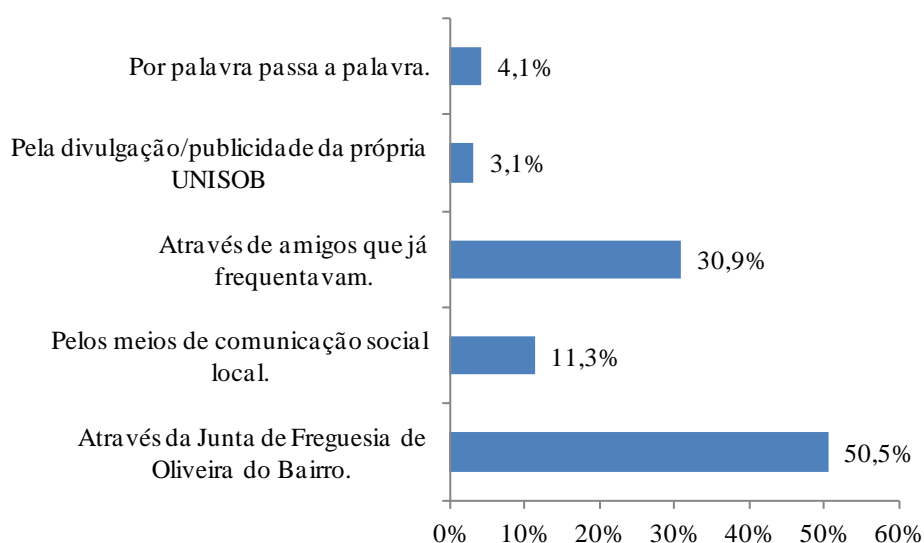
No que se refere ao modo como os alunos tomaram conhecimento da UNISOB, constatamos pela análise do Gráfico 8 que 50,5% dos alunos inscritos tomaram conhecimento do projeto através da Junta de Freguesia de Oliveira do Bairro. Deve-se tomar em consideração para o efeito, que para este item de resposta contribuem as conversas informais das pessoas que representam o executivo da Junta de Freguesia, que em contínuo vão conversando informalmente com potenciais alunos, sendo que algumas destas conversas são bem-sucedidas. Neste caso, uma abordagem feita por um elemento do executivo da Junta de Freguesia parece ser entendido pelo aluno como uma tomada de conhecimento através da Junta de Freguesia.

Cerca de 31% dos inquiridos responde que a tomada de conhecimento foi através de amigos que já frequentavam a UNISOB, tratando-se neste particular, de amigos, familiares ou vizinhos de alunos já a frequentar este projeto e aproximadamente 11% dos inquiridos respondeu que foi através dos meios de comunicação social local que tomou conhecimento da existência da UNISOB. Entre os restantes 7% dos alunos inquiridos, 4% conheceram o projeto através do “passa a palavra” ou de conversas cruzadas, não intencionais e 3% pela divulgação e publicidade da própria UNISOB, feita no espaço físico onde decorrem as atividades e as aulas, sem o suporte ou associação direta com a entidade promotora – Junta de Freguesia.

Estes resultados revelam, por um lado, que uma boa integração dos alunos é um fator motivador para a captação de novos alunos e, por outro lado, que a publicidade que a Junta de Freguesia faz à Universidade Sénior se tem revelado mais profícua do que a realizada pela própria UNISOB que motivou a inscrição de apenas 3% dos alunos. Pode-se considerar, também, que a divulgação deste projeto sai em muito beneficiada pelo facto da entidade promotora ser a Junta de Freguesia, pois as iniciativas de divulgação próprias, em espaço próprio e sem o suporte da entidade promotora, ainda apresentam resultados de eficácia muito reduzidos. Por outras palavras, pode-se inferir que instituições com serviços específicos destinados aos mais seniores, com o peso, tradição e prestígio de que as Juntas de Freguesias gozam junto da comunidade, serão entidades adequadas para acolher, fomentar e dinamizar projetos com a tipologia da UNISOB. As probabilidades de sucesso na angariação e manutenção de alunos pela satisfação e motivação, assentará então sua génese do trabalho destas

instituições, onde diariamente é promovido um serviço de proximidade para com a comunidade local, suportado por um conhecimento sobre as necessidades específicas do público-alvo, o que se traduz numa maior probabilidade de se acertar no tipo de ações a serem dinamizadas de forma bem-sucedida.

Gráfico 8. O modo como os inquiridos tomaram conhecimento do projeto.

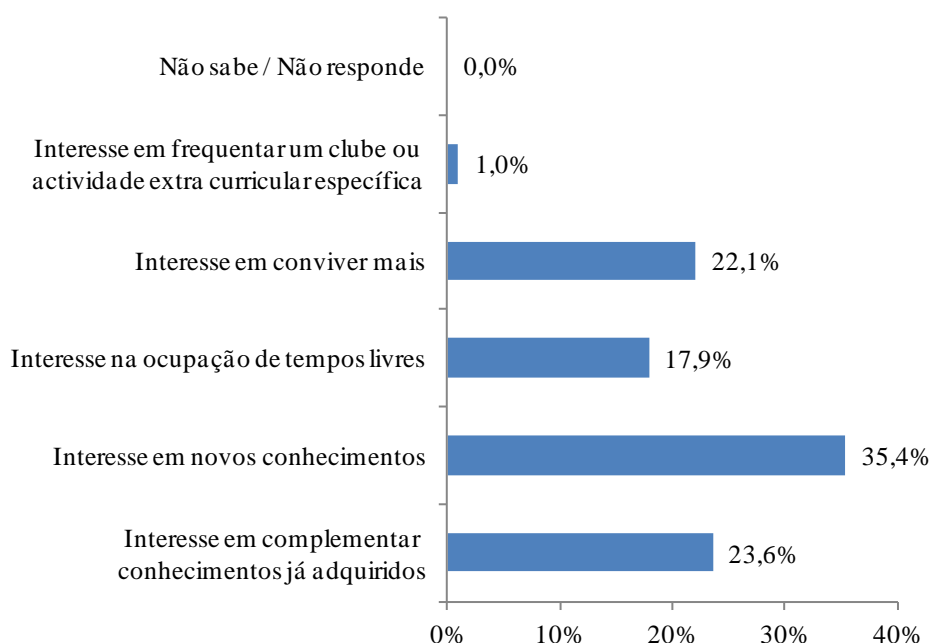


1.2.2. Motivações

No que respeita às motivações dos alunos, verificamos que obter novos conhecimentos é a motivação principal. Efetivamente, conforme mostram o Quadro 11 e o Gráfico 9, 35,4% dos alunos inscreve-se motivado pelo interesse em obter novos conhecimentos e 23,6% dos alunos pelo interesse em complementar conhecimentos já adquiridos. O aspeto social surge também como fator motivacional – 22,1% dos alunos inscreveram-se porque queriam conviver mais – assim como a ocupação de tempos livres (17,9%).

Quadro 11. Motivos que fundamentaram a inscrição na UNISOB.

Motivos	N	%
Interesse em complementar conhecimentos já adquiridos	46	23,6
Interesse em novos conhecimentos	69	35,4
Interesse na ocupação de tempos livres	35	17,9
Interesse em conviver mais	43	22,1
Interesse em frequentar um clube ou atividade extracurricular específica	2	1,0
Não sabe / Não responde	0	0
Total	195	100

Gráfico 9. Motivos que fundamentaram a inscrição na UNISOB.

1.2.3. Disciplinas e Atividades Extracurriculares

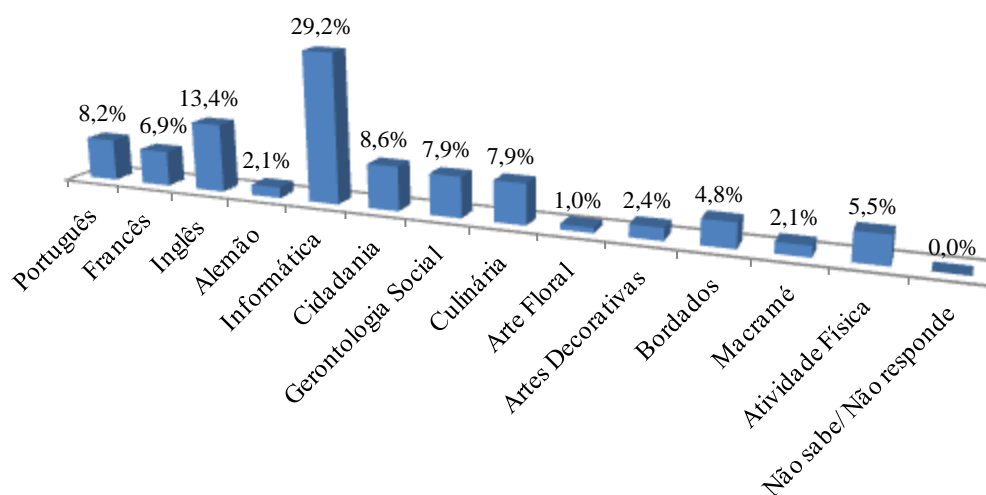
Com a realização do inquérito por questionário, pretendeu-se também obter conhecimento de quais as disciplinas e atividades extracurriculares que mais despertam o interesse dos alunos (Quadros 12 e 13 e Gráficos 10 e 11). Verificamos que a disciplina que os alunos consideram mais interessante é a Informática (29,2%), seguida das línguas portuguesa e estrangeiras (Português: 8,2%; Inglês: 13,4%; Francês: 6,9%). Disciplinas como a Cidadania (8,6%), Gerontologia Social (7,9%) e

Culinária (7,9%) são também ofertas curriculares da UNISOB que os alunos mais valorizam.

Quadro 12. Disciplinas que despertaram mais interesse aos alunos da UNISOB.

Disciplina	N	%
Português	24	8,2
Francês	20	6,9
Inglês	39	13,4
Alemão	6	2,1
Informática	85	29,2
Cidadania	25	8,6
Gerontologia Social	23	7,9
Culinária	23	7,9
Arte Floral	3	1,0
Artes Decorativas	7	2,4
Bordados	14	4,8
Macramé	6	2,1
Atividade Física	16	5,5
Não sabe/ Não responde	0	0

Gráfico 10. Disciplinas que despertaram mais interesse aos alunos da UNISOB.



Verificamos que a disciplina que os alunos consideram mais interessante é a Informática (29,2%), seguida das línguas portuguesa e estrangeiras (Português:

8,2%; Inglês: 13,4%; Francês: 6,9%). Disciplinas como a Cidadania (8,6%), Gerontologia Social (7,9%) e Culinária (7,9%) são também ofertas curriculares da UNISOB que os alunos mais valorizam.

Ainda no que respeita à informática, a mesma já se vinha revelando como a disciplina preferida por parte dos alunos, pelo que houve a necessidade de se fazer uma reorganização curricular. Os presentes dados confirmam esta preferência.

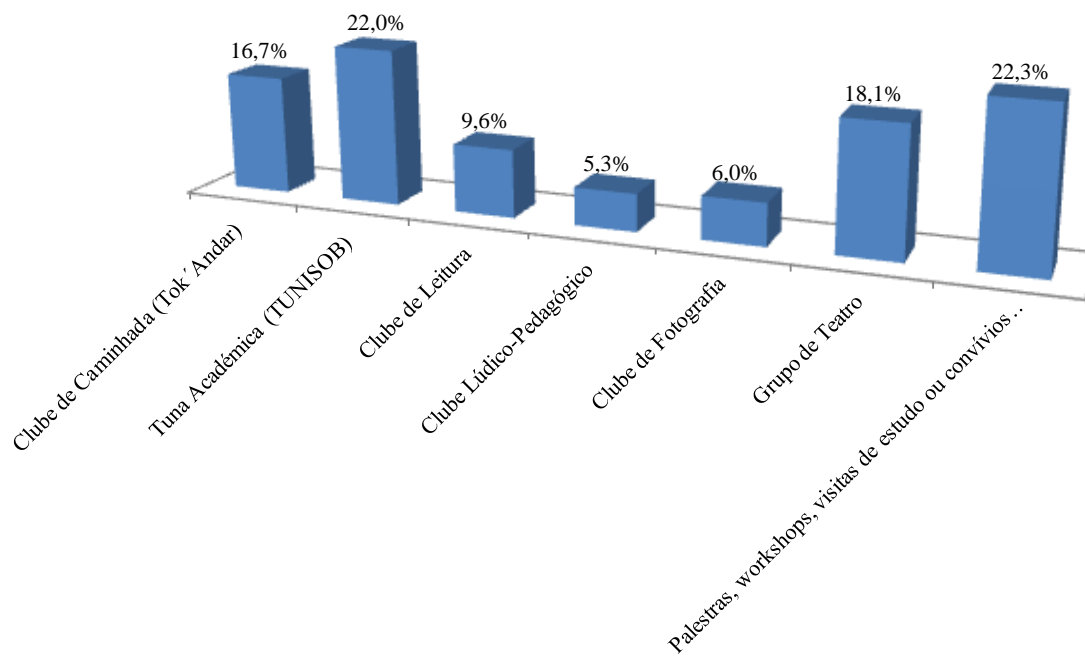
No que se refere às atividades extracurriculares, as Palestras, *workshops*, visitas de estudo ou convívios de carácter pontual (22,3%) surgem como a atividade preferencial, seguida pela Tuna Académica para cerca de 22% dos inquiridos. Segue-se o Grupo de Teatro (17,9%) como atividade que garante também satisfação da população sénior. O Clube de Leitura (9,5%), o Clube de Fotografia (6,0%) e o Clube Lúdico-Pedagógico (5,3%) são as atividades extracurriculares que despertam menos interesse. Considerando que a participação em palestras, *workshops* e visitas de estudo proporcionam a obtenção de novos conhecimentos, e confrontando estes resultados com os obtidos da análise das motivações que fundamentaram a inscrição na UNISOB, voltamos a concluir que a procura de conhecimento é um fator motivacional importante. Por outro lado, voltamos a constatar que a parte social (incluída nos convívios) é também importante.

De referir ainda, que apesar de os inquiridos considerarem que a participação num clube ou numa atividade extracurricular específica não constituem um fator motivacional de grande relevância para a sua inscrição na UNISOB (Quadro 11 e Gráfico 9), as atividades extracurriculares Tuna Académica, Grupo de Teatro e Clube de Caminhada são aquelas que lhes despertam maior interesse.

Quadro 13. Atividades extracurriculares que despertaram maior interesse aos alunos da UNISOB.

Atividades Extracurriculares	N	%
Clube de Caminhada (Tok´andar)	47	16,7
Tuna Académica (Tunisob)	62	22,0
Clube de Leitura	27	9,6
Clube Lúdico-Pedagógico	15	5,3
Clube de Fotografia	17	6,0
Grupo de Teatro	51	18,1
Palestras, <i>workshops</i> , visitas de estudo ou convívios de carácter pontual	63	22,3

Gráfico 11. Atividades extracurriculares que despertaram maior interesse aos alunos da UNISOB.



1.2.4. Funcionamento

Pretendeu-se também aferir o grau de satisfação dos alunos relativamente ao funcionamento da UNISOB, nomeadamente à qualidade dos professores, aos serviços académicos, à coordenação, aos horários, instalações e oferta letiva e extracurricular. Constatou-se dos resultados obtidos (apresentados no Quadro 14) que os inquiridos associam elevado grau de satisfação ao funcionamento da UNISOB. Especificando, em média, 85% dos inquiridos escolhe as opções “muito satisfeito” e “totalmente satisfeito” para a generalidade dos elementos em análise.

Quadro 14. Grau de satisfação dos inquiridos (%).

	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Totalmente satisfeito
Professores	0	1	4,1	14,4	80,4
Serviços académicos	0	0	7,2	43,3	49,5
Coordenação	0	2,1	12,4	34	51,5
Horários	1	0	15,5	33	50,5
Instalações	4,1	5,2	29,9	28,9	32
Oferta letiva	0	2,1	12,4	37,1	48,5
Oferta extracurricular	0	0	13,4	38,1	48,5
<i>Média</i>	<i>1</i>	<i>1</i>	<i>14</i>	<i>33</i>	<i>52</i>

Observando os resultados relativos ao nível de satisfação associado cada um dos elementos, verificamos que mais de 97% dos inquiridos estão satisfeitos com os professores, serviços académicos, coordenação, horários e oferta letiva e extracurricular.

O grau de satisfação com os professores, onde pontificam 80,4% de alunos totalmente satisfeitos, encontra eco na cumplicidade que é perceptível por observação direta ou por conversas informais. Pela informalidade cultivada nas aulas entre professores e alunos, é frequente verificar-se que em muitos casos, daí nascem verdadeiras relações de amizade ou mesmo pequenos grupos de alunos que “adotam” o professor como mais um elemento e com quem passam a confraternizar fora do ambiente da UNISOB. Em muitos casos, verifica-se o estabelecimento de verdadeiras relações de amizade que extravasam o âmbito deste projeto. Tal relacionamento pode retirar objetividade aos inquiridos no momento da avaliação dos seus professores, contudo, é nosso entendimento que os mesmos apontam na direção correta que é a de um elevadíssimo grau de satisfação dos alunos para com os seus professores.

Importa ainda referir que este “barómetro” de aceitação dos professores pode ser informalmente aferido no dia-a-dia da UNISOB, pois o modelo em funcionamento permite que cada aluno, no início de cada ano letivo, se inscreva nas disciplinas que

pretenda, sem que com isso veja o valor da sua propina alterado. Logo, não recaí sobre o aluno qualquer prejuízo se deixar de frequentar alguma das disciplinas em que se inscreveu, o que se traduz na prática no facto de que se o aluno não estiver satisfeito com a disciplina ou com o seu professor, simplesmente deixa de frequentar essa mesma disciplina, sendo que para efeitos deste controlo, em todas as aulas de todas as disciplinas os alunos têm de assinar a folha de presenças.

Apenas as instalações têm associado um grau de satisfação um pouco mais baixo, ainda que apenas cerca de 9,2% dos inquiridos esteja insatisfeito (“pouco satisfeito” ou “nada satisfeito”) com este elemento. A UNISOB está sediada no edifício de uma antiga escola primária, propriedade da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, cedida à Junta de Freguesia para a exploração deste espaço. Para a finalidade a que se propõe, o edifício cumpre com os requisitos necessários: tem 5 salas de aulas, funcionando uma delas como sala de convívio, uma como sala de informática, outra como salas das artes, uma sala de aulas convencional e outra como refeitório e sala polivalente; tem ainda um espaço próprio para acolher os serviços administrativos, casas de banho incorporadas no edifício, um gabinete de atendimento e o espaço de um polidesportivo descoberto, entretanto desativado, e que acolhe algumas atividades extracurriculares realizadas no exterior. Pela antiguidade do edifício, tem havido necessidade de se proceder a algumas pequenas obras de adequação do espaço ou bem feitorias, como o restauro do piso de algumas salas, a colocação de grades em janelas, a eliminação de algumas barreiras arquitetónicas e embelezamentos gerais. Conscientes desta realidade, os responsáveis políticos em exercício de funções na Junta de Freguesia e Câmara Municipal já acordaram e tornaram público a necessidade de candidatar um projeto ao novo quadro comunitário de apoio 2014-2020, para a construção de um edifício que possa acolher a UNISOB e que preencha todos os requisitos necessários para uma boa utilização por parte do público alvo, a edificar em lote de terreno no centro da cidade de Oliveira do Bairro, já em posse da Junta de Freguesia.

1.3. Contributos da UNISOB para os alunos

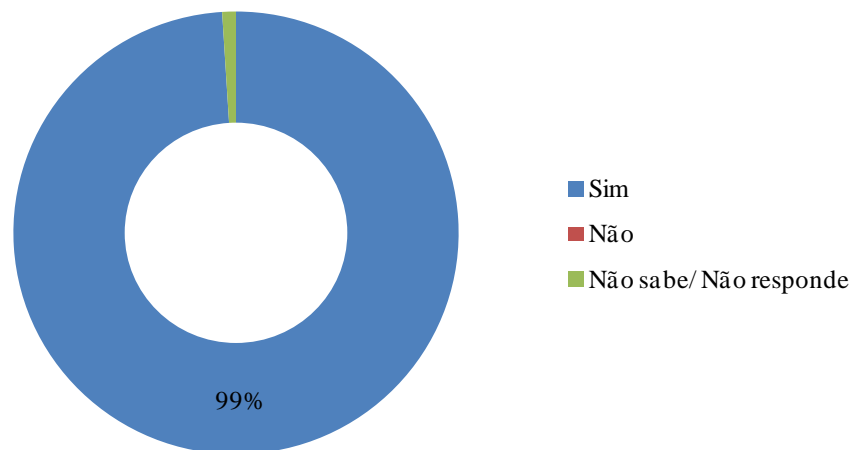
Chegados a este ponto, importa refletir sobre se os alunos da UNISOB percecionam benefícios para a sua vida pessoal e/ou social.

Assim, nos pontos seguintes apresentam-se os resultados referentes aos benefícios percecionados pelos alunos, para a sua vida pessoal e/ou social.

1.3.1. Benefícios

Da observação do Gráfico 12 verificamos que a quase totalidade dos inquiridos encontra benefícios para a vida pessoal e/ou social resultantes da sua inscrição na UNISOB.

Gráfico 12. Benefícios para vida pessoal e/ou social associados UNISOB (%).



Quando questionados de uma forma genérica sobre se percecionam ganhos para a sua vida pessoal e/ou social, pelo facto de frequentarem a UNISOB, os alunos são praticamente unânimes em responder afirmativamente.

Pela análise do Quadro 15, os alunos consideram mesmo o contributo da frequência da UNISOB como de elevada importância para a melhoria da sua vida pessoal e social.

Quadro 15. Importância da UNISOB para a vida pessoal e social (%).

	Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito importante	Totalmente importante
Novas amizades	0,0	3,1	6,3	36,5	54,2
Aprendizagem de conteúdos	0,0	1,0	12,5	37,5	49,0
Enriquecimento cultural	0,0	0,0	11,5	39,6	49,0
Convívio	0,0	0,0	8,3	32,3	59,4
Novas experiências	0,0	1,0	13,5	35,4	50,0
Saúde física	0,0	2,1	16,7	41,7	39,6
Saúde mental	0,0	0,0	9,4	36,5	54,2
Maior envolvimento na vida familiar	2,1	2,1	18,8	50	27,1
Maior envolvimento em grupos na comunidade	0,0	3,1	11,5	42,7	42,7
Melhoria do relacionamento interpessoal	0,0	0,0	13,5	46,9	39,6

Os inquiridos foram questionados quanto à importância da sua integração na UNISOB para as seguintes mais valias em termos pessoais e sociais: novas amizades, aprendizagem de conteúdos, enriquecimento cultural, convívio, novas experiências, saúde física, saúde mental, maior envolvimento na vida familiar, maior envolvimento em grupos na comunidade e melhoria do relacionamento interpessoal. Os resultados apresentados no Quadro 15 evidenciam que entre a maior parte dos indivíduos atribui elevada importância à sua integração na UNISOB para atingir os seguintes benefícios: novas amizades (totalmente importante: 54,2%; muito importante: 36,5%), aprendizagem de conteúdos (totalmente importante: 49%; muito importante: 37,5%), enriquecimento cultural (totalmente importante: 49%; muito importante: 39,6%), convívio (59,4%; muito importante: 32,3%), novas experiências (50%; muito importante: 35,4%), saúde física (totalmente importante: 39,6%; muito importante: 41,7%), saúde mental (totalmente importante: 54,2%; muito importante: 36,5%), maior envolvimento na vida familiar (totalmente importante: 27,1%; muito importante: 50%), maior envolvimento em grupos na comunidade (totalmente importante: 42,7%; muito importante: 42,7%) e melhoria do relacionamento interpessoal (totalmente importante: 39,6%; muito importante: 46,9%).

Na sua génese, projetos como a UNISOB visam atingir propósitos como a “promoção, a valorização e a integração do idoso”, “o contacto com a realidade e a dinâmica social local”, “a ocupação de tempos livres”, e “evitar o isolamento e a marginalização” (Veloso, 2002). De acordo com Cristianini (2001),

os objectivos destes programas (UTIs) não se reduzem à abertura de novos cursos, nem tão-pouco ao mero desenvolvimento intelectual dos alunos, mas pretendem favorecer a integração e permanência das pessoas de idade nas estruturas sociais e contribuir para a saúde da população sénior mediante o desafio de condutas de auto-cuidado e prevenção, assim como: contribuir para a prevenção do declinar psicossociológico, (...), formar a população sénior para a sua inserção social e participação comunitária e contribuir para uma nova arte de viver a terceira idade. Cristianini (2001, p. 45)

De acordo com observações e conversas informais do investigador obtidas aquando da realização do inquérito e noutros momentos, foi possível comprovar que os alunos percecionam uma melhoria significativa da sua qualidade de vida desde o momento em que se inscreveram na UNISOB, havendo relatos de casos de alunos que reduziram significativamente a medicação para problemas de saúde física e mental e baixaram os índices de ansiedade e de depressão percecionada pelos próprios. Há também relatos de alguns indivíduos que a UNISOB ajudou a combater o isolamento, a solidão e o alcoolismo e de outros que encontraram na UNISOB a possibilidade de realizarem o sonho da sua vida (como exemplo podemos referir a frequência da Tuna Académica ou do Grupo de Teatro). A possibilidade de frequentarem as aulas ou as atividades extracurriculares de forma regular, ajudou os alunos a criarem rotinas, certezas e estabilidade para enfrentarem o dia-a-dia que, em diversos casos, e segundo testemunhos pessoais em conversas informais, havia ficado destruturado desde que cessou a atividade profissional. A influência dessas novas amizades e o surgimento de novos grupos de influência, ajudou a criar outros hábitos, a alargar os horizontes destes alunos. Outro aspeto que foi salientado pelos alunos foi o facto de a aprendizagem adquirida nas aulas de Informática, por via das novas tecnologias, lhes proporcionar um maior e mais próximo contacto com familiares e amigos que se encontram a viver longe ou no estrangeiro. Todos os alunos que frequentem as aulas de informática têm a possibilidade de aprender a estabelecer contacto com os seus familiares via Skype.

Indo ao encontro da literatura estudada e aos autores consultados sobre esta matéria, podemos afirmar que este estudo confirma a tese de que a frequência deste tipo de projetos traz benefícios reais aos alunos, e não apenas percecionados, pois para além dos ganhos indiretos e subjetivos como a socialização, a promoção e valorização do sénior, a ocupação dos tempos livres, a criação de rotinas, novos hábitos, novas amizades, entre outros, existem ganhos diretos que podem ser mensuráveis, com reflexos a nível da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida, conforme referem, entre outros, os autores Brown, Bowling & Flynn (2004) e já destacados na contextualização teórica do presente estudo.

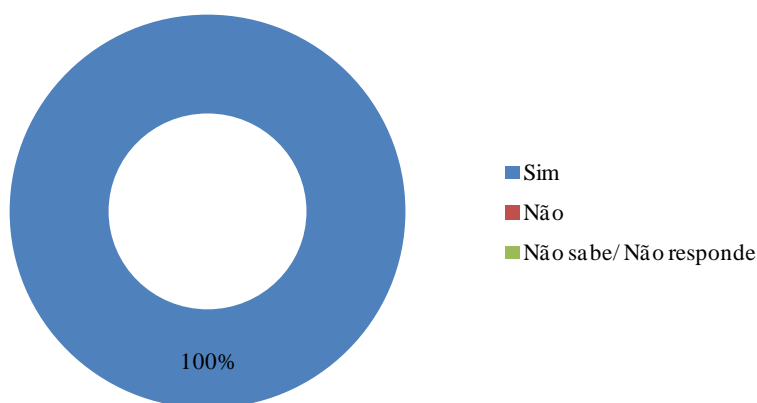
1.4. Contributo da UNISOB para a comunidade

Por forma a percebermos a os contributos da UNISOB para a comunidade local, foi solicitado aos inquiridos um conjunto de respostas de forma a percebermos se a UNISOB é um espaço aberto à comunidade, se este projeto contribui para o desenvolvimento comunitário, e em caso afirmativo, em que áreas seria esse contributo mais decisivo.

1.4.1. A UNISOB como espaço aberto à comunidade

No inquérito por questionário tentou-se compreender a perceção dos alunos quanto à integração do projeto na comunidade. Constatámos que a totalidade dos alunos “vê” a UNISOB como um espaço aberto à comunidade (Gráficos 13).

Gráfico 13. A UNISOB é um espaço aberto à comunidade?



Para este resultado tão significativo, 100% de concordância, pensamos que poderão contribuir os aspetos que a seguir enunciamos:

- A UNISOB tem como destinatários pessoas com idade superior a 50 anos de idade, não havendo qualquer restrição relativa a sexo, atividade profissional, escolaridade mínima obrigatória, nacionalidade ou área de residência.

- Ao longo da existência da UNISOB têm vindo a ser criados projetos em parceria com Associações ou IPSS locais, no sentido de promover a intergeracionalidade, como é o caso do projeto “conta-me um conto” ou “jogos tradicionais”, que visa a troca de experiências entre alunos da UNISOB com alunos do Ensino Básico, realizado em parceria com o Agrupamento de Escolas de Oliveira do Bairro, ou o projeto “Sol Poente”, que tem como objetivo a formação de cuidadores informais e que conta com o apoio dos alunos da UNISOB, através de uma parceria com o Centro de Saúde de Oliveira do Bairro.

- É frequente a colaboração dos alunos da UNISOB na realização, promoção e divulgação de palestras ou workshops realizados por Associações da região, que envolvam temáticas como a Aprendizagem ao Longo da Vida ou Envelhecimento Ativo, sendo várias vezes solicitado aos alunos que prestem um depoimento sobre os seus percursos de vida e sobre as motivações para o ingresso na própria UNISOB.

- No âmbito de determinadas disciplinas, como é o caso da Culinária, é frequente a presença das turmas, em demonstrações públicas inseridas em eventos como a FIACOBIA (Feira Industrial Agrícola e Comercial da Bairrada) ou o “Viva as Associações” (Feira das Associações de Oliveira do Bairro), nomeadamente em eventos de promoção ao Kiwi da Bairrada.

- Para que a UNISOB possa dispor de um espaço privilegiado para ensaios e atuações, foi também celebrado um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia de Oliveira do Bairro, por forma a que esta entidade passe a disponibilizar o seu salão polivalente com palco, recebendo esta instituição a possibilidade de deslocar para este espaço os seus utentes para que possam assistir ao ensaio ou atuação.

- A existência de dois projetos com grande visibilidade exterior na UNISOB, como a Tuna Académica e o Grupo de Teatro. Enquanto o Grupo de Teatro ainda se encontra a dar os primeiros passos, contando apenas com duas apresentações públicas, já a Tuna Académica, que iniciou atividade mais cedo, conta no seu

reportório com mais de 30 atuações feitas, quer em festividades locais, quer em, encontro de Tunas Académicas, quer em eventos oficiais a convite da Câmara Municipal ou mesmo em representação do Município, como recentemente aconteceu, aquando das comemorações do 30º aniversário da Associação Nacional de Municípios, em Coimbra.

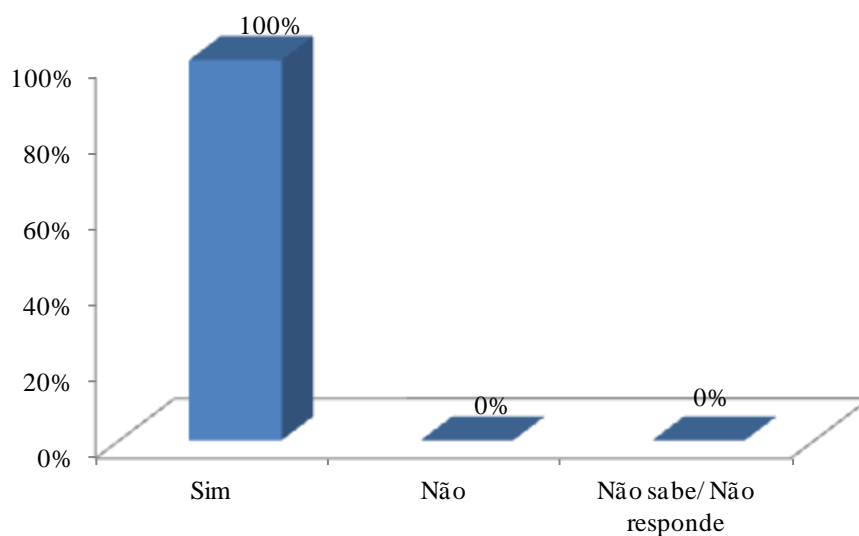
- A UNISOB também acolhe jovens empreendedores que atuam nas áreas da prestação de cuidados de saúde, para que prestem os seus serviços aos alunos da UNISOB em condições preferenciais, sendo de destacar a presença semanal, durante o ano letivo de 2013/2014, da prestação de serviços de um podólogo, massagista e enfermeiro.

- Foram ainda celebrados alguns acordos com diversos estabelecimentos comerciais sediados em Oliveira do Bairro, por forma a serem concedidos descontos comerciais a compras efetuadas a alunos da UNISOB.

- Os alunos da UNISOB são ainda regularmente informados sobre as oportunidades de exercício de voluntariado, sendo que alguns destes alunos são mesmo voluntários em outros projetos de ação social, como o caso do Projeto “Bebé Feliz”, também dinamizado pela Junta de Freguesia, e trata de gerir um banco de bens para bebés.

1.4.2. Contributo para o desenvolvimento comunitário

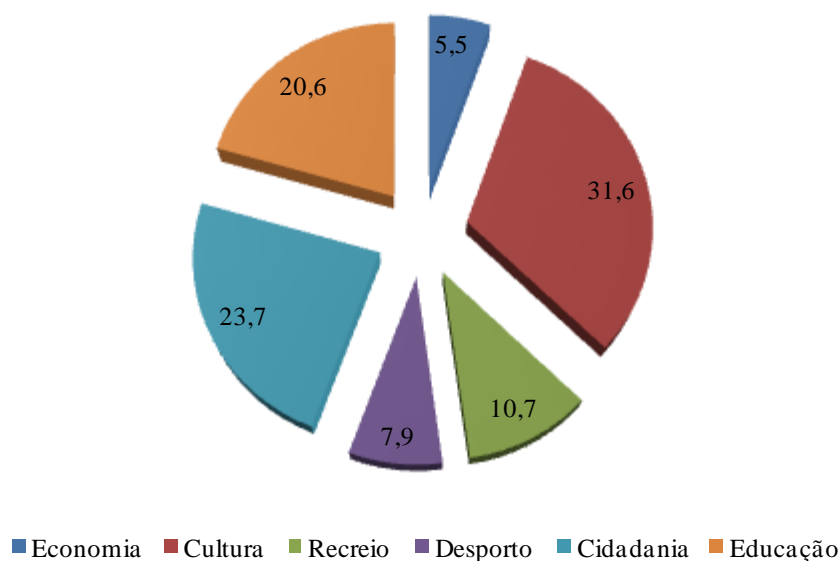
Perguntou-se, também, aos inquiridos se estes consideram que a UNISOB contribui para o desenvolvimento comunitário da cidade de Oliveira do Bairro. Os resultados obtidos, apresentados no Gráfico 14, mostram que todos os alunos inquiridos percecionam a UNISOB como um projeto que contribui para o desenvolvimento comunitário.

Gráfico 14. Contributo da UNISOB para o desenvolvimento comunitário.

A partir da análise do Quadro 16 e do Gráfico 15 constatamos ainda que os alunos consideram como principais áreas do desenvolvimento comunitário para as quais a UNISOB contribui as seguintes: cultura (31,6%), cidadania (23,7%) e educação (20,6%).

Quadro 16. Áreas do desenvolvimento comunitário para as quais a UNISOB contribui.

Áreas	%
Economia	5,5
Cultura	31,6
Recreio	10,7
Desporto	7,9
Cidadania	23,7
Educação	20,6

Gráfico 15. Áreas do desenvolvimento comunitário para as quais a UNISOB contribui.

Para a obtenção destes resultados, e na sequência do que pode ser observado pelo investigador ao longo deste estudo, pensamos que, em muito contribuem as iniciativas da Tuna Académica e do Grupo de Teatro, que ao longo das atuações que vão realizando dentro e fora do Concelho de Oliveira do Bairro, vão divulgando tradições, usos e costumes de tempos passados e vivências características de Oliveira do Bairro. As disciplinas que têm por base os trabalhos artísticos e/ou manuais (arte floral, artes decorativas, bordados e macramé, entre outras) tendem a reproduzir, na sua componente prática, motivos, paisagens, cenários ou ambientes relacionados, uma vez mais, com as tradições usos e costumes das gentes e das terras do Concelho de Oliveira do Bairro e da região da Bairrada. Anualmente, por altura da realização da FIACOBIA ou do “Viva as Associações”, duas iniciativas da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, a UNISOB está presente com uma exposição destes trabalhos, que têm merecido rasgados elogios por parte dos visitantes. Ao conseguir fazer passar esta “mensagem cultural” à comunidade, fazendo dos alunos, agentes activos neste processo de desenvolvimento local e comunitário, verificam-se as teses já referidas pelos autores estudados e citados no enquadramento teórico, como o caso de Viveros (2008) que nos diz que o desenvolvimento local tem por base a capacitação das pessoas para o exercício de uma cidadania ativa. Outro exemplo que gostaríamos de referir a este pretexto é Caride, Freitas e Vargas (2007), que nos

referem que o papel do indivíduo é sempre o de uma entidade participativa e ativa na comunidade.

Estas conformidades entre autores de referência e o presente estudo continuam, quando verificamos que a segunda opção de resposta mais verificada (23,7%) é que a UNISOB contribui para o aumento da cidadania. Recordando Roque Amaro (2000:156), o mesmo afirma que o desenvolvimento local surge como um processo centrado na ideia global de bem-estar das pessoas, através da sua participação e cidadania ativa.

A opção de resposta que nos indica que a UNISOB contribui para o desenvolvimento local e comunitário por via da Educação (20,6%), encontra eco nas teorias que defendem e fomentam a aprendizagem ao longo da vida. É nosso entendimento que é neste âmbito que, como nos indica Osório (2005), ao longo dos últimos anos, se têm multiplicado os programas de formação para os seniores, nomeadamente o amplo desenvolvimento das “Universidades de Terceira Idade”, como instituições que promovem uma intervenção educativa integral “com” as pessoas seniores, que a UNISOB encontra a sua fundamentação, o seu espaço na comunidade e o rumo certo para um contributo efetivo para o desenvolvimento local e comunitário.

2. Inquérito por entrevista

Com o objetivo de compreender a perceção da comunidade sobre o contributo da UNISOB para os alunos e para o desenvolvimento comunitário do concelho de Oliveira do Bairro, foi realizado um inquérito por entrevista (Anexo 2).

Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas ao Senhor Presidente da Câmara Municipal, ao Senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia e ao Senhor Padre da Paróquia de Oliveira do Bairro, que desde logo aceitaram participar no estudo. Seleccionámos estas entidades porque são indivíduos influentes na comunidade e representam várias esferas da sociedade oliveirense. Os inquiridos são todos do sexo masculino, dois estão integrados na faixa etária 50-60 anos, e o Senhor Pároco que tem 41 anos. As respostas ao inquérito por entrevista encontram-se transcritas no Anexo 3.

Assim, na matriz de análise de conteúdo, (Anexo 4) foram definidas três categorias:

- Conhecimento sobre as Universidades Seniores (2.1.)
- Conhecimento sobre a UNISOB (2.2.)
- Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade (2.3.)

Cada categoria encontra-se dividida em subcategorias de acordo como o Quadro 17 que a seguir se apresenta. A categoria *Conhecimento sobre as universidades seniores* integra as subcategorias *papel de uma Universidade Sénior* e *Características dos destinatários das universidades seniores*. A categoria *Conhecimento sobre a UNISOB* está dividida nas subcategorias *forma da tomada de conhecimento sobre a UNISOB* e *Conhecimento das atividades e oferta letiva da UNISOB e sua pertinência*. A categoria *Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade* agrega as subcategorias *Importância para os alunos* e *Importância para a Comunidade*.

No Quadro 17, extraído da matriz de análise de conteúdo das entrevistas apresentam-se, para melhor leitura, as categorias e subcategorias acima descritas.

Quadro 17. Categorias e Subcategorias.

Categoria	Subcategoria
Conhecimento sobre Universidades Seniores	<ul style="list-style-type: none"> • Papel de uma Universidade Sénior • Características dos destinatários das universidades seniores
Conhecimento sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro (UNISOB)	<ul style="list-style-type: none"> • Forma da tomada de conhecimento sobre a UNISOB • Conhecimento das atividades e oferta letiva da UNISOB e sua pertinência
A Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade	<ul style="list-style-type: none"> • Importância para os alunos. • Importância para a comunidade.

A análise dos dados obtidos através das entrevistas será realizada tendo em conta as opiniões dos sujeitos entrevistados, bem como inferências pessoais do investigador.

2.1. Categoria – Conhecimento sobre as Universidades Seniores

A inclusão desta categoria na entrevista teve como objetivo verificar se os entrevistados conheciam o papel das universidades seniores e se conseguiam identificar o perfil dos destinatários preferenciais deste tipo de projeto.

Esta categoria foi dividida em duas subcategorias, conforme referido atrás, que a seguir se especificam: papel de uma Universidade Sénior [2.1.1] e características dos destinatários das universidades seniores [2.1.2].

2.1.1. Subcategoria - Papel de uma Universidade Sénior

Tendo sido questionado aos entrevistados sobre qual entendiam ser o papel de uma Universidade Sénior, os mesmos confirmaram a expectativa inicial, de que seriam conhecedores, de uma forma genérica, sobre qual é o papel de uma Universidade Sénior. Nas respostas, os entrevistados chegam a fazer referência aos aspetos socioeducativos que a caracterizam. A título de exemplo, o Provedor da Santa Casa refere neste âmbito que as universidades seniores “...são espaços especiais que contribuem para o bem-estar psíquico, educacional, para as pessoas que servem, bem como a sociedade em geral.”. A este respeito, o Presidente da Câmara refere que as universidades seniores proporcionam “...uma maior dimensão ao estado de vida da população sénior, permitindo-lhes uma maior qualidade de vida, envelhecer ativamente, garantindo mobilidade física, mental e agilidade, com momentos de estudo, de convívio, alegria e prazer”.

Já o Pároco prefere realçar a Universidade Sénior como o espaço privilegiado para a preservação da memória individual e coletiva, como se de um depósito de sabedoria local se tratasse, que deve estar presente, com as tradições e valores, durante o processo natural de envelhecimento, junto daqueles que beneficiam da frequência deste tipo de projetos.

Percebe-se pelas três respostas obtidas, o reconhecimento da necessidade da presença de um grande humanismo neste tipo de projetos, para com os seus frequentadores, assim como de um grande respeito intergeracional, sendo neste caso, de realçar a importância da sabedoria popular traduzida no conhecimento de cada um dos frequentadores da Universidade Sénior.

2.1.2. Subcategoria - Características dos destinatários das Universidades Seniores

Quanto ao conhecimento dos entrevistados sobre as características das universidades seniores, pela análise das respostas, podemos concluir que um dos grandes méritos das universidades seniores se centra no facto de serem projetos muito abertos à comunidade, sem grandes restrições de acesso, sendo mesmo referido pelo Presidente da Câmara que a população alvo abarca “... desejavelmente a todo o tipo de pessoas, desde letradas a analfabetas, dos mais qualificados aos menos qualificados, independentemente de raça, cor ou credo religioso.”. A este respeito, também o Pároco afirma que “...deve ser dirigido a todas as pessoas (homens ou mulheres), dentro da idade estatutária para integrar este projeto, independentemente, da condição social, cultural, religião ou formação académica ou profissional durante a sua vida ativa/produtiva.” Este entrevistado afirma ainda que projetos deste género devem mesmo ajudar a combater e desmontar a segregação social das sociedades que se regem pelo útil e produtivo, numa clara alusão de que nesta fase da vida em que se encontram os destinatários deste tipo de projetos, “útil” e “produtivo” deverão ser termos desprovidos do significado que tem estas palavras quando direcionadas para a população em fase de vida mais ativa. Estatutariamente, o público-alvo é composto por seniores preferencialmente com mais de 50 anos de idade, sendo que esse dado é do conhecimento dos entrevistados, pois conforme refere o Provedor da Santa Casa “...que se destinam preferencialmente a indivíduos a partir dos 50 anos, na área da cultura geral; musicais; teatro sénior.”.

2.2. Categoria - Conhecimento sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro

No que se refere ao conhecimento que os sujeitos entrevistados têm sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro, procurou-se aferir em particular de que forma haviam tomado conhecimento sobre este projeto, se são conhecedores da oferta letiva e de atividades promovidas pela UNISOB, e sua pertinência. Esta categoria foi dividida nas seguintes subcategorias, conforme referido atrás: forma da tomada de conhecimento sobre a UNISOB [2.2.1] e conhecimento das atividades e oferta letiva da UNISOB e sua pertinência [2.2.2].

2.2.1. Subcategoria - Forma da tomada de conhecimento sobre a UNISOB

De acordo com a análise das respostas, pode-se concluir que os entrevistados obtiveram conhecimento da UNISOB de formas muito diversas. Enquanto o Pároco obteve conhecimento da existência deste projeto “No seio da comunidade que integro e pelas pessoas que participam do projeto da UNISOB”, o Provedor da Santa Casa refere que “O contacto veio através da comunicação social”. Já o Presidente da Câmara afirma que o conhecimento surgiu “Pelo Márcio, na qualidade de Presidente da Junta de Freguesia que institucionalmente me apresentou o projeto...”.

2.2.2. Subcategoria - Conhecimento das atividades e oferta letiva da UNISOB e sua pertinência

No que respeita ao conhecimento das atividades e oferta letiva existente na UNISOB, ela é do conhecimento de todos os entrevistados. A este respeito o Provedor da Santa Casa afirma que “Sim conheço. Todas são de grande importância. Da sua oferta formativa, pelo seu impacto emotivo, cultural, destaco a tuna e o grupo de teatro.” O Pároco refere que conhece esta oferta razoavelmente e no que respeita à sua pertinência afirma que “...são mais relevantes as ofertas como Cidadania e a Gerontologia social e pessoal, a atividade física, as artes manuais e culturais e outras como as referentes à dimensão humana e religiosa das grandes questões da vida num solposto da existência.”. O Presidente da Câmara afirma que conhece as atividades e a oferta letiva, por inerência do cargo que ocupa e, relativamente à sua pertinência, destaca “...sem qualquer ordem de prioridade, entendo ser: Informática, línguas (todas), os trabalhos manuais e os convívios.”.

2.3. Categoria - Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade

A terceira categoria da entrevista pretendeu, por um lado, aferir perceção que os entrevistados têm sobre a importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade.

Conforme referido atrás, esta categoria encontra-se dividida nas seguintes subcategorias: importância para os alunos [2.3.1] e importância para comunidade [2.3.2].

2.3.1. Subcategoria - Importância para os alunos

Pela análise das respostas dos entrevistados quando questionados sobre a importância deste projeto para os alunos, foi possível perceber claramente que os mesmos consideram que a UNISOB têm uma influência positiva na vida dos seus alunos, nomeadamente na promoção de um envelhecimento ativo e na possibilidade que lhes confere se serem recetores e transmissores de ensinamentos em várias áreas do conhecimento.

Relativamente à opinião sobre o impacto deste projeto na vida dos alunos, enquanto promotora do envelhecimento ativo, merece-nos destaque a afirmação do Provedor da Santa Casa, que afirma que se trata “de um projeto válido que muito têm contribuído para o envelhecimento ativo, melhorando o bem-estar social do indivíduo.”. Ainda para o Provedor da Santa Casa, “O facto de tomarem contacto com as matérias ministradas, torna-os mais cultos, dominando as mais diversas áreas do saber. Descobrem talentos existentes, mas há muito escondidos.” Também o Presidente da Câmara refere que “A UNISOB têm contribuído muito positivamente para a promoção do envelhecimento ativo. Numa escala numérica teria uma nota aproximada à nota máxima.”. Quanto aos contributos que a UNISOB deve transmitir aos seus alunos, é referido pelo Pároco que a mesma deve “capacitar, estimular, promover, desenvolver e valorizar a pessoa única que cada um dos alunos nas capacidades/faculdades por cada pessoa desenvolvidas durante as suas vidas ativas, ou agora, pela primeira vez, concretizar sonhos nunca antes realizados.”. Já para o Presidente da Câmara os contributos deverão passar pela transmissão de valores como “...a coesão, a solidariedade, a amizade e o gosto por aprender ao longo da vida; o trabalho em grupo, a vivência de experiências que as pessoas não tiveram possibilidade de ter ao longo da sua vida ativa.”.

2.3.2. Subcategoria - Importância para a comunidade

Pela análise das respostas dadas pelos entrevistados, quando questionados sobre a importância da UNISOB para a comunidade, também é possível perceber que a todos consideram este como um projeto importante, aberto à comunidade, que confere a possibilidade de uma maior socialização e com impactos, não só diretos nos seus utilizadores (alunos, professores, colaboradores e restante comunidade escolar), mas

também no tecido económico local, devido ao movimento de pessoas da periferia ou de outras Freguesias ou Concelhos para o centro da cidade.

Relativamente à importância da UNISOB para a comunidade, importa destacar que para o Provedor da Santa Casa, a UNISOB é “...um espaço, útil e bem divulgado, aberto à comunidade.” Já para o Pároco a UNISOB é “...um espaço razoavelmente aberto à comunidade.”, sendo que “...a localização física (edifício da UNISOB) precisa de se situar no coração da Cidade de Oliveira do Bairro.”. Neste seguimento, e para o Presidente da Câmara “...todos os anos têm havido aumento de inscrições, maior oferta letiva e extra curricular, o que leva a que a breve prazo, seja edificado um novo espaço no centro da Cidade de Oliveira do Bairro para albergar este projeto.”. No que respeita aos desenvolvimentos criados no seio da comunidade de Oliveira do Bairro, por força deste projeto, importa ainda referir o testemunho do Presidente da Câmara quando afirma que a Universidade Sénior trouxe “...maior socialização, que leva a pequenas deslocações e faz com que as pessoas parem na cidade para fazerem as suas compras ou tomar café.” Ainda sob uma perspetiva económica o mesmo inquirido refere também que “o próprio projeto já criou alguns postos de trabalho direto e alguns alunos que frequentam a UNISOB são residentes fora do Concelho”, o que, tudo somado, faz com que haja “...uma maior dinâmica e movimento de pessoas na cidade, o que contribui positivamente no seu desenvolvimento”.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Partiu-se para a presente investigação, tendo como caso de estudo a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro, com os seguintes objetivos: I) Analisar a importância da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro para os seus alunos; II) Analisar a importância da Universidade Sénior de Oliveira do Bairro na promoção do desenvolvimento local. A resposta a estes objetivos foi consubstanciada num conjunto de questões que operacionalizaram a investigação.

De seguida, com base na discussão atrás efetuada, segue-se uma síntese conclusiva que apresenta uma visão de conjunto dos resultados obtidos.

No que respeita à divulgação e conhecimento do projeto por parte dos alunos verificou-se que a UNISOB tem como veículo principal e mais eficaz de divulgação a ação da Junta de Freguesia, pois de acordo com os resultados recolhidos em questionário mais de metade dos inquiridos afirmam terem tido conhecimento da existência e da ação da UNISOB, por intermédio da Junta de Freguesia, entidade que tutela este projeto. Desta forma pode-se concluir que o facto de ser a Junta de Freguesia, que tem na sua génese, um trabalho de proximidade com a população, que tem interesses no desenvolvimento da comunidade local e que tende a conhecer as necessidades quotidianas da sua população, torna-a numa entidade adequada para acolher este projeto, para o implementar e dinamizar, existe um claro benefício para o projeto.

O principal motivo que leva os alunos a inscreverem-se na UNISOB é o interesse em novos conhecimentos, seguindo-se um conjunto de motivações que se dividem entre as aprendizagens específicas, o aperfeiçoamento de conhecimento de determinadas áreas ou mesmo de lazer ou convívio.

No que respeita ao funcionamento do projeto, nomeadamente, ao grau de satisfação com diversos itens relativos ao funcionamento da UNISOB, o grau de satisfação atinge o seu ponto mais elevado relativamente aos Professores, que reúne um total de 94.8% de alunos muito satisfeitos ou totalmente satisfeitos, seguido muito de perto do grau de satisfação com os serviços académicos, com um total de 92,8% de alunos muito ou totalmente satisfeitos. Importa ainda referir a este respeito que a informalidade e a proximidade que os professores cultivam junto dos seus alunos, promovendo uma relação de amizade e respeito, perceptível pela observação direta, ultrapassa as fronteiras da UNISOB e ajuda a formar grupos de pessoas amigas que

se encontram para jantar, tomar café ou simplesmente conviver, fora do contexto da UNISOB. Tais factos levam-nos a concluir que os professores são um ponto forte da UNISOB. Ao invés, o item Instalações é o que reúne menor percentagem de respostas positivas, ainda assim, havendo mesmo 9,3% dos alunos que se manifestam pouco ou nada satisfeitos com as mesmas.

A UNISOB pode ser encarada como um projeto que interfere de forma muito positiva na melhoria da qualidade de vida dos seus alunos.

Uma vez que 99% dos alunos inquiridos reconhecem este contributo. Uma percentagem elevadíssima de alunos considera que a frequência deste projeto é muito importante ou totalmente importante para que façam novas amizades, para que processem a aprendizagem de conteúdos, para que se enriqueçam culturalmente, para que convivam mais, para que tenham novas experiências, para que tenham mais saúde física, mais saúde mental, maior envolvimento na vida familiar, maior envolvimento em grupos na comunidade e uma melhoria do relacionamento interpessoal.

Estes dados são confirmados pela perceção que os entrevistados, representantes da comunidade tem sobre esta questão, considerando que este é um contributo decisivo para a promoção do envelhecimento ativo, pois conforme podemos encontrar nas entrevistas aos 3 entrevistados, relativamente à opinião sobre o impacto deste projeto na vida dos alunos, e conforme testemunhos recolhidos nas entrevistas, trata-se de um projeto válido que muito têm contribuído para o envelhecimento ativo, encontrando melhorias no bem-estar social dos indivíduos, onde o facto de os alunos tomarem contacto com as matérias ministradas, torna-os mais cultos, dominando as mais diversas áreas do saber, pois acabam por descobrir talentos existentes, mas há muito escondidos. Ainda de acordo com testemunhos recolhidos em entrevista, a UNISOB tem contribuído muito positivamente para a promoção do envelhecimento ativo e que numa escala numérica teria uma nota aproximada à nota máxima.

A UNISOB pode ser entendida como um projeto aberto à comunidade.

Quando confrontados com esta questão a totalidade dos inquiridos responderam afirmativamente. Perante este cenário tornava-se importante aferir se, sendo este um projeto aberto à comunidade, se também contribuía para o desenvolvimento dessa mesma comunidade. Uma vez mais houve unanimidade nas respostas com 100% dos

inquiridos a responderem que a UNISOB contribui para o desenvolvimento comunitário de Oliveira do Bairro.

Uma vez mais se encontra sintonia entre as respostas dadas pelos inquiridos e pelos entrevistados, pois relativamente à importância da UNISOB para a comunidade, é afirmado que a UNISOB é um espaço, útil e bem divulgado e aberto à comunidade, sendo que o seu edifício sede precisa de se situar no coração da Cidade de Oliveira do Bairro. A este respeito parece-nos pertinente o testemunho que afirma que todos os anos têm havido aumento de inscrições e maior oferta letiva e extracurricular. A este respeito, os responsáveis políticos já estão a tomar medidas necessárias para colmatar esta lacuna.

No que respeita aos desenvolvimentos criados no seio da comunidade de Oliveira do Bairro, por força deste projeto, importa ainda referir que a Universidade Sénior trouxe uma maior socialização, fruto do contributo dos projetos de cooperação com as diversas instâncias escolares, IPSS, no âmbito do voluntariado, cooperação institucional ou mesmo de representatividade, como a Tuna Académica e o Grupo de Teatro, e já mencionados anteriormente.

Este reforço de cidadania, participação ativa na comunidade, formação de grupos informais e aquisição ou reforço de competências individuais, leva-nos a concluir que o envelhecimento ativo está a ser efetivamente promovido, e conforme também reconhecem os entrevistados, a qualidade de vida, segundo o enquadramento teórico formulado no enquadramento teórico deste trabalho, é uma realidade em crescendo.

Com esta nova dinâmica social, passou a haver necessidade por parte dos alunos, em realizarem pequenas deslocações o que faz com que as pessoas parem na cidade para fazerem as suas compras ou tomar café. Sob uma perspetiva económica portanto, parece-nos haver benefício para o comércio local e em matéria de emprego, importa referir que o mesmo projeto também já criou alguns postos de trabalho direto.

O facto de alguns alunos que frequentam a UNISOB serem residentes fora do Concelho de Oliveira do Bairro, faz com que haja uma maior dinâmica e movimento de pessoas na cidade, facto que também contribui positivamente no seu desenvolvimento.

No que respeita às áreas do desenvolvimento comunitário para o qual os inquiridos entendem que a UNISOB mais contribui, a cultura assume particular destaque, pois é referido por uma elevada percentagem de alunos para tal efeito.

Os contributos deste projeto para um aumento de cidadania e educação na comunidade também mereceram um destaque por parte dos alunos que, reconhecendo essa importância, na prática, também se envolvem em projetos de voluntariado, de cooperação interinstitucional ou em iniciativas pontuais dinamizadas no seio da UNISOB, que visam a promoção da intergeracionalidade, a preservação do meio ambiente, a segurança, o ordenamento do território e a democracia participativa.

Numa leitura global pode-se concluir que a UNISOB, como um projeto aberto à comunidade, como promotora do envelhecimento ativo, e como polo de fomento da aprendizagem ao longo da vida, é muito importante para a melhoria da qualidade de vida dos seus alunos, e em muito contribui para o desenvolvimento local de Oliveira do Bairro.

Como nota de recomendação e no seguimento, tanto dos resultados obtidos, como da observação direta que foi possível ser feita pelo investigador, as atividades de carácter pontual como as palestras, *workshops*, ou visitas de estudo são as atividades curriculares de maior popularidade entre os alunos da UNISOB (63 alunos consideram estas como atividades favoritas). De entre as visitas de estudo mais populares, pode-se referir que se encontram aquelas em que foi possível mostrar aos alunos como se processa uma linha de montagem ou uma unidade de produção de bens ou artigos produzidos por indústrias da região (ex. visita a uma cerâmica ou a uma cooperativa agrícola, atividade de grande importância para Oliveira do Bairro e para a região da bairrada). Neste sentido, sugere-se que seja promovido um programa de dinamização de turismo industrial, que possibilite a alunos de outras universidades seniores visitarem indústrias com processo produtivo e com possibilidade de acolher condignamente estes grupos de visitantes. Ao acolher estes grupos de visitantes (outras universidades seniores), pode-se considerar que se está a promover o turismo local, a dinamizar o comércio de Oliveira do Bairro e a proporcionar novas experiências aos envolvidos.

Face aos resultados obtidos nas motivações dos alunos, nomeadamente no que respeita ao elevado número de alunos que apresenta como principal motivação a obtenção de novos conhecimentos, podemos inferir que a oferta de ensino formal para o público sénior deverá ser uma possibilidade a considerar para ser proposta aos alunos que assim pretendam prosseguir os seus estudos. A proximidade geográfica de Oliveira do Bairro aos grandes centros urbanos de Aveiro e Coimbra, regiões com uma variada oferta de ensino superior, pode ser considerada como uma hipótese de destino para alguns dos alunos que pretendam aprofundar os seus estudos superiores. Outra possível resposta para responder a este interesse está a ser colocada já em prática na UNISOB e prende-se com a criação de cursos intensivos e de curta duração, a funcionarem durante o período que medeia o final de um ano letivo e o início de outro, direcionados para um aprofundamento de matérias lecionadas em algumas disciplinas durante o ano letivo anterior. A primeira experiência deste género está direccionada para os cursos de Informática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaro, R. (1993). “As novas oportunidades do desenvolvimento local”. *A Rede para o Desenvolvimento Local*. Nº 8, 15-22. Faro: Associação IN-LOCO.

Amaro, R. (2000). “A inserção económica de populações desfavorecidas. Factor de Cidadania.” Seminário “Desenvolvimento Local, Economia Social e Cidadania”, Santa Maria da Feira, Caderno de Intervenções Temáticas.

Amaro, R. (2003). “Desenvolvimento – conceito ultrapassado ou em renovação? - Da teoria à prática e da prática à teoria.”. *Cadernos de Estudos Africanos*. Desenvolvimento e Saúde em África Nº 4, Janeiro/Julho. Lisboa, ISCTE.

ANIMAR (2003). *Guia das organizações e iniciativas de desenvolvimento local*. Vialonga: Animar.

António, S. (2011). “Sobre a Velhice e o Envelhecimento Activo – À Maneira de Prefácio” In Jacob, L. e Fernandes, H. (2011) *Ideias para um Envelhecimento Activo*. RUTIS: Associação Rede de Universidades da Terceira Idade Ed.

Arroteia, J. (2008). *Educação e Desenvolvimento – fundamentos e conceitos*. Aveiro. Comissão Editorial. Departamento de Ciências da Educação.

Araújo, A. (2006). *AbcED – Introdução à Educação para o Desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Marquês Valle Flôr.

Bee, H.L. & S.K. Mitchel (1980). *The Developing Person: A Life-Span Approach*, New York: Harper & Row.

Botwinick, J. (1981). *We are aging*. New York: Springer Pub. Co.

Brás, J. (2000). “Novos objetivos, métodos e instrumentos... um futuro para as ADLs...” In *Desenvolver (Des)Envolvendo – Reflexões e pistas para o desenvolvimento local*, 155-169. Messejana: ESDIME – Agência para o Desenvolvimento do Alentejo Sudoeste.

Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva. 3.^a Ed.

Bogdan, R. & Bilklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Brasseul, P. (1981). "En guise de Préface. Pourquoi apprendre quand on a cessé de vivre?". In P. Carré, *Retraite et Formation*, 9-14. Toulouse: Editions Erès. 1.^a Ed.

Brown, J., Bowling, A. & Flynn, T. (2004). Models of Quality of Life: A Taxonomy, Overview and Systematic Review of literature. European Forum on Population Ageing Research.

Caleiro, A. (2011). "Educação e Desenvolvimento: que tipo de relação existe?" II Encontro Luso-Angolano em Economia, Sociologia, Ambiente e Desenvolvimento Rural. 6-8 Outubro de 2011. Universidade Metodista de Angola.

Câmara Municipal De Oliveira Do Bairro (2013). Plano Diretor Municipal de Oliveira do Bairro. Março de 2013.

Canário, R. (1999). *Educação de Adultos; Um campo e uma Problemática*. Lisboa: EDUCA.

Caride, J., Freitas, O. & Vargas, G. (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local*. Porto: Profedições.

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carmo, H. (1999). *Desenvolvimento Comunitário*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carmo, H. (2001) "A atualidade do desenvolvimento comunitário como estratégia de intervenção social". Actas da I Conferência sobre desenvolvimento comunitário e saúde mental. ISPA.

Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carvalho, N., Lisboa, M. & Roque, A. (2009) “Novas Formas de Economia e de Desenvolvimento Sustentável: As Dinâmicas dos Actores Sociais”. in Actas do 1º Congresso de Desenvolvimento Regional de Cabo Verde, 15º Congresso da APDR, Cidade da Praia, Cabo Verde.

Carvalho, N. (2009), “Desenvolvimento Local Sustentável – A Agenda 21 Local como instrumento de política privilegiado para a sua implementação” in *Barlia – Revista Científica sobre Ambiente e Desenvolvimento*, Nº 5, Leiria: Oikos.

Censos (2001). Instituto Nacional de Estatística (2003).

Censos (2011). Instituto Nacional de Estatística (2012).

Cohen, L., Manion, L. E Morrison, K. (2000). *Research Methods in Education*. Londres: Routledge. 5ª Ed.

Cristóvão, A. (1999). “Desenvolvimento: Perplexidades, Propostas e Interrogações.” *Análise - Revista Galega de Economia e Ciências Sociais*, Nº 29, 96-100.

Dahrendorf, R. (1995). *A Quadratura do Círculo: Bem-estar Económico, Coesão Social e Liberdade Política*. Lisboa: Edições 70.

EUROSTAT (2012). *Active Ageing and Solidarity Between Generations – A Statistical Portrait of the European Union 2012*. Belgium: Eurostat.

Fernandes, A. (1997). “Velhice: emergência de um problema social.” *Velhice e Sociedade*. Oeiras: Celta Ed.

Ferreira, A. (2006). “O Ensino e Formação na Terceira Idade: As Universidades de Terceira Idade”

<http://www.rutis.pt/documentos/conteudos/ensino%20terceira%20idade%20ana%20carvalho.pdf>, obtido em 4 de Maio de 2012.

Fonseca, A. (2007). “Envelhecimento e Qualidade de Vida em Portugal: Algumas Evidências e Outras Tantas Inquietações”. I Congresso Internacional Envelhecimento e Qualidade de Vida. Universidade Católica Portuguesa e Unifai.

Fortin, M. F. (2003). *O processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Edições Lusociência. 3.ª Ed.

Gaullier, X. (1988). *La Deuxième Carrière*, Paris: Editions du Seuil.

Geis, P. (2003). *Actividade Física e Saúde na Terceira Idade*. Porto Alegre: Artmed. 5ª Ed.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Ed. 4.ª Ed.

Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas. 5.ª Ed.

Giovanni, C. (2001), in www.Geragogia.net

Goldberg, E. (2008). *O paradoxo da sabedoria. Como pode a sua mente ficar mais forte à medida que o seu cérebro envelhece*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Guillemard, A.M. (1972). *La retraite, une mort sociale. Sociologie des conduites en situation de retraite*. Paris: Mouton.

Haveren, T. (1999) “Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida”. *Cadernos Pagu*. Gênero em Gerações. Campinas, Nº 13. SP: Publicação Núcleo de Estudos de Gênero, UNICAMP.

Henriques, J. M. (1987). “Municípios portugueses: a caminho de um estilo alternativo de desenvolvimento?”. *Cadernos Municipais*. Lisboa: Fundação Antero de Quental, Nº 4, 6-14.

Jacob, L. (2005a). “As Universidades da Terceira Idade: Um exemplo para a educação de adultos.” RUTIS: Associação Rede de Universidades da Terceira Idade.

<http://www.rutis.pt/documentos/conteudos/Universidades%20da%20Terceira%20Idade%20luisjacob.pdf>, obtido em 12 de Abril de 2013.

Jacob, L. (2005b). "As Universidades da Terceira Idade: Um a resposta social ou educacional." RUTIS: Associação Rede de Universidades da Terceira Idade.

<http://www.rutis.pt/documentos/conteudos/Social%20ou%20educacional.pdf>, obtido em Abril de 2013.

Jacob, L. (2007). *Animação de idosos*. Porto: Ambar.

Jacob, L. (2011). "Universidades da Terceira Idade: Criar Novos Projectos de Vida" In Jacob, L. & Fernandes, H. *Ideias para um Envelhecimento Activo*. RUTIS: Associação Rede de Universidades da Terceira Idade Ed.

Jacob, L. (2012) *Universidades seniores: Criar novos projectos de vida*. RUTIS. Almeirim.

Korten, D. (1990). *Getting to the 21st Century: Voluntary Action and the Global Agenda*. West Hartford: Kumarian Press.

Lenoir, R. (1989). "Objet Sociologique et Problème Social." In Lenoir, R., Pinto, L., Champagne, P. & Merllié, D. *Initiation à la Pratique Sociologique*. Paris: Dunod.

Lessard-Hébert, M, Goyette, G. & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa : Instituto Piaget.

Lemieux, A. (2001) *La gerontagogie. Une nouvelle réalité*. Montréal: Éditions Nouvelles.

Lemieux, A. (1999). "La gérontagogie et les programmes universitaires pour les personnes du troisième âge. Perspectives pour les Facultés d'Éducation". International Conference on Elder University Programs : Education, Research, Social Reengagement and Collaboration Networks. Granada. Dezembro.

Lemieux, A.; Boutin, G.; Sanchez, M. & Riendeau, J. (2003). "The faculties of education in the traditional universities and the third age universities: A model of partnership." Versão policopiada, p. 9.

Lima, M. P. (2004). Envelhecimento e perdas. Como posso não me perder? *Psychologica*. Nº 35, 133-145.

Lima, L. (2007). *Educação ao Longo da Vida. Entre a mão direita e a mão esquerda de Miró*. São Paulo: Cortez Editora.

Magalhães, C., Fernandes, A., Antão, C. E Anes, E. (2010). “Repercussão dos Estereótipos sobre Pessoas Idosas”. *Revista Interdisciplinar de Gerontologia*. III (2), 7-16.

Marconcin, Real, Dias E Fonseca (2010) *Revista Interdisciplinar de Gerontologia*. III (2), 7-16.

Marconcin, P., Real, N., Dias, C. & Fonseca, A. (2010). “A representação das Universidades Seniores, o bem-estar subjetivo e a prática da atividade física em idosos”. *Revista Transdisciplinar De Gerontologia*. Universidade Sénior Contemporânea, Ano IV – volume III. Nº 2, 1-104.

Marques, S. (2011) *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Relógio D´Água.

Martin, A. (2007). Gerontologia educativa: Enquadramento disciplinar para o estudo e intervenção socioeducativa com idosos. In A. Osório, & F. Pinto (Coords.), *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget, 47-73.

Martins, S. R. O. (2002). “Desenvolvimento Local: questões conceituais e metodológicas”. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 3, Nº 5, 51-59, Set.

Mergulhão, L. (1997). “Desenvolvimento e ruralidade”, *Economia e Sociologia*, 143-156.

Miranda, H. M. (1988). “A UITI Factor de Desenvolvimento Socio-Económico”. In Universidade Internacional da Terceira Idade (Ed.) *Memórias do 1º Seminário Internacional sobre os Objetivos da UITI*, 150-160. Mem-Martins: Gráfica Europam.

Nazareth, J. M. (2009). *Crescer e envelhecer. Constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Lisboa: Editorial Presença.

Oliveira, J. H. B. (2006). “Espiritualidade, sabedoria e sentido de vida nos idosos”. *Psychologica*, 42, 133-145.

Oliveira, J. H. B. (2008a). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. Porto: LivPsic. 3ª Ed.

Oliveira, J. H. B. (2008b). *Psicologia do Idoso*. Temas complementares. Porto: LivPsic.

Osório, A. R. (2007). Os idosos na sociedade atual. In J. R. Osório & F. C. Pinto (Eds.) *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget, 1-73.

Paúl, C. (1997). *Lá para o fim da vida. Idosos, Família e Meio Ambiente*. Coimbra: Almedina Ed.

Peralta, M. (2011). “Enfoque da Universidade Sénior Rainha D. Leonor das Caldas da Rainha – Um Contributo para o Desenvolvimento Comunitário”. Dissertação com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Instituto Politécnico de Leiria.

Pinto, F. (2007). A terceira idade: idade da realização. In A. Osório, & F. Pinto (Coords.), *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget, 75-103.

Poirier, J., Clapier-Valladon, S. & Raibaut, P. (1999). *Histórias de vida – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora. 2.ª Ed.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva. 3ª Ed.

Reis, P. (2012). Desenvolvimento local: o binómio turismo/áreas rurais nas estratégias e desenvolvimento local. *Exedra*. Nº 6, 155-172.

Schopenhauer, A. (1989). Aforismos para a sabedoria de vida - uma introdução ao livre-pensamento. In Cacia, A. *Ateísmo e Liberdade*, ADC Editora. 7ª Ed.

Silva, A. & Rothes, L. A. (1998). Educação de Adultos. AAVV, *A Evolução do Sistema Educativo e o PRODEP*. Estudos Temáticos. Volume III, Lisboa: Ministério da Educação, 17-103.

Silva, F. (2011). “Qualidade de Vida no Processo de Envelhecimento e a Integração nos Centros de Dia (Uma Perspectiva do Utente)”. Dissertação com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação Especial. Escola Superior de Educação Almeida Garrett.

Simões, A. (1982). Aspectos de gerontologia. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 16, 49-92.

Simões, A. (1990). Alguns mitos respeitantes ao idoso. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. XXIV, 109-121.

Simões, A. (2002). Um novo olhar sobre os idosos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1,2,3, 559-569.

Sousa, L, Figueiredo, D., & Cerqueira, M. (2006). *Envelhecer em família: Os cuidados familiares na velhice*. Porto: Âmbar. 2ª Ed..

Tamer, N. L., & Petriz, G. (2007). A qualidade de vida dos idosos. In J. R. Osório & F. C. Pinto (Eds.) *As pessoas idosas. Contexto social e intervenção* Lisboa: Instituto Piaget, 181- 201.

Trevisan, G. (2009). “Intervenção Comunitária e Inclusão Social: O educador e os actores”. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Cadernos de Estudos, 14.

Trilla, J. (2004). *Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Universidade Internacional Da Terceira Idade (1997). Estatutos. *Gerontologia*. Vol. XVIII, Nº 73-74, 56-71.

Vallesper, J., & Morey, M. (2007). “A participação dos idosos na sociedade: Integração vs. Segregação”. In J. R. Osório & F. C. Pinto (Eds.) *As pessoas idosas: Contexto social e intervenção* Lisboa: Instituto Piaget, 225- 251.

Vellas, P. (1988) “As Universidades para a Terceira Idade – Seus fins”. In Universidade Internacional da Terceira Idade (Ed.), *Memórias do 1º Seminário Internacional sobre os Objetivos da UITI*, 130-139. Mem Martins: Gráfica Europam.

Veloso, E. (2002). “As Universidades da Terceira Idade em Portugal: Contributos para uma Caracterização”. Tese de Dissertação para obter o grau de Doutor. Universidade do Minho.

Veloso, E. (2007). “A emergência das Universidades da Terceira Idade em Portugal” *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Ano 41-3, 273-283.

Viegas, S. M., & Gomes, C. A. (2007). *A identidade na velhice*. Porto: Âmbar.

Viveiros, A. (2008). “O Desenvolvimento Local e a Animação Sociocultural. Uma Comunhão de Princípios”. *Quaderns d' Animació i Educació Social*, Nº 8, Julho.

ANEXOS

ANEXO 1

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA

Este questionário é realizado no âmbito da dissertação do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, da Escola Superior de Educação de Coimbra e tem como objectivo recolher informação sobre os interesses, motivações e percepções dos alunos/as em relação à Universidade Sénior de Oliveira do Bairro (UNISOB).

O presente questionário é anónimo e confidencial. As respostas serão tratadas de forma global. O seu contributo é muito importante, pelo que agradecemos a sua opinião sincera.

O presente questionário encontra-se dividido em quatro partes: A) Identificação, B) Análise da UNISOB, C) Contributos da UNISOB para eventuais mudanças introduzidas na vida dos alunos e D) Relação entre UNISOB e a comunidade.

Agradecemos que responda a todas as questões.

Muito obrigado pela sua participação.

A) Identificação.

1 – Idade: Até 49:___ 50 a 54:___ 55 a 59:___ 60 a 64:___ 65 a 69:___ 70 a 74:___ 75 a 79:___
Mais 80:___

2 – Sexo: Masculino:___ Feminino:___

3 – Habilitações Escolares: 1º Ciclo do Ensino Básico:___ 2º Ciclo do Ensino Básico:___
3º Ciclo do Ensino Básico:___ Ensino Secundário:___ Ensino Superior:___

4 – Naturalidade: Oliveira do Bairro:___ Anadia:___ Águeda:___ Outra:___

5 – Estado Civil: Casado:___ Solteiro:___ Viúvo:___ Separado/Divorciado:___ União de Facto:___

6 – Assinale com um X a opção a que corresponde a sua situação profissional actual:

a) Empregado	
b) Desempregado	
c) Reformado/Pensionista	
d) Não Sabe / Não Responde	

7 – Assinale no quadro referente aos grupos de profissões, a opção à qual corresponde a profissão que exerce ou exerceu durante mais tempo no período da sua vida activa

a) Directores, proprietários e quadros dirigentes	
b) Profissionais liberais, científicos ou técnicos	
c) Empregados administrativos	
d) Empregados do comércio e serviços	

e) Trabalhadores da Indústria e transportes	
f) Trabalhadores da agricultura e da pesca	
g) Trabalhadores domésticos	
h) Não sabe / Não responde	

B) Conhecimento da UNISOB.

(De entre as seguintes opções, assinale com um X aquela que melhor se adequa.)

8 – De que modo tomou conhecimento da UNISOB?

a) Através da Junta de Freguesia de Oliveira do Bairro.	
b) Pelos meios de comunicação social local.	
c) Através de amigos que já frequentavam.	
d) Pela divulgação/publicidade da própria UNISOB.	
e) Por “palavra passa a palavra”.	
f) Não sabe / Não responde	

9 – Assinale com um X os dois principais motivos fundamentaram a sua inscrição na UNISOB?

a) Interesse em complementar conhecimentos já adquiridos.	
b) Interesse em novos conhecimentos.	
c) Interesse na ocupação de tempos livres.	
d) Interesse em conviver mais.	
e) Interesse em frequentar um clube ou actividade extra curricular específica.	
f) Não sabe / Não responde	

10 – Indique, assinalando com um X, as 3 disciplinas que lhe despertaram mais interesse.

a) Português	
b) Francês	
c) Inglês	
d) Alemão	
e) Informática	
f) Cidadania	
g) Gerontologia Social	
h) Culinária	
i) Arte Floral	
j) Artes Decorativas	
k) Bordados	
l) Macramé	
m) Actividade Física	
n) Não sabe / Não responde	

11 – Indique, assinalando com um X, as 3 actividades extra curriculares que lhe despertaram mais interesse.

a) Clube de Caminhada (Tok'andar)	
b) Tuna Académica (Tunisob).	
c) Clube de Leitura.	
d) Clube Lúdico-Pedagógico.	
e) Clube de Fotografia.	
f) Grupo de Teatro.	
g) Palestras, <i>workshops</i> , visitas de estudo ou convívios de carácter pontual.	
h) Não sabe / Não responde	

12 - Recorrendo a uma escala de 1 a 5, sendo: 1 = nada satisfeito, 2 = pouco satisfeito, 3 = satisfeito, 4 = muito satisfeito e 5 = totalmente satisfeito, classifique o seu grau de satisfação, em relação a:

	1	2	3	4	5
a) Professores					
b) Serviços Académicos					
c) Coordenação					
d) Horários					
e) Instalações					
f) Oferta lectiva					
g) Oferta extra curricular					
h) Não sabe / Não responde					

C) Contributos da UNISOB para eventuais mudanças introduzidas na vida dos alunos.

13 – Desde que começou a frequentar a UNISOB, identifica benefícios para a sua vida pessoal e/ou social?

a) Sim	
b) Não	
c) Não sabe / Não responde	

Se respondeu Não passe à questão 15.

14 – Recorrendo a uma escala de 1 a 5, sendo: 1 = nada importante, 2 = pouco importante, 3 = importante, 4 = muito importante e 5 = totalmente importante, classifique por grau de importância para a sua vida pessoal e social, os aspectos a seguir enunciados:

	1	2	3	4	5
a) Novas amizades					
b) Aprendizagem de conteúdos					
c) Enriquecimento cultural					
d) Convívio					
e) Novas experiências					
f) Saúde física					
g) Saúde mental					
h) Maior envolvimento na vida familiar					
i) Maior envolvimento em grupos ou na comunidade					
j) Melhoria do relacionamento interpessoal					
k) Não sabe / Não responde					

ANEXO 2

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA

Esta entrevista semiestruturada é realizada no âmbito da dissertação do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, da Escola Superior de Educação de Coimbra.

Identificação

1 - Idade: ____

2 - Sexo: ____

3 - Habilitações: _____

4 – Naturalidade: _____

5 – Estado Civil: _____

A) Conhecimento sobre Universidades Séniores.

6 – No seu entender, qual é o papel de uma Universidade Sénior?

7 – No seu ponto de vista, quais as características dos destinatários deste tipo de projectos?

B) Conhecimento sobre a UNISOB.

8 - De que modo tomou conhecimento da UNISOB?

9 – Conhece as actividades e a oferta lectiva da UNISOB? Quais as que lhe parecem mais pertinentes?

C) Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade.
--

10 – Qual entende ser a importância da UNISOB na vida dos seus alunos?

11 – Que contributo entende que deve a UNISOB transmitir aos seus alunos?

12 – Como avalia o impacto da UNISOB para a promoção do envelhecimento activo?

13 – Na sua opinião, a UNISOB é um espaço aberto à comunidade?

14 - Que perspectiva tem sobre o impacto da UNISOB na cidade de Oliveira do Bairro?

15 – Considera que a UNISOB intervém no desenvolvimento comunitário da cidade de Oliveira do Bairro. Se sim, de que modo?

16 – Há algum aspecto que não tenha sido perguntado e que queira referir?

ANEXO 3

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA

Esta entrevista semiestruturada é realizada no âmbito da dissertação do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, da Escola Superior de Educação de Coimbra.

Identificação

1 - Idade: __ 41 anos __

2 - Sexo: __ Masculino __

3 - Habilitações: __ Mestrado __

4 – Naturalidade: __ Palhaça __

5 – Estado Civil: __ Solteiro __

D) Conhecimento sobre Universidades Seniores.

6 – No seu entender, qual é o papel de uma Universidade Sénior?

Uma escola de vida feita de experiências pessoais e sociais valorizando a memória viva e adequada à promoção de um envelhecimento natural e positivo pela promoção e transmissão de valores e tradições como depósito de sabedoria local.

7 – No seu ponto de vista, quais as características dos destinatários deste tipo de projectos?

Não deve haver tipologia/perfil de pessoa a quem se dirige o projecto. Deve ser dirigido a todas as pessoas (homens ou mulheres), dentro da idade estatutária para integrar este projecto, independentemente, da condição social, cultural, religião, ou formação académica ou profissional durante a sua vida activa/produziva. Um projecto deste tipo tem que promover a igualdade radical de oportunidades a todos os cidadãos, desmontando a discriminação e segregação social das sociedades que se regem pelo útil e produtivo. A UNISOB deve promover o ser integral e total da pessoa, sem aceção de pessoas.

E) Conhecimento sobre a UNISOB.

8 - De que modo tomou conhecimento da UNISOB?

No seio da comunidade que integro e pelas pessoas que participam do projecto da UNISOB.

9 – Conhece as actividades e a oferta lectiva da UNISOB? Quais as que lhe parecem mais pertinentes?

Sim, razoavelmente. Parecem-me de mais-valia as ofertas que dizem respeito à valorização integral da pessoa na aceitação e na harmonização do seu presente, reconciliada com o seu passado e com esperança no futuro próximo. Por isso, são mais relevantes as ofertas como a

Cidadania e a gerontologia social e pessoal, a actividade física, as artes manuais e culturais e outras como as referentes à dimensão humana e religiosa das grandes questões da vida num sol-posto da existência. No fundo, mais que conteúdos formativos, conteúdos de experiência de vida para valorizar o percurso e experiência de vida pessoal e social como legado para as gerações futuras e dar instrumentos para saberem transmitir essa sabedoria de vida adquirida e agora posta ao serviço das novas gerações.

F) Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade.
--

10 – Qual entende ser a importância da UNISOB na vida dos seus alunos?

Capacitar, estimular, promover, desenvolver e valorizar a pessoa única que cada um dos alunos (as) nas capacidades/faculdades por cada pessoa desenvolvidas durante as suas vidas activas, ou agora, pela primeira vez, concretizar sonhos nunca antes realizados.

11 – Que contributo entende que deve a UNISOB transmitir aos seus alunos?

Ser espaço de troca/intercâmbio de experiência de vida e recuperar/reavivar a pessoa sénior como pessoa fecunda/útil à família e à sociedade, experiência de vida pelo seu valor intrínseco, proporcionando instrumentos de comunicação/partilha dessas experiências e valores educativos às presentes e para as gerações actuais e vindouras.

12 – Como avalia o impacto da UNISOB para a promoção do envelhecimento activo?

Positivo, sem que se caia no extremo de criar um activismo do fazer para mostrar que se é útil/prestável. O envelhecimento activo há-de significar o promover e encontrar o ritmo próprio e harmonioso adaptado à sua circunstância de vida, pacificando e animando a vida presente, olhando o futuro com esperança.

13 – Na sua opinião, a UNISOB é um espaço aberto à comunidade?

É um espaço, razoavelmente, aberto à comunidade. O desafio é permanecer no meio da comunidade e os seus alunos sentirem-se motivados a mostrar/participar na vida da família e comunidade na transmissão das tradições e de valores civilizacionais locais.

14 - Que perspectiva tem sobre o impacto da UNISOB na cidade de Oliveira do Bairro?

Positivo, mas com o crescente desafio de interagir com o tecido social de origem de cada aluno/a, que chegam de vários lugares do concelho de Oliveira do Bairro.

15 – Considera que a UNISOB intervém no desenvolvimento comunitário da cidade de Oliveira do Bairro. Se sim, de que modo?

Sim. Todavia, a localização física (edifício da UNISOB) precisa de se situar no coração da Cidade de Oliveira do Bairro.

16 – Há algum aspecto que não tenha sido perguntado e que queira referir?

- a) A UNISOB deve ser um espaço de vida promotor da pessoa (homem ou mulher) na sua integridade total, independentemente da sua condição social, cultural, económica, política e religioso; e que o custo de inscrição não discrimine e selecione quem tem ou não acesso à UNISOB.

- b) Localização do edifício da UNISOB em lugar mais central da Cidade de Oliveira do Bairro;
- c) Um projecto formativo mais integral que aborde a questão religiosa da vida que está na base natural da vida da maioria dos seniores como sejam o sentido da vida neste mundo e depois da morte; as grandes religiões do mundo e a matriz religiosa da sociedade actual.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA

Esta entrevista semiestruturada é realizada no âmbito da dissertação do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, da Escola Superior de Educação de Coimbra.

Identificação

1 - Idade: 52 Anos

2 - Sexo: Masculino

3 - Habilitações: 3.º ano de Administração Geral e Comércio

4 – Naturalidade: Angola

5 – Estado Civil: Casado

A) Conhecimento sobre Universidades Séniores.
--

6 – No seu entender, qual é o papel de uma Universidade Sénior?

Proporcionar uma maior dimensão ao estado de vida da população sénior, permitindo-lhes uma maior qualidade de vida, envelhecer activamente, garantindo mobilidade física, mental e agilidade, com momentos de estudo, de convívio, alegria e prazer.

7 – No seu ponto de vista, quais as características dos destinatários deste tipo de projectos?

A população sénior, desejavelmente a todo o tipo de pessoas, desde letradas a analfabetas, dos mais qualificados aos menos qualificados, independentemente de raça, cor ou credo religioso.

B) Conhecimento sobre a UNISOB.
--

8 - De que modo tomou conhecimento da UNISOB?

Pelo Márcio, na qualidade de Presidente da Junta de Freguesia que institucionalmente me apresentou o projecto, que visava a cobertura não só da Freguesia de Oliveira do Bairro, mas também de todo o Concelho e Região.

9 – Conhece as actividades e a oferta lectiva da UNISOB? Quais as que lhe parecem mais pertinentes?

Sim, por inerência do cargo que ocupo. As actividades e oferta lectiva que entendo mais pertinentes, e sem qualquer ordem de prioridade, entendo ser: Informática, línguas (todas), os trabalhos manuais e os convívios.

C) Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade.

10 – Qual entende ser a importância da UNISOB na vida dos seus alunos?

Remeto a resposta a esta questão para o que já respondi à questão n.º 6.

11 – Que contributo entende que deve a UNISOB transmitir aos seus alunos?

Os valores, a coesão, a solidariedade, a amizade e o gosto por aprender ao longo da vida; o trabalho em grupo, a vivência de experiências que as pessoas não tiveram possibilidade de ter ao longo da sua vida activa.

12 – Como avalia o impacto da UNISOB para a promoção do envelhecimento activo?

A UNISOB têm contribuído muito positivamente para a promoção do envelhecimento activo. Numa escala numérica teria uma nota aproximada à nota máxima.

13 – Na sua opinião, a UNISOB é um espaço aberto à comunidade?

Sim, todos os anos têm havido aumento de inscrições, maior oferta lectiva e extra curricular, o que leva a que a breve prazo, seja edificado um novo espaço no centro da cidade de Oliveira do Bairro para albergar este projecto.

14 - Que perspectiva tem sobre o impacto da UNISOB na cidade de Oliveira do Bairro?

Pela maior socialização, que leva a pequenas deslocações e faz com que as pessoas parem na cidade para fazer as suas compras ou tomar café. O próprio projecto também já criou alguns postos de trabalho directos e alguns dos alunos que frequentam a UNISOB são residentes fora do Concelho. Tudo somado faz com que haja uma maior dinâmica e movimento de pessoas na cidade, o que contribui positivamente no seu desenvolvimento.

15 – Considera que a UNISOB intervém no desenvolvimento comunitário da cidade de Oliveira do Bairro. Se sim, de que modo?

Sim, pela realização de vários projectos em grupo, por exemplo a Tuna Académica, pela maior socialização, maiores amizades, que com a sabedoria da vida, tendem a ser fortes. Também gostaria de referir aqui que até a saúde mental e física dos alunos da UNISOB saí reforçada, o que em última análise, favorece toda a comunidade.

16 – Há algum aspecto que não tenha sido perguntado e que queira referir?

As questões relevantes já foram referidas. As vantagens são indiscutíveis e fica no ar o porquê de até agora ainda não ter sido criado este projecto, sendo que já há muito que existem seniores e interessados neste tipo de iniciativas, o que evidencia o mérito e o interesse do mestrando e Presidente da Junta que avançou com esta iniciativa.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA

Esta entrevista semiestruturada é realizada no âmbito da dissertação do Mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local, da Escola Superior de Educação de Coimbra.

Identificação

1 - Idade: 53

2 - Sexo: Masculino

3 - Habilitações: Curso Complementar Comércio e Administração

4 – Naturalidade: Aguada de Cima

5 – Estado Civil: Casado

G) Conhecimento sobre Universidades Sêniores.

6 – No seu entender, qual é o papel de uma Universidade Sénior?

As Universidades sêniores, por aquilo que me é dado conhecer, são espaços especiais que contribuem para o bem estar psíquico, educacional, para as pessoas que servem, bem como a sociedade em geral.

7 – No seu ponto de vista, quais as características dos destinatários deste tipo de projectos?

São respostas socio-sociais, que criam atividades, culturais, educacionais e de convívio, que se destinam preferencialmente a indivíduos a partir dos 50 anos, na área da cultura **geral; musicais; teatro sénior.**

B) - Conhecimento sobre a UNISOB.

8 - De que modo tomou conhecimento da UNISOB?

Foi um projeto pensado, no âmbito das respostas sociais da atual equipa que lidera a junta de freguesia de Oliveira do Bairro. O contato veio a através da comunicação social.

9 – Conhece as actividades e a oferta lectiva da UNISOB? Quais as que lhe parecem mais pertinentes?

Sim conheço. Todas são de grande importância. Da sua oferta formativa, pelo seu impacto emotivo, cultural , destaco a tuna e o grupo de teatro.

C) - Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade.

10 – Qual entende ser a importância da UNISOB na vida dos seus alunos?

Daquilo que conheço não tenho dúvidas em afirmar. Trata-se de um projeto válido que muito tem contribuído para o envelhecimento ativo, melhorando o bem estar social do indivíduo.

11 – Que contributo entende que deve a UNISOB transmitir aos seus alunos?

Mesmo e a partir de certa idade, é sempre tempo para aprender e ensinar. Os alunos da UNISOB não fogem à regra.

12 – Como avalia o impacto da UNISOB para a promoção do envelhecimento ativo?

Observo pessoas com muita vontade de viver. O fato de tomarem contato com as matérias ministradas, torna-os mais cultos, dominando as mais diversas áreas do saber. Descobrem talentos existentes, mas há muito escondidos.

13 – Na sua opinião, a UNISOB é um espaço aberto à comunidade?

Sim. É um espaço, útil e bem divulgado, aberto à comunidade. Contudo nos tempos difíceis que vivemos, pode correr o risco de se tornar mais seletivo por causa dos aspetos financeiros.

14 - Que perspectiva tem sobre o impacto da UNISOB na cidade de Oliveira do Bairro?

Que possa ser um espaço cada vez mais utilizado. Que se torne, num polo agregador de pessoas, tendo em consideração todas as suas realidades sociais.

15 – Considera que a UNISOB intervém no desenvolvimento comunitário da cidade de Oliveira do Bairro. Se sim, de que modo?

Naturalmente que sim. Para o desenvolvimento das suas atividades e programas, a UNISOB utiliza meios físicos e materiais. Considerando que o público, são pessoas com algum poder económico, essa é também uma oportunidade, para aplicarem alguns dos seus recursos em favor do próximo.

16 – Há algum aspecto que não tenha sido perguntado e que queira referir?

Gostaria que este projeto possa crescer , na perspectiva de uma abrangência social, tendo por base uma sustentável e equilibrada saúde financeira.

ANEXO 4

Matriz de análise de conteúdo de entrevistas

Objectivo: Aferir o conhecimento sobre as Universidades Séniores

Categoria: Conhecimento sobre as Universidades Séniores

Categoria	Sub Categoria	Unidade de Registo	Inferência
Conhecimento sobre Universidades Seniores	Papel de uma Universidade Sénior	O papel de uma Universidade Sénior.	
	Características dos destinatários das Universidades Seniores	Perfil dos destinatários deste tipo de projectos (idade, sexo, escolaridade, profissão, estado civil).	

Objectivo: Aferir o conhecimento sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro

Categoria: Conhecimento sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro

Categoria	Sub Categoria	Unidade de Registo	Inferência
Conhecimento sobre a Universidade Sénior de Oliveira do Bairro (UNISOB)	Forma da tomada de conhecimento sobre a UNISOB	Comunidade, comunicação social, Junta de Freguesia, entre outros.	
	Conhecimento das actividades e oferta lectiva da UNISOB e sua pertinência	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento das actividades. - Conhecimento da Oferta lectiva. - Pertinência da oferta e das actividades dinamizadas. 	

Objectivo: Determinar a opinião sobre a importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade.

Categoria: Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade.

Categoria	Sub Categoria	Unidade de Registo	Inferência
A Importância da UNISOB para os alunos e para a comunidade	Importância para os alunos.	<ul style="list-style-type: none"> - O impacto deste projecto na vida dos alunos; - Contributos que a UNISOB deve transmitir aos alunos; - A UNISOB enquanto promotora do envelhecimento activo. 	
	Importância para a comunidade.	<ul style="list-style-type: none"> - A UNISOB como espaço aberto à comunidade; - O impacto da UNISOB na cidade de Oliveira do Bairro; - Contributo da UNISOB para o desenvolvimento comunitário de Oliveira do Bairro. 	